



Universidade Federal do Pará – UFPA
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA

RODRIGO GABRIEL DA SILVA OLIVEIRA

***“É NOITE DE REGGAE EM BELÉM DO PARÁ: UMA ETNOGRAFIA EM TORNO
DOS SUJEITOS DA CENA REGGAE EM BELÉM DO PARÁ”***

Belém – PA

2024

Rodrigo Gabriel da Silva Oliveira

***“É NOITE DE REGGAE EM BELÉM DO PARÁ: UMA ETNOGRAFIA EM TORNO
DOS SUJEITOS DA CENA REGGAE EM BELÉM DO PARÁ”***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará, como parte das exigências para a obtenção do grau de mestre.

Área de concentração: Antropologia

Linha de pesquisa: Antropologia Urbana.

Orientador: Dr. Antônio Maurício Dias da Costa

Belém – PA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de
Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O48e Oliveira, Rodrigo Gabriel da Silva.
É NOITE DE REGGAE EM BELÉM DO PARÁ : UMA
ETNOGRAFIA EM TORNO DOS SUJEITOS DA CENA
REGGAE EM BELÉM DO PARÁ / Rodrigo Gabriel da Silva Oliveira.
— 2024.
x, 173 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Maurício Dias da Costa
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2024.
1. Reggae. 2. Cena. 3. Etnografia. 4. Movimentos. 5. Memória
Coletiva. I. Título.

Rodrigo Gabriel da Silva Oliveira

***“É NOITE DE REGGAE EM BELÉM DO PARÁ: UMA ETNOGRAFIA EM TORNO
DOS SUJEITOS DA CENA REGGAE EM BELÉM DO PARÁ”***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará como parte das exigências para a obtenção do grau de mestre, sob orientação do professor Dr. Antônio Maurício Dias da Costa.

Aprovado em: ____/____/____

Prof. Dr. Antônio Maurício Dias da Costa
Orientador

Prof^a. Dr^a. Mônica Prates Conrado (PPGSA)
Examinadora interna

Prof^o. Dr^o. Edilson Mateus Costa da Silva (UEPA)
Examinador externo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha mais sincera gratidão à minha querida mãe, que mesmo não estando mais entre nós, deixou um legado de valores inestimáveis e foi minha maior incentivadora. Seu amor e sabedoria continuam a guiar cada passo que dou.

À minha amada namorada, meu porto seguro nos momentos de dúvida e desânimo, agradeço por seu apoio incondicional e por me ajudar a encontrar forças quando pensava em desistir. Sua presença foi fundamental para minha perseverança, assim como sua família, que me ajudaram das mais diversas formas.

À minha tia Jane e meu tio Luís, minha profunda gratidão por tornarem possível a aquisição do meu notebook, ferramenta essencial para a realização desta pesquisa. Sua generosidade e apoio foram fundamentais para o meu progresso.

Ao meu orientador, que, apesar de tantos problemas que tive, como luto, mudança de tema e falta de tempo, acreditou que eu poderia seguir no programa e apresentar um trabalho relevante academicamente.

Aos estimados professores que tive o privilégio de conhecer, expresso minha admiração e reconhecimento pela dedicação em compartilhar conhecimento e inspirar novos horizontes.

Deixo também meu agradecimento à toda a equipe do PPGSA, coordenadoras Edila, Tânia e Telma, e as secretárias Rosângela e Edileuza, que me ajudaram e foram muito sensíveis à minha situação perante ao curso e minhas dificuldades encontradas ao longo desta jornada.

A todos os meus interlocutores, pessoas fundamentais que me ajudaram na coleta de dados, cujas contribuições e insights enriqueceram minha pesquisa, meu sincero agradecimento. Suas orientações e informações foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Cito nomes como Jean Nascimento, Cleide Roots, Carlinhos, Fumaça, Edinho, Rás Lídio, Cury Pedra, Ras Margalho, as irmãs Fia e Franci e a todos da Família Jackie Brown, e a toda comunidade em geral, que abraçou a ideia de divulgar a cultura reggae para a composição deste trabalho.

Aos amigos que, com suas ideias brilhantes e encorajamento constante, me impulsionaram a concluir esta jornada, meu mais profundo agradecimento. Sua amizade e apoio foram luzes em momentos de desafio.

Por fim, agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, compartilharam este trajeto comigo. Cada gesto de apoio, cada palavra de estímulo, foi fundamental para alcançar este momento de realização.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de fazer uma análise etnográfica e histórica sobre os processos que propiciaram o surgimento e a consolidação da cena reggae em Belém do Pará, compreendendo seus atores, espaços, práticas sociais e ações políticas, navegando em todo o universo que permeia esta cena. Para tal, será utilizado como base teórica as definições de cenas musicais, propostas pelo pesquisador de cultura Will Straw (1991), bem como os conceitos de José Magnani (2001; 2003; 2005) acerca de uma categoria de análise chamada “Pedaço”, que se apresenta como um lugar familiar a um grupo social que, algumas vezes, não se conhecem, mas se reconhecem enquanto “massa regueira”, membros ativos, participantes do que chamo de cena reggae belenense, que servirá de base na análise dos interesses dos atores dos quais tive contato . Além disso, pretendo trabalhar com o conceito de memória coletiva e individual de Maurice Halbwachs (2004) para cruzar as informações obtidas em campo.

Palavras-chave: reggae, cena, etnografia, movimentos, pedaço, memória coletiva.

ABSTRACT

This work aims to carry out an ethnographic and historical analysis of the processes that led to the emergence and consolidation of the reggae scene in Belém do Pará, understanding its actors, spaces, social practices and political actions, navigating the entire universe that permeates this scene. To this end, the definitions of musical scenes proposed by culture researcher Will Straw (1991) will be used as a theoretical basis, as well as the concepts of José Magnani (2001; 2003; 2005) regarding an analysis category called “Piece”, which presents itself as a familiar place for a social group that, sometimes, do not know each other, but recognize each other as “massa regueira”, active members, participants of what I call the Belenense reggae scene, which will serve as a basis for analyzing the interests of actors I had contact with. Furthermore, I intend to work with Maurice Halbwachs' (2004) concept of collective and individual memory to cross-reference the information obtained in the field.

Keywords: reggae, scene, ethnography, movements, piece, collective memory.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01. Postagem de Marcus Doliveira no Facebook.....	46
Imagem 02. Post de Daniel Moraes no Facebook e flyer de divulgação do evento.....	54
Imagem 03. Reggae na feira do açaí.....	55
Imagem 04. Vista da área central.....	55
Imagem 05. <i>Pick up</i> dos Dj's, com Margalho e Bryan se apresentando.....	55
Imagem 06. Alguns pioneiros recebendo medalhas de reconhecimento. A primeira é de Roberto Alvarez, recebendo de Apolinário, que também é pioneiro do movimento reggae. A segunda é de Fumaça, pela militância regueira no bairro da Terra Firme. Abaixo temos os pioneiros colecionadores Ras Fernando e Ras Margalho, que foram peças essenciais no descobrimento do gênero reggae.....	56
Imagem 07. Pioneiros Ras Fernando, Daniel Moraes, Roberto Alvarez, Fumaça e Jeremias....	57
Imagem 08. Matéria no jornal Diário do Pará sobre o 1º ano do programa Sunsplash Rádio Reggae em 11 de abril de 1992.....	62
Imagem 09. Natal das Ladys do Reggae no dia 20 de dezembro de 2021, realizado na vila da barca.....	67
Imagem 10. Postagem de Carol Trindade na rede social Facebook sobre o evento não é não, no intuito de alertar o público feminino ao assédio nos blocos de carnaval, com orientações e distribuição de papeis como esse.....	68
Imagem 11. Serviços oferecidos no Agosto Lilás, no dia 17 de agosto de 2023, realizado na vila da barca. Na foto, consta os serviços de Designer de Sobrancelhas e aferição de glicemia.....	69
Imagem 12. Ação de dia das crianças da equipe Laje Roots, no dia 12 de outubro de 2023. Retirado da página da equipe no Instagram.....	72
Imagem 13. Campanha do Agasalho, realizada no dia 16 de junho de 2023, realizada pelas equipes Grupo União Solidária, Ladys do Reggae e Laje Roots.....	72
Imagem 14. Dia em que conheci o Adson e a Laje Roots. Na foto da esquerda para a direita estão Adson, Rodrigo Oliveira, Cleide Roots, Sergio Botelho, Gleicy Margalho (de vermelho) e outras duas participantes, não identificadas.....	73
Imagem 15. Bandeira da equipe no tributo à Bob Marley 2023. Foto por Rodrigo Oliveira.....	73
Imagem 16. Equipe Laje Roots no Tributo à Bob Marley 2023. Foto retirada da página da equipe no Instagram.....	73
Imagem 17. Bandeirão da equipe Jah Love no Tributo à Bob Marley, no dia 21 de Maio de 2023. Foto tirada por Rodrigo Oliveira.....	75
Imagem 18. Bandeira da Equipe Jah Love proximo ao bar do Roberto, na entrada do Solamar, dia 02 de Julho de 2023. Foto tirada por Rodrigo Oliveira.....	75
Imagem 19. Ação de distribuição de alimentos e brinquedos da equipe Jah Love na ilha do Combú, no ano de 2016.....	75
Imagem 20. Ação da equipe Jah Love na ilha de Mosqueiro no ano de 2023.....	75
Imagem 21. Ação da Triunfo de Jah de Distribuição de cestas básicas e brinquedos no dia 17 de dezembro de 2022 aos moradores da Vila da Barca. Foto da página do Facebook da equipe.....	76
Imagem 22. Bandeira da Triunfo de Jah no tributo ao Bob Marley 2023. Foto por Rodrigo Oliveira.....	76
Imagem 23. Bandeiras da Bobicolor e Remo Roots no 26º Tributo à Bob Marley. Foto por Rodrigo Oliveira.....	77
Imagem 24. 4ª edição da sopa solidária da FJB.....	78
Imagem 25. 13º Natal da Família Jackie Brown nas comunidades Porto do Sal, Porto da Ceasa e Prainha, com distribuição de brinquedos, material escolar e roupas usadas.....	79

Imagem 26. Musa do reggae Roberta Ribeiro e o Professor de dança Eduardo Murvin no Parque dos Igarapés. Imagem captada por Rodrigo Oliveira, na festa da Radiola Estrela do Som.....	90
Imagem 27. Flyer de um concurso de Beleza Negra do Maranhão, realizado em 2019.....	92
Imagem 28. Postagem na rede social Facebook sobre a etapa final do concurso de musa do reggae.....	93
Imagem 29. Flyer do bingo.....	99
Imagem 30. Chegada ao bar do Roberto, pelo lado direito do Solamar.....	100
Imagem 31. Bandeiras do APCREGGAE e Veteranos do Reggae.....	100
Imagem 32. Participantes da festa.....	101
Imagem 33. Visão de dentro do bar. Ao fundo o espaço dos Dj's e bandeiras do Dj Fares e do movimento Anjos do Reggae.....	101
Imagem 34. Bandeiras do Movimento Irmandade Brasil Jamaica e Movimento Ladys do Reggae.....	103
Imagem 35. Ponto alto da festa.....	104
Imagem 36. Foto tirada da vila, momentos antes de minha saída do campo.....	104
Imagem 37. Line up do evento.....	106
Imagem 38. Line up dos Dj's do Maranhão.....	106
Imagem 39. Registro feito por mim de algumas bandeiras espalhadas pelo salão.....	108
Imagem 40. Registro feito por mim do salão central da festa, às 21:30.....	109
Imagem 41. Registro feito por mim do momento de estreia da radiola Black Star, às 23:30h.....	110
Imagem 42. Imagem de satélite da praça Waldemar Henrique. A área em amarelo era onde se concentravam a maior parte dos tributos ao Bob Marley da década de 2000.....	111
Imagem 43. Tributo a Bob Marley de 2013, na praça Waldemar Henrique.....	111
Imagem 44. Vendedores ambulantes se preparando para o tributo, na entrada do Complexo Ver-o-Rio.....	114
Imagem 45. Os quatro espaços dos shows. Tenda Radiola (Radiola Mega Priscila); Tenda Virtual; Tenda Vinil (Radiola Black Star) e palco principal, respectivamente.....	115
Imagem 46. Bandeiras da Remo Roots e da Bobicolor no 26º Tributo a Bob Marley. Foto por Rodrigo Oliveira.....	116
Imagem 47. Cartaz abaixo do elevador da Rod. Augusto Montenegro.....	120
Imagem 48. Semelhante as tradicionais feixas de aparelhagens pela cidade, encontrei esta, a única informando sobre o show, em uma das ruas de entrada para o Parque.....	120
Imagem 49. Ras Margalho e seu filho, Don Bryan.....	121
Imagem 50. Paredão ao lado esquerdo.....	121
Imagem 51. Paredão do lado de fora.....	121
Imagem 52. Paredão ao lado direito, próximo à cabine dos Dj's.....	122
Imagem 53. Salão principal completamente lotado.....	125
Imagem 54. O pesquisador atento ao campo.....	125
Imagem 55. Bandeiras de movimentos localizadas no bar do Roberto, de frente ao Solamar.....	127
Imagem 56. Salão central do Solamar.....	127
Imagem 57. Fundos do porto solamar, na beira do rio.....	128
Imagem 58. Salão principal.....	129
Imagem 59. Área dos shows, com apresentação de Markinho Duran.....	130
Imagem 60. Momento em que a chuva “arriou” no solamar.....	131
Imagem 61. Casais dançando no salão central.....	133
Imagem 62. Casais dançando no salão central.....	134
Imagem 63. Dj Cleide Roots se apresentando, dançando e cantando.....	137
Imagem 64. Bar do Roberto lotado.....	138
Imagem 65. Frente do clube Casa da Mãe Joana, no distrito de Outeiro.....	139
Imagem 66. Salão central da casa da Mãe Joana, durante a apresentação do Dj Scooby.....	140

Imagem 67. Pier do Palafita no por do sol.....	141
Imagem 68. Minha primeira participação na reunião do Fórum do Reggae, no dia 25 de setembro na casa da Família Jackie Brown.....	145
Imagem 69. Minha segunda participação na reunião do Fórum do Reggae, no dia 06 de novembro na casa da Família Jackie Brown.....	147

LISTA DE MAPAS

Mapa 01. Vila que dá acesso ao Porto Solamar, pelo Google Maps.....	99
Mapa 02. Vista do Parque dos Igarapés pelo Google Maps.....	107
Mapa 03. Foto do Google Maps de cima do local do evento. Destaquei em quadrados coloridos de que forma os espaços estavam distribuídos no complexo do Ver o Rio. Amarelo: palco principal; Vermelho: Tenda vinil; Azul: Tenda virtual; Preto; Tenda radiola.....	113
Mapa 04. Foto do Google Maps indicando o trajeto que fiz de minha casa até o local do evento na bicicleta.....	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
01 VOLTANDO ÀS ORIGENS: A CULTURA REGGAE NO NORTE DO BRASIL ...	27
1.1 Reggae roots: primórdios.....	27
1.2 A chegada do movimento reggae no Brasil	32
1.3 Reggae em Belém do Pará e suas memórias.....	38
02 A CENA REGGAE EM BELÉM DO PARÁ.....	51
2.1 Os pioneiros do reggae	52
2.2 Nas ondas do Rádio	60
2.3 Equipes e movimentos	66
2.4 Solta a pedra, dj: a importância do dj na cena	82
2.5 Chama ela pra dançar: um olhar sobre a dança.....	89
03 ETNOGRAFANDO A CENA	96
3.1 Tributo ao Bob Marley	97
3.2 Reggae no parque.....	117
3.3 Porto Solamar	125
3.4 Cena reggae de Belém nos arredores da cidade.....	137
3.5 Considerações Finais	142
REFERÊNCIAS	152
ANEXOS	158

INTRODUÇÃO

Lembro de certo momento da minha infância, aos 9 anos, em que ganhara um aparelho de som com fita k7 com função para gravação de fitas. Influenciado por meus pais, que sempre gostaram de música, eu, desde criança, me apaixonei pela música em geral e aquele novo instrumento de reprodução havia me deixado muito empolgado. A ideia de poder gravar as músicas que eu gostava por cima de uma fita qualquer era maravilhosa. Logo, tratei de pesquisar o gênero musical que mais me atraía naquele momento: o reggae. Lembro de ouvir um programa de rádio¹ que era transmitido depois do almoço, às 14 horas, onde só tocavam reggae. Cheguei a ficar de castigo por “estragar” as fitas de brega de minha família, gravando os “melôs” tocados na rádio.

Curiosamente, quase 30 anos depois, me torno um antropólogo pesquisador, que direcionou seu olhar ao reggae em Belém, trazendo várias indagações e hipóteses ao tema. Afinal, o que significa a cultura reggae para os seus adeptos? Como ela se manifesta em Belém do Pará? Qual a relação político-social que o reggae em Belém carrega em seu bojo? Como os participantes dos movimentos regueiros expressam essa cultura reggae?

Somado a isso, busco também entender até que ponto o reggae em Belém tem incorporado a cultura rastafari em sua composição. E ter bem definido o que é *Roots*² dentro desta cena, buscando responder qual é o imaginário popular do regueiro em relação aos próprios participantes da cena.

Para tal, a pergunta norteadora do trabalho se define em: Como se desenvolve a cena reggae em Belém do Pará? Considerando a sua construção através de casas de festas, Dj's, equipes e movimentos, com atuações de cunho social e festivo e sujeitos participantes.

Retomando a questão dos melôs, que se tratavam de músicas que chegavam no Maranhão ao final da década de 1970, tocadas por rádios ou por festas de radiolas, que não eram chamadas por seus nomes originais. Eram conhecidas por *Melô*, que se trata de uma gíria, que pode ser cantada por qualquer pessoa. Como melô de Poliana, Melô de Valéria (de nomes originais Think Twice da cantora Donna Marie e My mind, de Hugh Mundell, respectivamente. Ambos são jamaicanos).

¹ Nas pesquisas para esse trabalho, lembrei do nome do programa. Tratava-se do reggae vibration, apresentado pelo radialista Roberto Pinheiro, de meados da década de 1990 aos sábados, na Rádio Cultura FM, que será aprofundado no decorrer do trabalho.

² Expressão designada para discriminar as primeiras músicas reggae, ou reggae raiz.

Segundo Brasil (2011): “Os melôs são “aportuguesamentos” dos nomes das músicas a partir da proximidade fônica de um trecho em inglês ou com algum elemento do mundo fenomenológico local ou mesmo em homenagem a alguém. Por exemplo, a música *White Witch*, da banda *Andréa True Connection*, tem o título ‘Melô do Caranguejo’.”

Além disso, a prática do "melô" tinha o propósito de ocultar o título real das músicas em inglês, dificultando assim que outros colecionadores ou DJs conseguissem encontrar uma determinada canção que só uma radiola possuía. Isso estabelecia um sistema de exclusividade para as músicas, onde cada radiola ou DJ tinha suas próprias versões "melô" exclusivas, atraindo o público que sabia que a única oportunidade de ouvir essas músicas era em eventos específicos promovidos por essas radiolas ou disc jockeys. (SILVA, 1992)

Já na adolescência, aquele momento de descobertas musicais, o reggae e o rock me chamaram bastante atenção, no qual acabei enveredando com mais entusiasmo para o lado do rock. Entretanto, o reggae sempre esteve presente em minha vida, ora em casa, ouvindo os sons de meus vizinhos, ora em relações sociais, onde meus amigos mais velhos frequentavam os locais de festas de reggae, como Solamar e Parque dos Igarapés³. O fato de ser muito novo e não poder entrar nas festas acabou me afastando do reggae. Não que o rock me proporcionasse festas, mas a influência midiática que havia naquele momento sobre o rock, como por exemplo o extinto canal MTV Brasil, me aproximou mais daquela cena.

E agora, tenho a oportunidade de revisitar esse “momento reggae” de minha vida fazendo uma etnografia a respeito desta cena⁴ na cidade onde moro. Como dito, a escolha do tema desenvolveu-se a partir de diversos fatores. Além de meu interesse juvenil na música reggae, também se deu minha posterior ida a esses espaços que propagam esta cultura, seja em festas, seja nas relações que colhi ao longo da vida, com pessoas de forte ligação ao movimento.

Tais pessoas me mostraram que o reggae não era apenas um estilo musical, mas também um movimento político-cultural, que contém algumas características que se assemelham aos movimentos em que me envolvi, de natureza social, como reuniões de bairro, participação em centro acadêmico, e posteriormente, ministrar aulas voluntárias em cursinhos populares.

³ Duas casas de shows de reggae tradicionais da cidade, localizadas nos bairros do Telégrafo e Coqueiro, respectivamente. Essas casas serão meus principais componentes de campo.

⁴ Para realizar este estudo, me apoiei no conceito de cena de Will Straw (1991), em que uma cena musical, se configura como um espaço cultural onde diversas práticas musicais coexistem e interagem, influenciando-se mutuamente através de processos variados de diferenciação e por meio de trajetórias distintas de transformação e troca de influências. Desta forma, a cena reggae, que possui uma história muito densa, se mantém na história e na cultura paraense.

Durante meus quatro anos nos cursinhos, tive a oportunidade de realizar ações sociais, nas quais pude conhecer Jean Nascimento⁵, que, em uma ocasião festiva, me levou ao extinto bar Jamaica Palace, localizado no bairro da Pedreira, onde fui apresentado a alguns atores que compunham a cena, na época. A partir de então, comecei a nutrir um interesse não apenas pelo reggae enquanto gênero musical, mas também por esse âmbito político-cultural.

Ao procurar uma definição do que seria a palavra reggae, não tive resultados satisfatórios, pois há muitas histórias⁶ diferentes e divergentes entre si, como a que o reggae significa desigualdade ou raiva. No entanto, é possível compreender o fenômeno reggae a partir do seu surgimento, tal como Silva (2007) pontua:

“O reggae surgiu na Jamaica, em meados dos anos sessenta, como consequência de uma evolução rítmica e musical, desde as tradições negro-africanas, passando pelo mento, pelo rocksteady, rhythm and blues, além das influências marcantes do rastafarianismo. Desde o seu início, e ao longo dos anos setenta do século XX, o reggae concentrou todas as expressões sociais, culturais e políticas da Jamaica, por meio de compositores e cantores, adeptos do rastafarianismo, que se tornaram profetas, críticos sociais ou líderes espirituais, atribuindo-lhe uma característica de movimento messiânico.” (SILVA, pg. 22, 2007)

Outro autor especifica que o surgimento do reggae se deu em áreas pobres de Kingston, Jamaica, onde houve o aparecimento do Sound System, que eram chamadas festas ou discotecas de rua e tocavam Rhythm and Blues norte-americano⁷, o Mento⁸, Ska⁹, o Rocksteady¹⁰ também aparecia nessas festas e logo após o Reggae (SILVA, 2020).

⁵ Este é coordenador e um dos fundadores do cursinho popular Emancipa - Unidade Fátima Bessa, no bairro do Umarizal, do qual fiz parte. Além disso faz parte de movimentos sociais na cena reggae, e por isso, será revisitado ao longo dos capítulos.

⁶ Essas histórias serão expostas no capítulo subsequente dessa pesquisa.

⁷ O Rhythm and Blues, comumente abreviado como R&B, é um gênero musical que se originou nos Estados Unidos no final da década de 1940. Ele é um subgênero do blues, misturando elementos do jazz, gospel e música popular afro-americana. O R&B é caracterizado por sua ênfase no ritmo e na batida, bem como pelo uso expressivo de vocais.

⁸ Mento é um gênero musical originário da Jamaica, com suas raízes na cultura afro-caribenha. Este estilo musical, que teve seu auge nas décadas de 1940 e 1950. É considerado um dos gêneros musicais mais antigos do país e tem influenciado muitos estilos musicais jamaicanos posteriores, incluindo o reggae e o ska. O mento tradicional é executado com uma variedade de instrumentos, incluindo banjo, guitarra, maracas, bongôs, tambores e outros instrumentos de percussão. Esses instrumentos são tocados em conjunto para criar um som característico. Além da percussão e instrumentos de corda, o mento pode incluir instrumentos de sopro, como flauta e trompete.

⁹ O ska é um gênero musical originário da Jamaica, que se tornou popular em meados da década de 1950 e início de 1960. É conhecido por seu ritmo animado e contagioso, que combina influências de música caribenha, jazz, rhythm and blues e elementos da música folclórica jamaicana. O ska desempenhou um papel significativo no desenvolvimento da música popular e influenciou outros estilos, como o reggae e o rocksteady. A instrumentação típica do ska inclui guitarras, baixo, bateria, teclados, metais (como trombone e trompete) e instrumentos de percussão, como bongôs. Os metais desempenham um papel importante na criação do som característico do ska.

¹⁰ O rocksteady é um gênero musical jamaicano que surgiu em meados da década de 1960 como uma transformação natural do ska, que era popular na época. O rocksteady é conhecido por seu ritmo mais lento e suave, bem como por suas letras melódicas e emotivas. Esse estilo musical desempenhou um papel fundamental na história da música jamaicana e serviu de precursor para o desenvolvimento do reggae. A instrumentação inclui guitarras, baixo,

Os Sound Systems jamaicanos são sistemas de som móveis compostos por um conjunto de alto-falantes, amplificadores, toca-discos e outros equipamentos de áudio, operados por DJs e "selectas" (seletor de músicas) que tocam discos de vinil. Surgiram na Jamaica na década de 1940 e se tornaram um elemento fundamental da cultura musical jamaicana.

Atrelado a esse movimento musical, sabe-se que o Rastafarianismo também foi uma grande influência para a difusão do estilo de vida “paz e amor”, presente no reggae em meados da década de 1960. O Rastafarianismo teve visibilidade mundial quando alguns artistas de Reggae se converteram à religião, inclusive Bob Marley, que se tornou o mais famoso porta-voz do reggae e do Rastafarianismo na década de 1960 devido à sua música e sua mensagem política. A música de Marley, que combinava elementos de reggae, ska e rock, se tornou popular em todo o mundo e ajudou a difundir a cultura jamaicana e o Rastafarianismo. Além disso, Marley era um defensor ativo dos direitos humanos e da justiça social, e suas letras abordavam temas como a pobreza, a opressão e a luta contra o sistema. Ele também era um símbolo de resistência e unidade para muitas pessoas, especialmente na África e no Caribe. Sua morte prematura em 1981, aos 36 anos, contribuiu para a sua mitificação e para a consolidação de sua imagem como um ícone cultural e político. (RABELO, 2017)

O Rastafarianismo, é considerado um movimento religioso e político para muitos, tal como pontua Presta (2015) quando:

“O movimento Rastafári foi um desses frutos da diáspora africana pelo mundo e surgiu como uma proposta de liberdade e igualdade para o povo negro. A cultura Rastafári apresenta raízes milenares no continente africano e na história etíope, mas formalizou-se na Jamaica, como impulso da diáspora negra em meados da década de 1930, a partir da fusão de práticas culturais de ex-escravizados de origem africana, com interpretações próprias do antigo testamento, aliadas às ideias do movimento pan-africanista, seguindo as palavras do ativista e poeta jamaicano Marcus Garvey. Rabelo (2006) entende que o Rastafári representa, portanto, um movimento de caráter híbrido, milenar, revolucionário, revivalista e contestatório.” (PRESTA, p. 193, 2015)

Já para Silva (2007), o rastafarianismo é uma alternativa cultural que ocorreu a partir de 1950, após a industrialização da Jamaica, no qual milhares de jovens jamaicanos estavam desempregados e desamparados. Neste período, estes jovens encontraram na identidade cultural regueira, uma forma de expressão dos oprimidos e uma construção da sua própria nacionalidade.

bateria e teclados, bem como alguns elementos de metais. Os instrumentos de sopro, comuns no ska, tornaram-se menos proeminentes no rocksteady.

O rastafarianismo ficou mais popular pela figura de Robert Nesta Marley, conhecido mundialmente como Bob Marley, um dos artistas mais conhecidos do gênero, devido a sua contribuição para a popularização do reggae enquanto gênero musical em todo o mundo com suas músicas que falavam sobre amor, paz e justiça social. Suas letras, aliadas à sua presença carismática e engajada, fizeram com que ele se tornasse um ícone da luta contra a opressão e a desigualdade social.

Nos anos 1970, o reggae se tornou cada vez mais popular em todo o mundo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Muitos artistas jamaicanos, como Jimmy Cliff, Peter Tosh e Burning Spear, começaram a fazer sucesso internacionalmente, levando a mensagem do reggae para além das fronteiras da Jamaica.

Essa mensagem, voltada para a resistência dos oprimidos, bem como um viés religioso-filosófico também está explícita em muitas músicas de reggae, internacionais e nacionais, como por exemplo em trechos da música Babylon System da banda maranhense Tribo de Jah¹¹:

“Everyday
Jah children are dying
Massacred by hunger and illness
Everywhere Jah children are suffering
Abandoned by the system
Abandoned by the system,
that babylon system
Babylon system”

Estas estrofes refletem o sentimento do povo negro que se sentia “abandonado pelo sistema”, sistema esse que eles davam o nome de Babilônia¹². Este nome sempre vem sendo citado em diversas outras músicas reggae, com alusão significativa semelhante. Tal como a palavra “Jah” e “Rastafari” que também são frequentes e explicitam a ideologia por detrás deste gênero musical.

A Banda citada, Tribo de Jah, possui uma ligação muito especial com o Reggae nacional e principalmente com o Reggae belenense. visto que o primeiro show de reggae em Belém foi

¹¹ BEYDOUN, Fauzi; JAH, Tribo de. Babylon System. Roots Reggae. Tribo de Jah, 1995. [On-line]. **Youtube**. 5min58s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xviITmFmxwU>. Acesso em: 23 mai. 2023.

¹² Babilônia para a cultura regueira representa o mundo branco ocidental capitalista, que esfacelava a identidade do povo negro, renegando seus direitos fundamentais como saúde, educação e moradia.

da mesma em 1993, citada por Alex Miranda (Dj Alex Roots)¹³ como sendo seu primeiro contato com esse estilo de música, no documentário “O Reggae em Belém do Pará”.¹⁴

Para muitos ouvintes de programas de rádio, o Reggae chegou à Belém do Pará como um gênero desconhecido, segundo Diego Santos, DJ de reggae e integrante da equipe¹⁵ Lobos do Reggae¹⁶, seu pai ouvia nas rádios e não sabia identificar o que estava escutando. Para ele, tratava-se de um ritmo internacional, semelhante aos ritmos caribenhos que costumava ouvir, como merengue e cúmbia¹⁷. Na época, o Reggae ainda não possuía um espaço consolidado nas rádios e casas de shows da cidade.

Os primeiros espaços de shows e programas de rádio para a apreciação do novo ritmo começaram a surgir na década de 1990. Casas de shows como A Pororoca e African Bar¹⁸, sendo neste último palco para o primeiro show de reggae em Belém, da banda de cegos maranhenses Tribo de Jah.

Somado a isso, temos outros lugares no Brasil em que o movimento reggae se reproduziu desde essa época, tal como o Reggae do Recôncavo Baiano e o famoso Reggae das radiolas maranhenses. Lazzo Matumbi, cantor e compositor baiano, no documentário Reggae Resistência¹⁹, pontua que no começo dos anos 1980 começaram a aparecer alguns indícios de reggae no Brasil. Relata que o que mais despertou a atenção era o interesse pela história

¹³ Alex Miranda, conhecido por Alex Roots é um dj e colecionador que está presente em vários pontos da cena reggae em Belém. Sua história e participação na cena reggae será retomada no capítulo metodológico.

¹⁴ Documentário recente sobre a história do reggae em Belém do Pará. Algumas informações contidas no trabalho fazem parte deste material. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3K6cvgn7Dc>. Acessado em 15/05/2023, às 15:10.

¹⁵ Equipes de reggae são grupos de pessoas que se encontram em festas e eventos de reggae. Nesses eventos, eles se organizam juntos. Quando chegam, colocam suas bandeiras no local, vão às festas com camisas personalizadas com o nome das equipes. Em uma festa que participei no Reggae Club, conversando com Jean Nascimento, ele me explicou que no reggae, existem equipes e movimentos. Não devemos confundir os dois, pois a equipe tem uma característica de encontro, de celebração na festa, de reunião e partilha de sentidos. Já no movimento, além desse caráter de reunião, o diferencial é o envolvimento sociopolítico, de assistência social, trabalhos de distribuição de alimentos, comidas, e serviços, como corte de cabelo, consultas e oferecimento de cursos profissionalizantes nas comunidades.

¹⁶ Esta equipe, composta por DJ's, será uma das equipes aprofundadas no decorrer deste trabalho, bem como Equipe CDP, Freedom Roots, Conexão Rasta entre outras.

¹⁷ Os ritmos caribenhos merengue e cúmbia são bastante populares em Belém, devido à sua proximidade geográfica com o Caribe e à rica mistura cultural da cidade, que combina influências africanas, indígenas e europeias. O merengue, originário da República Dominicana, é conhecido por seu ritmo rápido e alegre, enquanto a cúmbia, da Colômbia, possui um ritmo moderado e sensual. Ambos os estilos fizeram muito sucesso em Belém nas décadas de 70, 80 e 90, tocados em festas de aparelhagem e eventos sociais.

¹⁸ O African Bar foi um dos lugares mais populares nas décadas de 1990 e 2000, localizado no bairro da Campina, tornando-se um cenário para artistas de diversos gêneros musicais, incluindo bandas de reggae, pagode, forró, rock e outras bandas da cena alternativa da cidade. Durante muito tempo, o local dominou a programação de entretenimento aos finais de semana. Assim como a casa de show Apororoca, que funcionava no bairro da Sacramento, entre o período de 1986 a 2015, e também foi palco de grandes eventos na cidade. Este último foi tão importante na vida dos regueiros de Belém que foi realizada uma festa em homenagem aos momentos vividos no local, chamada “Recorda Apororoca”. Essa festa já foi realizada três vezes, sendo a última realizada no também antigo Jamaica Palace, no bairro da Pedreira, em 2019.

¹⁹ Este filme retrata a cultura do reggae na Bahia, o que seus participantes chamam de reggae do recôncavo baiano.

semelhante à sua história. Tratando-se de um país de terceiro mundo. Com um país de história semelhante à do Brasil e de outras nações do continente africano.

Nesse ponto é importante discutir brevemente como o povo negro influenciou a cultura do povo brasileiro quando houve a denominada diáspora africana. Esse fenômeno foi o processo de migração de africanos escravizados durante o tráfico transatlântico.

Este processo é o expressar de um resultado do maior entrelaçamento e fusão, da sociedade colonial, de variados elementos culturais africanos, asiáticos e europeus (HALL, p.31, 2003)

Um exemplo dado por Rodrigues (2012) é a construção da nossa linguagem e idioma que apesar de terem vindos de descendência portuguesa, também possuem explícitos elementos africanos e indígenas.

Dessa forma o Brasil pode ser considerada como uma sociedade afro-diaspórica, pois foi construído com base nesse processo relacional entre cultura colonizada e colonizadora, apresentando diversos elementos sincréticos, em especial na música Reggae, objeto desse trabalho.

Outro autor que também discute esses aspectos é Paul Gilroy (2001) quando em seus textos discute que necessitamos de uma abordagem transnacional para pensar sobre a experiência negra globalmente, destacando que as comunidades negras em ambos os lados do Atlântico mantiveram um intercâmbio intenso desde os séculos XVIII e XIX. Logo, esse movimento de troca vem a explicar a raiz da formação das diversas culturas negras intercambiadas no Brasil, dentre elas a música Reggae que ao ser trazida para cá, também sofre variações culturais como o samba-reggae, o reggae do recôncavo baiano e o reggae eletrônico.

Considerando que o reggae possui raízes afrodiaspóricas, esta pesquisa também busca compreender como tais referências são apropriadas, reinterpretadas ou eventualmente apagadas na cena reggae belenense contemporânea.

Nestas constantes trocas culturais, o reggae chega ao Maranhão de uma forma similar às *Sound Systems* jamaicanas, com aparelhos de som focados em graves, posteriormente intitulados como radiolas, no qual Silva (2007) mostra com a seguinte definição:

“[...] Elas são sistemas montados com uma aparelhagem sofisticada, contendo várias caixas de som formando paredões nos clubes, possuindo semelhanças com os “soundsystems” jamaicanos que popularizaram o Ska e depois o Rock Steady como alternativa ao controle excessivo exercido pelo governo à rádio jamaicana.

Operadas por discotecários que nem sempre são os seus proprietários, as radiolas são contratadas para animar festas em vários pontos da cidade, da mesma forma que os sound systems jamaicanos. As radiolas maranhenses não nasceram com o reggae, elas já existiam anteriormente, promovendo

festas com forró, lambada, merengue, entre outros ritmos, em festejos de santo na capital ou no interior do estado.”

Feita esta breve explanação sobre a história do reggae, inicialmente visou trazer um breve repertório ao leitor para que se possa entender os meus questionamentos acerca do movimento em Belém e também meus objetivos para com esta pesquisa. A partir de minha ida a casa de shows Jamaica Palace em 2019, como mencionado anteriormente, passei a pensar no reggae para além de um gênero musical. E percebi que sua história precisava ser investigada. Cheguei a pensar no desenvolvimento de um artigo, junto a um amigo, sobre a história do reggae em Belém. Acabamos por não concluir este projeto na época. Desde então, venho nutrindo essa vontade de criar um trabalho sobre o reggae, inclusive para aproveitar o momento em que posso entrevistar pessoas que foram importantes para o desenvolvimento do reggae em Belém, como o radialista e empresário Roberto Pinheiro²⁰ e o Dj Ras Margalho²¹.

É importante citar essas histórias para que se justifique a escolha deste tema como uma preocupação de implicação pessoal. Segundo Minayo (2016), “ao apresentar um projeto, o pesquisador assume uma responsabilidade pública com a realização do que foi prometido”. E é a partir deste compromisso que pretendo etnografar a cena reggae de Belém, apontando as impressões de um antropólogo urbano sobre este fenômeno, que possui altos e baixos, como toda a cena.

O levantamento em campo foi realizado entre os meses de maio à novembro de 2023, inicialmente acompanhando as festas, e, à medida em que fui conhecendo a cena, participando de reuniões, eventos públicos e visitando lugares associados à cultura reggae em Belém. Embora o trabalho dialogue com memórias sobre as décadas de 1990 e 2000, o recorte etnográfico concentra-se nas experiências observadas durante esse período de campo.

Minha inserção no campo também exige uma reflexão sobre meu lugar enquanto pesquisador. Por já ter frequentado alguns espaços de reggae e conhecido sujeitos vinculados à cena, entrei no campo a partir de uma relação parcialmente familiar. Ao mesmo tempo, minha posição como homem branco e pesquisador impôs limites ao acesso e à interpretação de determinadas experiências. Tais experiências se referem à questão racial, relatadas no capítulo 3, além daquelas relacionadas à presença feminina, ao assédio e às violências de gênero. Por

²⁰ Roberto Pinheiro é advogado, radialista e dono do Parque dos Igarapés. Ele também é um grande incentivador da cultura reggae, promovendo vários shows de artistas jamaicanos na cidade de Belém, em sua casa de show. Roberto também comanda o programa de rádio Reggae Vibration, transmitido atualmente pela Unama FM.

²¹ “Pioneiro”, como é chamado entre os djs e integrantes da cena, Afonso Margalho foi um dos primeiros difusores da cultura reggae no Pará e no Brasil. Irei retomar sua história ao longo do trabalho.

isso, esta pesquisa assume a necessidade de estranhar o familiar e de reconhecer os limites da própria observação etnográfica.

Além das dimensões musicais, políticas e identitárias que estruturam a cena reggae de Belém, é importante refletir sobre as relações de gênero presentes nesse universo. Embora as mulheres tenham participação ativa na cena, sua atuação aparece de maneira dispersa nas fontes consultadas e nas narrativas históricas coletadas, revelando limitações documentais. Assim, a reduzida visibilidade feminina encontrada ao longo da pesquisa não é compreendida apenas como ausência de informações, mas como um aspecto que demanda problematização. Em mais de 50 anos de reggae na cidade, equipes e Dj's mulheres só aparecem nos anos 2000, com as equipes: A mulher no comando, Lady's do Reggae, Tulipet's e a visibilidade da consagrada Dj Cleide Roots. Estas serão analisadas no capítulo 2.

Para tanto, objetivo geral com este estudo é analisar a cena reggae de Belém do Pará, compreendendo seus elementos culturais, sociais, midiáticos, empresariais e políticos, a partir de uma perspectiva etnográfica, dialogando com o conceito de cena proposto por Will Straw (1991), que a conceitua como um conjunto de práticas musicais, sociais e culturais que ocorrem em um lugar específico, criando uma rede de interação e identidade coletiva entre os participantes.

Meus objetivos específicos são investigar a história da cena reggae em Belém, compreendendo sua formação e desenvolvimento ao longo do tempo, assim como identificar os principais elementos culturais e estéticos presentes, a influência do rastafarianismo e a cultura reggae como um todo. Outrossim, pretende-se compreender as dinâmicas sociais e políticas que permeiam esta cena, observando as relações entre os participantes, as formas de organização e as disputas políticas e simbólicas travadas nesse espaço. E, naturalmente, contribuir para a produção de conhecimento sobre este objeto, preenchendo a lacuna²² existente na bibliografia sobre o tema e fornecendo subsídios para a compreensão desta cultura.

Para o alcance dos objetivos citados, farei uso da abordagem qualitativa, que segundo Chizzotti (1998), a pesquisa qualitativa permite: “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Isso porque “o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado” (CHIZZOTTI, p. 83, 1998).

²² Esta lacuna a qual me refiro foi constatada através da revisão bibliográfica deste trabalho, no qual pouco embasamento teórico fora encontrado a respeito da cena em Belém. Logo, outras cenas foram analisadas para agregar a esta pesquisa.

Logo, considero esta abordagem a mais pertinente para os meus estudos, haja vista que dentro do próprio saber antropológico respeita-se a mesma ideia de que os dados vão muito além do mundo objetivo, mas fazem um entrelace dinâmico entre o real e a subjetividade do sujeito.

Dentro da abordagem qualitativa, o instrumento metodológico utilizado será a observação participante. Esse método pode ser utilizado quando o observador se coloca em uma contingência social para pesquisar algum fenômeno de seu interesse. Neste caso, ele procura ter uma relação direta com seus interlocutores e participa, o quanto puder, do cenário cultural em questão, para colher dados e compreender os eventos. (MINAYO, p.64, 2016)

Este método é especialmente apropriado a modelos de estudos exploratórios e descritivos, pois frequentemente recorre-se a este, depois de cada sessão de observação, através das descrições qualitativas e narrativas que colaboram com a investigação do objeto. (MÔNICO *et al*, 2017)

Minayo (2016) também acrescenta que a filosofia que dá base a este método é a necessidade que pesquisadores sociais têm de relativizar o espaço e praticar a alteridade, pois a proximidade com os interlocutores é considerada uma virtude.

Dentro da abordagem qualitativa, utilizaremos especificamente o fazer etnográfico, que segundo Peirano (2014) não é considerado um método, pois ela o compreende como uma prática complexa e de várias dimensões, destacando a importância da empiria: eventos, acontecimentos, cheiros, sabores e tudo o que podemos sentir. Ingold (2016) ressalta que: “[...] a descrição etnográfica, pode-se dizer, é mais uma arte que uma ciência, mas não menos precisa ou verdadeira”. Outro ponto sobre a etnografia discutido por Mattos (2011) é que ela é um procedimento de coleta de dados em que a própria nomenclatura sugere seu significado, pois se origina do grego *Etno*+ *Grafos* ou “Escrever sobre”. Visto que, em outros tempos, a pesquisa científica era feita dessa forma pura e simplesmente, antes dos pesquisadores desenvolverem métodos mais sistemáticos ao longo dos anos (MATTOS, 2011).

Entretanto, ao longo da evolução metodológica, Geertz discute que a etnografia consiste em ir a lugares e ter informações reais de como as pessoas vivem nessas comunidades ao invés de ficar apenas refletindo literariamente, pois ele acredita que a etnografia é uma forma muito mais prática de pesquisa. (GEERTZ, 2005)

Clifford Geertz, desde sua obra intitulada *A interpretação das culturas* (1989), já vinha discutindo que a cultura só pode ser observada a partir da relação entre os praticantes. A interpretação dos nativos tem prioridade nas considerações para formar nossa própria interpretação. Para ele, a descrição etnográfica possui quatro dimensões: sempre interpretativa

(não é uma radiografia da realidade); ela interpreta o próprio fluxo da vida social; tenta salvar o dito antes dele se extinguir com novas análises e, por fim, ela sempre começa de forma microscópica, pela qual grandes conclusões são reveladas a partir de fatos microscópicos.

Tendo isto em vista, o etnógrafo se insere nos lugares que deseja investigar, realiza observações e também cria vínculos com os informantes através da interação entre os mesmos, pois assim o pesquisador consegue de fato compreender as peculiaridades dos indivíduos e daquela comunidade (SANTOS, 2014).

Contudo, é importante apontar a obra de James Clifford intitulada *Sobre a Autoridade Etnográfica*, de 1998, pois ele é considerado um dos autores centrais para pensar a desconstrução da etnografia clássica que Geertz no trouxe. O mesmo critica o método de Geertz quando:

“O abrupto desaparecimento de Geertz em sua relação - a quase-invisibilidade da observação participante - é paradigmático. Aqui ele faz uso de uma convenção estabelecida para encenar a realização da autoridade etnográfica. Como resultado, raramente ficamos cientes do fato de que uma parte essencial da construção da briga de galos como texto é dialógica - a conversa do autor cara a cara com balineses específicos, e não a leitura da cultura ‘por cima de seus ombros’ (1973:452).” (CLIFFORD, 1998)

Por isso, James Clifford elabora novos pensamentos sobre o método etnográfico em que nos expõe quatro modos de autoridade, são elas: experiencial, interpretativo, dialógico e polifônico.

Pensando o modo polifônico, que pretende ser “uma produção colaborativa do conhecimento etnográfico, citar informantes extensa e regularmente” (CLIFFORD, 1998, p.54) e o modo interpretativo, posso revisar meu olhar sobre a cena reggae e enxergar meu lugar de autoridade de forma crítica. Logo, acredito que meu trabalho de investigação atravessa esses conceitos pois também busco compreender a interpretação do nativo, no caso, os participantes da cena, como prioridade em minhas considerações conceituais e experiências de campo.

A falta de experiência com o trabalho de campo me fez refletir sobre o norte da minha pesquisa. A superação do senso comum do que é dito sobre a cena reggae, sobre estereótipos que esta produz, como por exemplo o uso de maconha por alguns participantes, me deu força para romper esses paradigmas. O antropólogo Roberto DaMatta (1987) pontua que o trabalho de campo consiste na busca por novas informações, lançando novos olhares sobre a cena, procurando uma nova perspectiva aos problemas, impulsionando um diálogo com as teorias.

Uma forma de “repensar a antropologia” (DaMatta, 1987, p. 147) insistentemente fomenta e promove o “relativizar” na disciplina. O que se busca, a partir do envolvimento do pesquisador com o objeto de pesquisa é a observação participante, a experiência de

familiaridade com os sujeitos da pesquisa, devido aos elementos ocultos, que não estão postos a olho nu, exigindo um “esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia” (Velho, 1978, p.2).

Dada esta explicação sobre os métodos etnográficos, cabe ressaltar que o meu objeto difere dos objetos dos primeiros estudos antropológicos, pois ele vai de encontro ao conceito de Antropologia Urbana, na qual terei como aporte teórico Gilberto Velho e José Magnani.

A antropologia urbana é uma vertente de pesquisa que se preocupa em investigar os fenômenos socioculturais que ocorrem na cidade, no urbano e todos os sujeitos que a compunha. Destarte, minha preferência por esse viés de conhecimento e pela proposta que meu trabalho carrega, é o caminho que coaduna aos meus objetivos de pesquisa, pois acredito que é no meio urbano que o mesmo aparece com mais clareza. Tal como Gilberto Velho considera:

“A antropologia nas metrópoles e nos grandes centros urbanos em geral defronta-se cada vez mais com novos e velozes sistemas de comunicação e informação, que se agregam e interagem com redes de relações e categorias sociais das mais variadas características. Embora isso se desenvolva nas sociedades como um todo, num processo de interação entre correntes de tradição cultural, mais ou menos longevas (Barth 1989), é no meio urbano contemporâneo, com sua complexidade e dinamismo, que esses fenômenos aparecem com mais intensidade e nitidez.” (VELHO, 2011)

Outro importante ponto sobre minha pesquisa é que, por eu frequentar anteriormente algumas festas reggae e conhecer alguns sujeitos participantes, acreditava que essa cena seria familiar para mim e talvez por isso tivesse pouco estranhamento para analisar o fenômeno. No entanto, a leitura das obras de Gilberto Velho me fez refletir que posso estranhar o familiar, transformando em “exótico”.

“O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente.” (Velho, 1978, p. 5).

Outro autor da Antropologia Urbana que cabe como embasamento teórico é José Magnani, em seu livro intitulado *Festa na cidade* (2001) monta o conceito de pedaço. O pedaço, sugerido por Magnani delinea uma terceira esfera que se situa entre a esfera pública (simbolizada pela rua) e a esfera privada (simbolizada pela casa). Na casa, as relações são predominantemente familiares e envolvem parentes, criando um ambiente de conforto e familiaridade. Por outro lado, a rua é o domínio dos estranhos e desconhecidos, onde as interações são geralmente impessoais.

A categoria do pedaço representa um espaço intermediário onde as relações são estabelecidas com colegas e amigos próximos. Ele é caracterizado por ser um local onde todos os membros têm algum nível de conhecimento mútuo, sabem de onde vêm, quais são suas preferências e assim por diante. Os frequentadores do mesmo pedaço no centro da cidade podem não necessariamente conhecer uns aos outros pessoalmente, mas são capazes de se reconhecerem com base em sinais externos, como a maneira como se vestem, sua postura e a linguagem que usam. Esses sinais externos indicam a sua pertença a esse espaço compartilhado, criando uma sensação de pertencimento e identidade compartilhada entre os indivíduos que frequentam esse "pedaço". Tal como:

"O 'pedaço', porém, apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os parentes (ligados por laços já estabelecidos de antemão) e a rua é dos estranhos (onde, em momentos de tensão e ambiguidade, recorre-se à fórmula "você sabe com quem está falando?", para delimitar posições e marcar direitos), o pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e do que se pode ou não fazer." (Magnani, 2003)

Esta categoria nos serve de apoio teórico para compreender o desenrolar das relações sociais presentes na cena reggae belenense. Vários elementos desta cena se apresentam como este terceiro domínio, apontado por Magnani, pois é um lugar em que se encontram colegas e chegados. Dentre esses colegas, há diversos tipos de relações, desde pessoas com participação ocasional ou não²³ nos eventos de reggae, quanto pessoas envolvidas com equipes ou movimentos.

Um exemplo disso é que muitas vezes os Dj's mencionam no decorrer da festa um local antigo em que tocavam e, logo em seguida, colocam uma música da qual estas pessoas se emocionam demonstrando uma identificação com aquele pedaço e conhecimento mútuo. A exemplo disso, encontrei recorrentes falas de Dj's em campos que participei lembrando músicas de outros locais, tal como do Dj Alex Roots no Porto Solamar, em suas domingueiras tradicionais, no dia 02/07/2023: "Essa é do tempo que eu tocava no Reggae dos 48, na década de 90, ô saudade."

A fala de Alex acima é um padrão entre os Dj's que já tocam há muitos anos na cidade. Antes de tocar uma música, falar do tempo em que ela foi lançada, na casa de show específica. Com o tempo, essas casas de shows vão mudando. É um movimento intenso de abertura e

²³ Tais participantes irei explicar melhor ao longo dos capítulos, onde exponho os diferentes objetivos que estes indivíduos almejam, como a dança, o flerte e o consumo de álcool e outras drogas, como maconha e cocaína.

fechamento de vários espaços de reggae que a cidade acompanhou e acompanha ao longo de seus quase 40 anos de história. Esse movimento faz parte do que se configura “pedaço” por Magnani em: “A qualquer momento os membros de um pedaço podem eleger outro espaço como ponto de referência e lugar de encontro.” (p. 178, 2005)

Mediante isso, minha pesquisa compreende este direcionamento de Magnani como uma forma de interpretação do todo observado. Utilizarei esse conceito como forma de direcionar o meu olhar enquanto pesquisador, que a partir da observação, busca analisar o campo pela ótica do pedaço.

Além disso, outro teórico que servirá como base para esta pesquisa será o canadense Will Straw, em que o mesmo dá uma definição necessária para a compreensão do conceito de cena, que será fundamental para a resposta das perguntas problema da pesquisa. Inicialmente, Barry Shanks (1988) apontou uma noção de cena para explicar como diferentes práticas musicais se desenrolam em um espaço geográfico. Straw, em *Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music*, de 1991, conceitua cena como:

“Uma cena musical, em contraste, é o espaço cultural no qual coexistem várias práticas musicais, interagindo umas com as outras no âmbito de uma variedade de processos de diferenciação e de acordo com trajetórias de mudança e fertilização cruzada muito variadas.” (STRAW, 1991)

Já no artigo: “Some things a scene might be”, de Will Straw (2015), o autor sugere que uma cena pode ser composta por um cenário musical ou de artes visuais, bem como por restaurantes, bares e boutiques que servem de suporte para o primeiro. Além disso, o texto afirma que as cenas são locais de trabalho, onde grande parte da atividade que ocorre dentro delas envolve um trabalho transformador realizado com materiais e recursos. O autor também menciona que a cena pode ser vista como um espaço de reunião empenhado em reunir as variedades de fenômenos culturais, locais de trabalho envolvidos na transformação de materiais, mundos éticos moldados pela elaboração e manutenção de protocolos comportamentais, espaços de travessia e preservação através dos quais as energias e práticas culturais passam a velocidades específicas e como espaços de mediação que regulam a visibilidade e a invisibilidade da vida cultural e a extensão da sua inteligibilidade para os outros.

No caso de minha pesquisa, a cena é composta por um cenário musical, que abraça a cultura reggae com músicas, ambiências, roupas, dança e aspirações em comum entre os participantes da festa. A cena reggae belenense, que, na maioria das vezes, se apresenta em locais de festas, casas de show, bares, praças e outros, se mostra elegível a uma categoria de

análise de cena para Straw, que, em entrevista para Jeder Janotti Junior (2012), configura cena como “as esferas circunscritas de sociabilidade, criatividade e conexão que tomam forma em torno de certos tipos de objetos culturais no transcurso da vida social desses objetos.”

Embora o conceito de circuito pudesse contribuir para o mapeamento dos deslocamentos entre casas de show, bares e eventos, optei pelo conceito de cena por ele permitir compreender um conjunto mais amplo de práticas musicais, sociais, políticas e simbólicas. A cena reggae belenense não se restringe aos espaços festivos: ela também envolve reuniões de lideranças, ações assistenciais, fóruns, disputas por reconhecimento e formas de pertencimento coletivo.

Fiquei sabendo a partir do Jean sobre o Fórum do Reggae, espaço de articulação entre sujeitos, lideranças e movimentos vinculados à cultura reggae em Belém. Este espaço é de fundamental importância para a compreensão da cena reggae hoje. É um espaço de debates, reivindicações, planejamento de eventos e disputas por legitimidade cultural. No capítulo 3, passo minhas impressões sobre o fórum, observando reuniões de lideranças de equipes e movimentos.

Por conseguinte, a explanação feita anteriormente, dividirei o meu trabalho de modo que fique mais didático ao leitor iniciando com uma breve introdução, na qual sintetizo as ideias centrais, e delimito pontos chave do objeto. No capítulo 1, abordo a história do reggae em 3 tópicos. No tópico 1, pretendo expor o reggae roots e seus primórdios. Uma breve história do reggae no mundo. Já no tópico 2, explano a chegada do movimento reggae no Brasil e suas influências regionais. Para embasar os tópicos 1 e 2, farei uso de fontes bibliográficas, visto que os dados analisados na pesquisa se cruzam com as informações pesquisadas do que foi cada momento. No terceiro tópico, analiso as memórias dos sujeitos do reggae em Belém do Pará, com foco na época de 1990 e 2000. Para que se realize, meu procedimento metodológico se debruçará em revisão literária, análise fílmica e análise de memórias.

No capítulo 2, explano com mais detalhes cada ponto que considero relevante para montar o escopo da cena reggae em Belém. Para isto, utilizarei entrevistas semiabertas com os pioneiros do reggae no primeiro tópico, junto com o diário de campo de um evento que participei chamado Reggae em Homenagem aos Pioneiros. No segundo tópico, explano um pouco sobre a importância da rádio para a disseminação da música reggae. No tópico 3, irei explicar as equipes e movimento de reggae em Belém, os que incentivam, criam e divulgam

eventos para a massa regueira²⁴ paraense. Já no tópico 4, abordo a vida e a rotina de alguns Dj's no que toca ao seu trabalho na cena. No último tópico, apresento a questão da dança do reggae de Belém, que se hibrida com outras danças regionais. Para tal, serei abarcado por algumas pessoas que se destacaram no meio. Visto isso, utilizarei principalmente os conceitos de cena de Will Straw e pedaço de José Magnani.

No capítulo 3, trago a etnografia sobre os espaços e experiências na cultura reggae, analisando de que forma ela se desenvolve a luz dos conceitos da antropologia urbana. Nesse momento, evoco minhas anotações nos diários de campo, explicitando todo o material coletado, por cinco principais campos. São estes: Tributo ao Bob Marley do ano de 2023, algumas festas no parque dos igarapés, no porto Solamar, entre outras casas que abordarei ao longo do trabalho. Após a etnografia, trago as considerações finais, com participações em reuniões de direção.

A relevância desta pesquisa também se justifica pela escassez de estudos acadêmicos dedicados especificamente à cena reggae em Belém do Pará. Para confirmar este dado, fiz uma pesquisa nos repositórios das universidades e faculdades do estado, utilizando a palavra chave *reggae*. Foi encontrado uma dissertação do Programa de Pós Graduação em Artes, no qual, o enfoque é discorrer sobre as três principais cenas em Belém, sendo estas, Rock, Pop e Reggae, a partir de entrevistas com 3 músicos de cada gênero, a partir da visão de cada um deles; sendo a do reggae dentro da perspectiva do Bruno Rodriguez, cantor da banda *Reggaetown*. Embora existam trabalhos sobre o reggae em outros contextos brasileiros citados neste trabalho, especialmente no Maranhão e na Bahia, a experiência belenense ainda demanda maior sistematização acadêmica, sobretudo no que diz respeito às suas casas de show, DJs, equipes, movimentos sociais e formas locais de pertencimento.

Dessa forma, a importância deste trabalho se dá no preenchimento dessas lacunas, contribuindo para o fortalecimento da cultura reggae local, de modo a fomentar a aproximação da comunidade regueira e toda a sua história com a universidade, como a criação de eventos futuros para debater a cultura, como projetos de extensão, pesquisas acadêmicas, eventos culturais, workshops dentre outras formas. Além disso, a pesquisa pode servir como base para outras investigações sobre a música e a cultura popular na região Norte do Brasil.

²⁴ Massa regueira é a forma que os Dj's e organizadores das festas utilizam para se referir aos frequentadores das festas. Essa expressão aparece nos trabalhos de Albuquerque (1997); Brasil (2011); Silva (1992), na qual se configura com o mesmo sentido acima.

CAPÍTULO 01

VOLTANDO ÀS ORIGENS: A CULTURA REGGAE NO NORTE DO BRASIL

Neste capítulo, será abordada a história do reggae no que toca ao seu surgimento, a partir de uma contextualização histórica e cultural que permeava a Jamaica e o pensamento mundial global de meados da década de 60. Em meio a isto, será explanada de que forma o reggae chegou no Brasil, mais especificamente no norte e nordeste do Brasil, tendo como base os movimentos que se desenvolveram nos estados do Maranhão, Bahia e Pará. Serei embasado por referências bibliográficas que aportam as questões metodológicas que iram nortear o trabalho.

1.1 Reggae roots: primórdios

I want to do the reggay (yeah)
 With you (yeah)
 Come onto me (Let's)
 Do the dance (yeah)
 Is this the new dance? (yeah)
 Going around the town? (yeah)
 We can move you baby (then)
 Do the reggay
 reggay reggay reggay²⁵

A palavra reggae apareceu pela primeira vez no disco compacto do grupo Toots and Maytals, intitulado "Do the Reggay", em 1968. O próprio vocalista afirmou em uma entrevista que é uma palavra que se define como "uma coisa que vem do povo dos guetos". A expressão se deriva de "Streggae", que significa prostituta em caribenho. Bob Marley dizia que o vocábulo era de origem espanhola e significava "a música do rei". (WHITE, 2008, p. 34).

Segundo Silva (2007), o reggae surgiu na Jamaica em meados dos anos sessenta, como consequência de uma transformação rítmica e musical, desde as tradições negro-africanas, passando pelo mento, pelo rock-steady, rhythm and blues, além das influências marcantes do rastafarianismo. Desde o seu início, e ao longo dos anos setenta do século XX, o reggae concentrou todas as expressões sociais, culturais e políticas da Jamaica, por meio de

²⁵ Título da canção: Do the Reggay (single). 1968.

Eu quero fazer o reggay (sim) / Com você (sim) / Venha para mim (Vamos) / Faça a dança (sim) / É este a nova dança? (Sim) / Indo ao redor da cidade? (Sim) / Podemos mover você, baby (então) // Faça o reggay (2x) / reggay reggay.

compositores e cantores, adeptos do rastafarianismo, que se tornaram profetas, críticos sociais ou líderes espirituais, atribuindo-lhe uma característica de movimento messiânico.

Para os rastafáris, a Babilônia é mais do que apenas uma cidade histórica mencionada na Bíblia; é um conceito abrangente que simboliza tudo o que é considerado prejudicial e opressivo no mundo. Fatores como a corrupção e a opressão, sistema babilônico (Instituições Governamentais, Empresas multinacionais e etc.), a questão ambiental, o materialismo e o consumismo do mundo globalizado, a diáspora africana (pois os mesmos defendem que todo o povo negro deve voltar a África, para se unirem contra a babilônia). Logo, esta luta sugere a busca por uma vida em conformidade com os princípios rastafáris são partes fundamentais de sua fé e filosofia.

Exemplos sobre a visão dos rastas sobre a babilônia estão frequentemente citados nas músicas de Bob Marley. Um desses exemplos é a música Babylon System:

We refuse to be
What you wanted us to be
We are what we are
That's the way it's going to be, if you don't know
You can't educate I
For no equal opportunity
Talking about my freedom
People freedom and liberty

Yeah, we've been trodding on
The winepress much too long
Rebel, Rebel
We've been trodding on the
Winepress much too long, Rebel

Babylon System is the Vampire
Sucking the children day by day
Me say the Babylon System is the Vampire
Sucking the blood of the sufferers
Building church and university
Deceiving the people continually
Me say them graduating thieves and murderers
Look out now
Sucking the blood of the sufferers

Tell the children the truth
 Tell the children the truth
 Tell the children the truth right now
 Come on and tell the children the truth

'Cause we've been trodding on
 The winepress much too long
 Got to Rebel, Got to Rebel Now

We've been taken for granted
 Much too long, Rebel

From the very day we left the shores
 Of our father's land
 We've been trampled on, oh now
 Now we know everything we got to rebel
 Somebody got to pay for the work
 We've done, Rebel²⁶

O reggae evoluiu a partir do Ska e do Rocksteady, dois gêneros musicais populares na Jamaica nas décadas de 1950 e 1960. O Ska era caracterizado por ritmos acelerados e influências do jazz, enquanto o Rocksteady reduziu o andamento do ritmo, introduzindo um estilo mais suave. Essas influências musicais formaram a base para o desenvolvimento do reggae.

No entanto, o reggae não é apenas um gênero musical; é uma expressão artística profundamente enraizada na cultura jamaicana. Suas letras frequentemente abordam questões sociais, políticas e espirituais, e muitas vezes transmitem mensagens de resistência, justiça e

²⁶ Título da canção: Babylon System, do álbum Survival, em 1979.

Nós nos recusamos a sermos / O que vocês querem que sejamos / Nós somos quem somos / E é assim que vai ser, se você não sabe! / Vocês não podem me educar / Para oportunidades desiguais / Falando da minha liberdade / Um Povo livre e liberdade! // É, nós temos marchado para / Essa prensa de vinho há muito tempo / Rebelem-se, Rebelem-se / É, nós temos marchado para / Essa prensa de vinho há muito tempo, Rebelem-se // O Sistema da Babilônia é o Vampiro / Sugando as crianças dia após dia / Eu disse que o Sistema da Babilônia é o Vampiro / Sugando o sangue dos que sofrem / Construindo Igrejas e Universidades / Iludindo as pessoas sem parar / Digo que eles congratulam, bandidos e assassinos / Olhe agora / Eles estão sugando o sangue dos que sofrem. // Contem a verdade para as crianças! / Contem a verdade para as crianças! / Contem a verdade para as crianças agora mesmo! / Contem a verdade para as crianças // Porque nós temos marchado para essa prensa de vinho há muito tempo / Rebelem-se, rebelem-se agora // E nós temos sido adquiridos / Por muito tempo rebelem-se //

Desde o dia em que saímos das praias / Da terra de nosso pai / Nós fomos pisoteados, oh agora / Agora sabemos de tudo, temos que nos rebelar / Alguém tem que pagar pelo serviço / Que nós fizemos, rebele-se.

esperança. O movimento rastafári, uma religião nascida na Jamaica, também desempenhou um papel fundamental na cultura reggae, influenciando sua filosofia, iconografia e espiritualidade.

De modo a compreendermos seu desenvolvimento, segue abaixo um trecho de Silva (1992), no qual ele monta de que forma o Rastafarianismo se deu na Jamaica, e como ele se configura:

A origem do rastafarismo na Jamaica, está ligada à figura de Marcus Mosiah Garvey, ativista e pregador negro. Garvey profetizava a coroação de um rei africano, que promoveria o retorno de todos os negros à "Mãe África". O movimento Rastafari se desenvolveu de forma messiânica, cujas bases estão na África, a "Terra Prometida dos Rastas", e não na Jamaica. Marcus Garvey pregava, "olhem para a África, pois quando um rei negro for coroado, o dia da libertação estará próximo".

Em 1930, Ras Tafari Makonen, chefe de uma tribo guerreira da Etiópia, é coroado imperador daquele país. Com uma ascendência que, supostamente remontava à união do rei Salomão com a rainha Makeda de Sabá, o seu novo título era, "Sua Majestade Imperial Haile Selassié, o Rei dos Reis, Senhor dos Senhores, o Leão Conquistador da Tribo de Judá eleito de Deus".

Estava, portanto, confirmada a profecia e os primeiros rastafarianos, começaram a surgir na Jamaica nessa época, como seguidores das profecias de Marcus Garvey e adoradores de Haile Selassié, como o "Deus Vivo". A seita rastafari torna-se a grande força cultural e espiritual na Jamaica, dando inspiração para toda a produção musical das origens do reggae.

Quando Selassié foi coroado, em 1930, os seguidores de Garvey, vendo sua foto no jornal, consultavam a Bíblia e acreditavam que a profecia estava cumprida. Logo em seguida, vários pregadores em Kingston começaram a conchamar o povo a orar para o Deus Vivo, que promoveria a repatriação dos negros para a África:

Segundo os Rastas, o mundo ocidental é a Babilônia, um mundo de crime e corrupção, sem inspiração divina, por isso produz a guerra, a fome e a violência. Na Jamaica, dizem, a Babilônia está representada pelo governo, polícia e igreja, por isso a maior parte dos rastas se recusa a pagar impostos e também a enviar seus filhos à escola. Segundo Davis & Simon (1983:65), os Rastas consideram pecado o uso de produtos de beleza para as mulheres e jamais compartilham a cama de uma mulher menstruada.

A bebida alcoólica é proibida, segundo eles, trata-se de uma técnica perversa da Babilônia para enlouquecer o povo e torná-los assassinos. A maioria dos adoradores de Selassié, adotou o nome de Ras Tafari ou Rastamen. Conforme ainda Davis & Simon, alguns Rastas

adotaram o nome de Nyamcn, inspirados na ordem dos Nyabinghis, formada no Congo e na Etiópia e meados dos anos trinta, com o fim de lutar contra o colonialismo e o domínio branco. O uso dos cabelos compridos, está baseado no Velho Testamento, que diz que nenhuma lâmina deverá tocar a cabeça do justo.

Alguns dos pioneiros do reggae contribuíram significativamente para a criação do gênero. Um dos nomes mais icônicos é Bob Marley, que, junto com sua banda The Wailers, ajudou a popularizar o reggae em escala global. Canções como "No Woman, No Cry", "One Love", "Redemption Song" e "Three Little Birds" se tornaram hinos do movimento reggae e continuam a ser amplamente ouvidas até hoje.

Além de Bob Marley, outros artistas e grupos importantes dos primórdios do reggae incluem Toots and the Maytals, Jimmy Cliff, Lee "Scratch" Perry, e The Skatalites. Eles contribuíram para o desenvolvimento do som característico do reggae, incorporando elementos do Ska, Rocksteady e influências afro-caribenhas em suas músicas.

Visto isso, o reggae não pode ser separado do contexto social e político da Jamaica na década de 1960. Nesse período, o país estava passando por transformações significativas após sua independência do Reino Unido, em 1962. Ele emergiu como uma voz para os oprimidos e marginalizados, abordando questões como a pobreza, a desigualdade racial, a opressão e a luta por direitos civis.

O mesmo, como dito anteriormente, também estava profundamente ligado ao movimento rastafári, que promovia a identidade africana, a igualdade racial e a resistência à opressão. Muitos artistas reggae adotaram a fé rastafári, o que se refletiu em suas letras e no estilo de vida. Essa resistência é demonstrada em diversas canções, na estrofe da música "Get up, stand up" de Bob Marley.

Get up, stand up: Stand up for your rights
 Get up, stand up: Stand up for your rights
 Get up, stand up: Stand up for your rights
 Get up, stand up: Don't give up the fight!²⁷

Em resumo, o reggae nasceu nas ruas de Kingston, Jamaica, como uma resposta criativa a desafios sociais e políticos. Suas origens musicais e culturais diversificadas, juntamente com seu compromisso com questões sociais, o transformaram em um dos gêneros musicais mais influentes e duradouros do mundo. A partir da Jamaica, o reggae se espalharia para o Brasil e

²⁷ Título da canção: Get up, stand up, de 1973, do álbum Burnin'.

Levante, resista: lute pelos seus direitos! / Levante, resista: lute pelos seus direitos! / Levante, resista: lute pelos seus direitos! / Levante, resista: não desista da luta!

outras partes do mundo, encontrando novas interpretações e significados ao longo de sua jornada.

No contexto do surgimento do reggae na Jamaica, a contracultura²⁸ ganhava força, com o movimento hippie, os punks ingleses, pautas feministas e discursos de raça estavam ganhando poder no meio social. Segundo Alves (2011), o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos foi marcado pela luta contra a segregação racial e a discriminação sofrida pelos negros americanos. A música negra, desde o blues até o surgimento do soul, foi uma importante forma de expressão e resistência desse grupo social, que encontrava na arte uma maneira de denunciar as injustiças e reivindicar seus direitos. As canções do movimento pelos direitos civis inspiraram vários artistas da "black music" e se tornaram hinos da luta pela igualdade racial. Além disso, muitos cantores e músicos negros se envolveram diretamente no movimento, participando de protestos, marchas e eventos políticos.

Assim, a música negra e o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos estiveram intimamente ligados, representando uma forma de resistência cultural e política contra a opressão e a discriminação racial. Este contexto favoreceu a disseminação da cultura reggae ao redor do mundo, de modo que pouco tempo depois, esta cultura também chega ao Brasil, a qual será discutida no próximo tópico.

1.2 A chegada do movimento reggae no Brasil

Walk down Portobello road to the sound of reggae
I'm alive
The age of gold, yes the age of
The age of old, the age of gold
The age of music is past.²⁹

Para começar esse breve histórico do reggae no Brasil, nada melhor que a primeira música que foi mencionada a palavra reggae no Brasil por um brasileiro. Esse brasileiro era ninguém menos que Caetano Veloso, um dos maiores nomes da música popular brasileira, que foi exilado na época da ditadura em 1969 e compôs a música *Nine Out of Ten*, do álbum *Transa* em 1972, com colaboração de Jards Macalé. Caetano se apaixonou pelo reggae e também

²⁸ O termo "contracultura" foi cunhado pela mídia norte-americana na década de 1960 para descrever um conjunto de expressões culturais emergentes que não apenas se manifestaram nos Estados Unidos, mas também em várias outras nações, notadamente na Europa. O termo é apropriado, uma vez que uma das características fundamentais desse fenômeno é a sua oposição, em várias formas, à cultura dominante e oficialmente sancionada pelas principais instituições das sociedades ocidentais. (PEREIRA, 1998)

²⁹ Título da canção: *Nine out of Ten*, de 1972, do álbum *Transa*.

Caminhe pela estrada Portobello ao som de reggae / Eu estou vivo / A idade de ouro, sim a idade / A idade de velho, a idade de ouro / A idade da música é passado.

encarava aquele ritmo como uma forma de resistência, tal como a própria filosofia da música reggae sugere. Essa fala dele abaixo, citada em entrevista na revista GZH, no ano de 2012, retrata bem isso:

- Nine out of Ten faz referência aos primeiros acordes do reggae ouvidos fora da Jamaica, em Portobello Road, que você incorporou ao disco de forma pioneira. Como foi esse contato com o reggae?

- Caetano - Eu me apaixonei pelo reggae, junto com Péricles Cavalcanti, que gostava de passear comigo por Portobello. Nem sabíamos ainda o nome do novo ritmo. Quando aprendemos, passamos a repeti-lo em conversas com muita excitação. Quando compus a música (a que, para mim, tem a melhor das letras em inglês que escrevi), pedi a Moacyr Albuquerque, o baixista, que tentasse reproduzir a linha de baixo dos reggaes que ouvíamos. E ele foi perfeito nessa pioneira entrada do reggae na música brasileira. Ouvir a música dos jamaicanos naquela rua me fazia gostar de viver, ajudava a superar a saudade do Brasil. Compor e cantar era conseguir resistir.³⁰

Um ano depois dessa célere citação de Caetano Veloso em seu disco, o reggae aparece outra vez no Brasil de uma forma inusitada, através de um filme estrelado por Jimmy Cliff, “The Harder They Come” (ou “Balada Sangrenta”, na tradução brasileira), no qual ele interpretava um bandido e cantava suas músicas, sendo o mesmo considerado uma das chaves para o sucesso do reggae após isso. (FERNANDES, 2007)

Outro fator que influenciou a vinda da música reggae no Brasil foi também a popularização de Bob Marley e The Wailers ao redor do mundo. Sendo essa influência marcada quando Gilberto Gil, cabeça do tropicalismo, gravou a primeira versão brasileira do famoso reggae “No Woman, No cry”, em 1979/1980 e coincidentemente o mesmo saiu em turnê no mesmo ano com Jimmy Cliff. (FARIAS; COSTA, 2016)

A partir daí, o reggae começou a ser ainda mais disseminado e logo surgiram as primeiras bandas. Em 1983, a banda grupo Karetas³¹ lança um álbum intitulado “Fogo na terra”, no qual suas músicas faziam alusão a filosofia rastafari e o próprio nome da banda é uma gíria comum na contracultura, pois o termo “careta” é considerado como todo aquele que vai a favor do sistema, possui hábitos conservadores e também pode ser utilizado para se referir a aqueles

³⁰ Trecho de entrevista: **Caetano Veloso fala sobre “transa”**. Revista GHZ, publicada em Junho de 2012.

³¹ Banda de reggae de Recife, PE, formada na década de 70. Esta foi a primeira banda de Reggae do Brasil, com Vento Norte sendo a primeira composição autêntica de reggae nacional, segundo o blog aleystercrowley. Disponível em: <https://aleystercrowley.wordpress.com/2010/09/24/os-karetas-pioneiros-do-reggae-no-brasil/>. Acesso em 19/10/2023.

que não fazem uso de ganja³². Percebe-se então que o nome da banda já era uma sátira a esse modelo, já que os mesmos eram o oposto do que o significado da gíria pressupõe.

Este álbum não só possuía os timbres reggae como base, mas também suas letras eram recheadas de crítica social assim como os reggaes em sua maioria. Um exemplo disso é a letra da música Selvagem deste álbum em que há críticas as instituições sociais como a polícia, o governo, demonstrando o contraste social entre os demais indivíduos, com foco no povo negro.

A polícia apresenta suas armas
Escudos transparentes, cassetetes
Capacetes reluzentes
E a determinação de manter tudo
Em seu lugar
O governo apresenta suas armas
Discurso reticente, novidade inconsistente
E a liberdade cai por terra
Aos pés de um filme de Godard
A cidade apresenta suas armas
Meninos nos sinais, mendigos pelos cantos
E o espanto está nos olhos de quem vê
O grande monstro a se criar
Os negros apresentam suas armas
As costas marcadas, as mãos calejadas
E a esperteza que só tem quem tá
Cansado de apanhar.³³

O fato do reggae no Brasil ter sido iniciado por grandes nomes da música brasileira, vai na contra mão de quem pensa que ele chegou aqui de forma marginalizada, pois já contou com esses grandes porta vozes. (FARIAS; COSTA, 2016)

Um importante estado em que o reggae chegou e foi apropriado de diferentes formas foi a Bahia. Lá foi criado, por exemplo, o samba-reggae³⁴ que nasceu em meados de 1970, mas

³² Termo utilizado entre os rastafaris para designar Cannabis ou Maconha. Este termo foi popularizado na cultura reggae.

³³ Título da canção: Selvagem? de 1986, no álbum Selvagem.

³⁴ Segundo Agerkop (2009), o samba-reggae nasceu a partir da combinação de elementos musicais do samba-duro com o ijexá do candomblé ketu. Os músicos dos primeiros blocos afro de Salvador adaptaram a marcação rítmica básica do arramunha (ou avaninha) do candomblé ketu, que é igual ao padrão rítmico básico do samba-reggae. Essa combinação de elementos musicais resultou em um novo estilo musical que se tornou popular em Salvador a partir dos anos 1970, especialmente com a criação do bloco afro Ilê Aiyê, considerado o primeiro bloco afro da cidade. O nome samba-reggae faz alusão ao samba e ao reggae jamaicano, mas, segundo Agerkop (2009), os discursos políticos e musicais dos blocos afros Ilê Aiyê, AraKetu e Olodum estão voltados para temáticas do continente africano e não tanto da região do Caribe.

explodiu na década 1990, com os artistas Margareth Menezes, Lazzo Matumbi, Banda Mel, Banda Reflexus, Olodum, AraKetu e Muzenza sendo destaque.

Outro ilustre nome surgido na Bahia, a partir de 1988, foi de Edson Gomes que seu primeiro álbum foi reggae resistência, no qual tornou-se um ícone pela congruência entre a sua música com o imaginário da filosofia rastafari. (FERREIRA, 2010)

Essa congruência pode ser exemplificada em inúmeras músicas. Em uma canção que essa filosofia é exposta da mesma forma em que se expressam os artistas adeptos do rastafarianismo é na música “Fogo na Babilônia” em que o mesmo canta:

A Babilônia anda aflita
Anda muito mais do que aflita
Agora eu toco fogo de vez
Eu sou o incendiário do sistema
Eu sou o incendiário do sistema
(...)
Se por acaso o sistema (sistema, sistema)
Quiser tirar minha vida
Talvez até possa conseguir
Porém, minha alma, nunca (never)
Porém, minha alma, nunca (never)
Eu sei, eu sei, eu sei
Eu sei, eu sei, eu sei
Toda a brutalidade virá (brutality)
A brutalidade virá
(Sei)
(...)
Eu toco fogo
Eu ponho na Babilônia³⁵

Como expressão de que o próprio reggae e toda visão crítica que ele traz é também uma forma de ir contra a babilônia ou destruir os ideais retrógrados que ela propaga, através do símbolo do fogo. Mas esse fogo também pode significar o acender do cigarro de ganja, atitude está também considerada subversiva, mediante um momento em que na maioria dos lugares do mundo, a ganja era criminalizada, inclusive na Jamaica, entretanto, o país retomou a discussão sobre a descriminalização da erva, e, em 2015, o país flexibilizou suas leis em relação a planta.

³⁵ Título da canção: fogo na babilônia, de 1997, lançada no álbum *Apocalipse*.

Em vez de prisão, é aplicada uma multa no valor de 500 dólares jamaicanos, cerca de 5 dólares americanos. Além disso, os jamaicanos podem ter até cinco plantas em casa para uso pessoal.³⁶

Ainda sobre o Edson Gomes, o mesmo nasceu em 3 de julho de 1955, na Bahia, sonhava em ser jogador de futebol. Em um determinado festival de música em sua cidade natal, Cachoeira de São Félix, obteve o título de primeiro lugar no mesmo e por mais que posteriormente trabalhasse em construção civil, nunca deixou a música de lado (FERREIRA, 2010), e por isso foi grande influenciador da massa regueira daquela época até hoje.

Ainda na década de 80, José Ribamar Santos, conhecido como ‘Dj Júnior Black’, foi um dos pioneiros por levar o reggae no Maranhão, trocando discos com colecionadores e fundando sua própria radiola, a famosa “Black Power” e tocou em um dos primeiros locais de reggae de São Luís, o Pop som.³⁷

Hoje, o reggae no Maranhão é um dos gêneros musicais mais populares, sendo São Luís considerada midiaticamente como a Jamaica Brasileira e, recentemente, mais precisamente no dia 12 de setembro de 2023, ganhou o título de Capital nacional do Reggae, reconhecido pelo senado brasileiro, cinco anos após o próprio Reggae ter sido tombado como patrimônio cultural imaterial pela UNESCO.

Entrando pela década de 1990, a Tribo de Jah e Cidade Negra obtiveram posição de destaque e influência da cultura reggae quando foram chamados pra participar do Festival Sunsplash na Jamaica³⁸.

Neste ponto, o reggae no Brasil já estava sofrendo transformações e desencadeando estilos únicos, marcados pela mistura das africanidades e culturas regionais específicas. Um exemplo disso é a banda Paralamas do Sucesso, em que no seu início, foi conhecida como uma banda de ska-reggae e apenas depois foi intitulada de rock brasileiro, como explana Fernandes (2007):

“O reggae no repertório do Paralamas é bastante presente e facilmente identificável auditivamente. No entanto, existem pequenas variações nos elementos presentes, sejam eles de timbre, rítmicos, harmônicos, melódicos, ou poéticos, e somando-se a estas pequenas variações ainda existe o fator da performance, o swingue dos músicos da banda que dão ao

³⁶ MACONHA NA JAMAICA: AFINAL, É LEGAL OU NÃO É?. Girls in Green. Disponível em: <https://girlsingreen.net/maconha-na-jamaica/#Se_voce_quiser_fl_na_Jamaica_lembre-se>. Acesso em: 19/10/2023.

³⁷ Disponível em: <https://difusoraon.com/2023/08/16/morre-um-dos-maiores-dj-de-reggae-em-sao-luis/>. Acesso em 05/10/2023, às 14hrs.

³⁸ O Reggae Sunsplash Festival, um evento de música reggae, teve seu início na Jamaica do norte em 1978. A partir de 1985, cresceu em popularidade, atraindo visitantes de todo o mundo. O festival era um acontecimento anual até 1996, com uma edição adicional em 1998, mas não ocorreu novamente após esse ano. A última edição do evento foi realizada em 2006.

todo uma configuração “brasileira” de reggae, influenciada pela vivência musical diferente” dos músicos envolvidos.”

Ainda no final década de 90, o reggae começa a ser vendido para diferentes classes sociais, influenciando também diversos outros estilos musicais como o xote nordestino. O xote produzido pelos nordestinos e influenciado pelo reggae agrega elementos extramusicais que revigoram o seu valor estético e social. Com isso, se produz uma comunhão entre os grupos migrantes, marginalizados das classes baixas jamaicanas e brasileiras. É uma experiência de globalização, no sentido de “intensificação das interligações entre sociedades. (FERNANDES, 2007)

Tendo em vista disso, podemos citar o samba reggae dito anteriormente e o xote nordestino como sendo algum dos exemplos de sincretismo cultural que ocorreu com o reggae no Brasil, principalmente no que toca ao ritmo. No que toca a filosofia através das letras, pode-se dizer que isso era pouco explorado nos reggaes de São Luís, por exemplo, pois em seu primórdio os mesmos ouviam sem entender a tradução da música e apenas focavam em seu ritmo e dança. Deste modo, eles puderam vivenciar o reggae de uma forma muito diferente da própria Jamaica, mesmo que o nome intitulado seja Jamaica brasileira, pois os mesmos vivem a cultura reggae como uma forma muito mais de entretenimento do que de resistência política, como pontua FARIAS & COSTA (2016):

Enquanto na Jamaica ele estava atrelado a um movimento religioso, social e político de resistência, no Maranhão ele concentrou-se num espaço em que se pode considerar (também) de resistências, mas com outra conotação. As peculiaridades do movimento reggae na cultura ludovicense, em verdade, são resultados da dinâmica dos processos sociais da realidade da própria cidade. Lá o reggae está muito mais atrelado ao entretenimento do que a crenças religiosas.

Apesar disso, houve muitas bandas em que havia em sua letra a ideia de resistência política como a famosa Tribo de Jah, uma das principais bandas de reggae do Brasil, sendo seu histórico citado brevemente em outro tópico. Em suas músicas, a Tribo de Jah tenta ser fiel ao reggae roots (de raiz), tanto nas letras abordando a injustiça social, o amor, a paz e etc., como no ritmo. Entretanto, o fato de a banda fazer reggae à brasileira (compor em português) tornou seu reconhecimento na própria capital maranhense um processo difícil, pois lá as radiolas preferem tocar ‘pedras’ (como fora dito, no Maranhão as radiolas dão preferência ao reggae jamaicano). Beydoun, vocalista do grupo, é poliglota e já morou na África.

Outro ponto em que o reggae se instalou e se consolidou foi na cidade de Belém do Pará em meados da década de 80, mas este tópico será o objeto desse trabalho e por isso abordarei com mais detalhes no próximo tópico.

Mediante isso, podemos perceber que o reggae no Brasil teve diferentes maneiras de se consolidar por aqui. Desde ser cantado por pessoas de renome como adentrar na periferia mais simples. Desde ser cantado em um viés mais próximo do rastafari ou por um viés de entretenimento. Apesar de também ser cantado por pessoas de classe média e brancas, tem sua maioria em regiões do Brasil em que o negro predomina. Ele também se transformou em vários outros ritmos ao longo de sua trajetória e mesmo que seja vivenciado de formas muito diversas nas regiões brasileiras, a sua essência em comum é ter muita força cultural no nosso país, independente da cultura e região em que ele se apropriou.

1.3 Reggae em Belém do Pará e suas memórias

É noite de reggae em Belém do Pará
 A moçada se mexe e o som logo mais vai rolar
 Um grau no visual, um look no espelho
 As cores do astral são verde, amarelo e vermelho
 A tribo ataca no Parque dos Igarapés
 A moçada desce de busão, de carro ou a pé
 Expectativa vem meio a inflamação
 (Enquanto a tribo num chega)
 E deixando a tribo detonar o seu black som.

Este é o trecho da música Roots Reggae Music, da banda Tribo de Jah³⁹, que foi composta por Fauzi Beydon, lançada no álbum Reggae e Blues, no ano de 1998. Nesse ano, o

³⁹ Devido à propagação do movimento reggae pela Tribo de Jah, a cidade de São Luís, que é a capital do Maranhão, ganhou a alcunha de "Jamaica brasileira". Com o objetivo de adquirir equipamento para montar uma banda, Fauzi Beydon procurou o líder da "Banda Reflexo", na qual os músicos que ainda o acompanham hoje em dia atuavam como músicos contratados, tocando em bailes na capital São Luís e em cidades vizinhas. Eles apresentavam um repertório que abraçava todos os estilos musicais populares da época, incluindo reggae, lambada, dance, serestas e merengues. A característica inicial peculiar da banda era a presença de cinco músicos com deficiência visual, sendo quatro deles cegos e um com visão parcial em apenas um olho. Esses músicos se conheceram quando ainda eram crianças na Escola de Cegos do Maranhão e desenvolveram uma paixão pela música, utilizando instrumentos antigos da escola, como um piano com algumas teclas faltando, um violão sem algumas cordas e um baterista que usava a escrivadinha da escola para marcar o ritmo. Eles decidiram seguir juntos no projeto de formar uma banda de reggae.

reggae em Belém vivia um momento de intensa efervescência, com muitas casas de shows que tocavam o gênero. Na música, Fauzi mostra as expectativas do público diante da iminente noite de reggae em Belém, marcada pela presença das cores do reggae, verde, amarelo e vermelho.

As cores citadas na música representam as cores da bandeira da Etiópia, que é amplamente divulgado como as cores do reggae. Segundo Rabelo (2006):

...do mesmo modo, afirma que as cores oficiais dos rastafaris são: o verde, o amarelo e o vermelho, porém há uma intensa utilização da combinação garveyita do verde, vermelho e negro, como símbolo da raça africana e que já fora usada há quinze mil anos por um antigo império africano. De acordo com Ahkell, entre os rastafaris a combinação das cores vermelha, amarela e verde basicamente representa:

- 1) Vermelho: para o sangue dos filhos da África que tem sido e seria derramado pela libertação, dignidade e liberdade dos africanos.
- 2) Ouro: para o rico e a riqueza da África.
- 3) Verde: para a luxuriante, a fertilidade e a vegetação da África.
- 4) Negro: a cor do nobre, antigo e distinto povo africano (RABELO *apud* AHKELL, 1981, p. 21).

Para o regueiro, as cores do reggae são resistência da relação com o panafricanismo e o sistema capitalista opressor, referenciado entre os rastas por *babelônia* (termo este que já foi explicado na sessão 1.1 Reggae Roots: Primórdios).

Outro ponto importante a destacar sobre a música é que ela cita o Parque dos Igarapés⁴⁰, que é considerado entre os DJ's paraenses como o templo do Reggae, pela sua história com a cultura reggae em Belém do Pará, por tantos grandes eventos que ocorreram neste espaço. Inclusive, o primeiro show de uma banda de reggae no Parque foi da Tribo de Jah, em outubro de 1993. No mesmo ano, no primeiro semestre, eles tocaram no extinto African Bar, e foi um show pouco divulgado, dando pouca gente. No show do parque, foram contadas cerca de 4 mil pessoas. Foi um sucesso. A partir daí, a Tribo passou a vir anualmente a Belém realizar show, na década de 1990.

⁴⁰ O parque dos igarapés, chamado anteriormente de Boate Baito, foi um dos primeiros espaços de festas grandes de reggae em Belém. Os administradores e donos do local, a família Catette Pinheiro, são ligados diretamente a cena reggae de Belém, participando de reuniões com movimentos, dos quais fazem parte, na realização de shows de artistas jamaicanos. O fundador do espaço foi o Roberto Pinheiro, um advogado, radialista e produtor de eventos. Além disso, ele é um dos diretores da APCREGGAE, associação responsável pela realização do tributo ao Bob Marley, que acontece há 26 anos na cidade.

Minha ida mais recente a campo foi no dia 16 de setembro de 2023, em um festival chamado Scarlet Dreams Festival. No mesmo, as atrações se dispunham em um espaço de radiola, com Dj's da cena local, e na tenda pássaros e estrelas, tenda principal dos shows no parque, se apresentaram dois grandes nomes da música reggae jamaicana. Tratava-se de Eric Donaldson e J.C. Lodge. Esta última vindo pela primeira vez ao Brasil, causando grande expectativa. Eric já possui uma grande história em terras brasileiras, se apresentando 6 vezes no Pará e tantas outras pelo Brasil, principalmente em Maranhão. Nesse evento, pude desenvolver, enquanto antropólogo, um diário de campo que pode me nortear investigação acerca do que foi visto e sentido no show. Beaud e Weber (2003) salientam a importância do diário de campo em:

“O diário de campo é a principal ferramenta do etnógrafo, muitas vezes ignorado pelo sociólogo. É um diário de bordo no qual, dia após dia, anotam-se em estilo telegráfico os eventos da pesquisa e o progresso da busca.”

Ainda sobre a importância do diário de campo, Rocha e Eckert (2015) orientam:

O etnógrafo descreve, tradicionalmente em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e espaço histórico do Outro-observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva no meio urbano.

Sobre meu aporte teórico, utilizarei algumas memórias dos meus interlocutores para compreender com mais detalhes quais as bases da cena reggae de Belém, na década de 90, em que, na maioria dos dados que eu pesquisei, e a partir de depoimentos dos atores da cena, foi o momento de apogeu do reggae em Belém, devido a ser uma novidade no gosto do jovem belenense, indo para além dos poucos trabalhos que há na literatura.

O conceito de memória abordado será de Maurice Halbwachs (2004) me ajuda a compreender e validar os dados coletados de meus interlocutores. Ele que ele postula que “toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (2004. P. 85). Halbwachs discute acerca da natureza da memória como um fenômeno que não é apenas individual, mas também coletivo e social. Ele argumenta que a memória não é uma atividade simples de lembrar e esquecer, como costumava ser considerada até recentemente. Em vez disso, a memória é influenciada e moldada pela interação entre

indivíduos e grupos sociais. As pessoas não lembram ou esquecem coisas de forma ingênua e inocente. Em vez disso, eles lembram e esquecem com base em sua identificação com eventos públicos relevantes para seus grupos sociais. Esses eventos públicos passam a fazer parte da memória coletiva e são filtrados através das estruturas comportamentais individuais. Por exemplo, as pessoas podem lembrar de uma propaganda ou de uma música devido à sua identificação com essas experiências. Mesmo que alguém não tenha criado diretamente a canção, a música pode se tornar uma parte importante de sua memória porque a pessoa se sente diretamente envolvida com ela de alguma forma. Em resumo, o autor está destacando como a memória não é apenas um processo individual, mas também um fenômeno social e coletivo, influenciado pela identificação e conexão das pessoas com eventos e experiências compartilhados dentro de seus grupos sociais.

Fábio Daniel Rios (2013) discute a relação entre memória coletiva e memória individual segundo três perspectivas de autores que dialogam com o tema. O primeiro é Maurice Halbwachs, que concebe a memória como um fenômeno inteiramente coletivo. Para ele, a memória individual é uma reconstrução da memória coletiva, que é compartilhada por um grupo social. Michael Pollak, por sua vez, retoma e problematiza essa perspectiva, apontando o caráter negociado da memória e a importância da agência individual para a sua formação. Ele argumenta que a memória não é totalmente coletiva, nem inteiramente individual, e que estrutura e prática se entrelaçam no processo de construção das recordações. Por fim, Beatriz Sarlo indica os limites da subjetividade como fonte de conhecimento e destaca o caráter discursivo da constituição mnemônica. Ela argumenta que a memória é uma construção social e histórica, que se dá por meio de práticas discursivas e rituais coletivos. Em suma, as perspectivas desses autores mostram que a relação entre memória coletiva e memória individual é complexa e dinâmica, envolvendo tanto fatores sociais e culturais quanto processos psicológicos e subjetivos.

Estas perspectivas a respeito da memória coletiva e individual me servirão de base no cruzamento de informações que coletei em campo, em análises bibliográficas, filmicas e depoimentos via redes sociais.

Ainda sobre o festival Scarlet Dreams, campo que participei do qual será revisado nos capítulos 2 e 3 deste trabalho, conheci algumas pessoas da cena, dentre eles, o Dj Ras Lídio, que é um dos pioneiros do movimento reggae no Pará. Em uma conversa, busquei resgatar algumas memórias do mesmo sobre algum evento de reggae que mais lhe marcou.

“O que aconteceu no movimento que mais me marcou foi na década de 90, precisamente em 94, quando a banda Culture, uma das maiores bandas de reggae da Jamaica, veio ao Parque dos Igarapés. Num projeto chamado Jamaica Brasil. Nesse projeto, um cara jamaicano veio ao Brasil para fazer uma turnê de bandas. E a primeira turnê foi da banda Culture. Aí a banda aportou em Belém, que é a porta de entrada de quem vem da Jamaica. É Belém porque não tem vôo direto da Jamaica. Os vôos de quem quer vim da Jamaica para o Brasil ou vice-versa tem que passar por Belém. Porque esse vôo sai de Miami para Belém. Uma conexão que tem da Jamaica, o cara vai para Miami e depois vem para Belém. E a porta de entrada é aqui, a nossa cidade, o nosso portal da Amazônia. E aí, cara, a banda Culture, ela aportou em Belém para fazer um show, cara, o show foi um espetáculo, que foi também a inauguração daquele espaço onde tem os shows, no Parque dos igarapés, que é o Salão Pássaros e Estrelas. Ele foi inaugurado com esse show da banda Culture. Cara, foi um momento histórico na minha vida, como um cara admirador do reggae. E eu acho que para outras pessoas também. Então esse show marcou demais a minha vida, eu não consigo esquecer ele. E a outra coisa, eu tenho ele gravado. Eu acho que eu fiz uma cópia pro Janaci, o Urso Roots, e tenho uma fita VHS.” Conversa realizada via Whatsapp no dia 04/10/2023.

Ainda sobre esse show da Culture, Roberto Pinheiro dá um depoimento na rede social Facebook, em 8 de abril de 2021 acerca de suas memórias sobre esse grande momento da música reggae em Belém.

“Joseph Hill foi uma das pessoas mais extraordinárias que conheci, ele, o principal cantor e compositor do grupo Culture, a 1ª banda da Jamaica a se apresentar no Parque dos Igarapés.

A apresentação se deu em agosto de 1994 e foi apoteótica; o que me levou a seguir para São Luiz com a banda, para o prosseguimento da turnê. Como havíamos estabelecido uma relação de confiança mútua, acabei sendo uma espécie de cicerone do astro, nos dias que antecederam o show em São Luís, no Espaço Cultural, que ocorreu num domingo e contou também com a presença de Eric Donaldson.

Na 6a feira, fui com Joseph Hill e Albert Walker, também vocalista do Culture, a uma festa com a Radiola Voz de Ouro Canarinho, do rei Serralheiro. Joseph Hill chegou a operar por breves momentos a radiola, querendo mais grave, me dizia. A certa altura, já perto da meia noite, um burburinho vindo do não tão iluminado banheiro masculino. E não é que um fã empolgado com a presença do Albert Walker no banheiro, acendeu lá mesmo um baseado e ofereceu ao cantor, no exato momento em que alguns policiais militares entraram no local, para uma batida. Se o Albert aceitou o convite, não sei, mas o fato é que os policiais foram irredutíveis em conduzir o jamaicano pra delegacia. Daí que fomos todos pra delegacia, inclusive o Joseph Hill. O delegado não estava e o Albert, antes de ser conduzido a cela, retirou todos os seus pertences pessoais para guardarmos. Além da carteira porta cédulas, acho que mais de 1 quilo de ouro de seus colares e pulseiras. Lá pelas tantas, chegou o saudoso Toni Tavares, que então apresentava o programa Reggae Point, na rádio Mirante FM. Como o show tinha a produção de Fauzi Beydoun, Toni foi destacado pra resolver o imbróglio em que Albert Walker havia se metido. O fato é que só saímos da delegacia dia claro, de uma manhã de sábado ensolarada, direto pro Coqueiro Verde, onde o reggae já estava rolando, na beira da praia do São Francisco. Ali mesmo, inconformado com os graves da radiola que estava lá, Joseph Hill rabiscou numa folha de caderno, um desenho com a forma com que são montadas as caixas de grave nos sound systems jamaicanos.

No dia seguinte seria o show, mas isso fica pra outra história.”

Como dito anteriormente, na década de 1990, a cena reggae se apresentou em seu apogeu. A partir das memórias de vários interlocutores dos quais eu conversei, tais como Milton Pinheiro, Jean Nascimento, Ras Lídio, Carlinhos, as mulheres Dj's atuantes da cena⁴¹: Cleide Roots, Franci Almeida entre outras, foram unânimes ao colocar a década de 1990 como o momento ápice da cena, por ter várias opções de festas de reggae na cidade e pela força que a cena reggae se mostrava, com um viés de difusão dessa cultura. Em algumas festas que pude

⁴¹ A força feminina na cena reggae, tanto entre as Dj's de Belém, quanto as equipes femininas de reggae, como as “Ladys do Reggae” ou “A mulher no comando” apesar de uma minoria, sempre se fez presente nas festas. Uma de minhas interlocutoras, a Dj Cleide Roots, é um dos maiores nomes entre os Dj's da cena de Belém atualmente. As equipes citadas, formadas em sua maioria por mulheres, será revisitada no capítulo 2.

participar enquanto pesquisador, percebo que os Dj's veteranos, entre uma música ou outra, comentam sobre algum espaço do passado, na qual a música que seria apresentada tocara, criando um clima nostálgico aos participantes. A década de 1990 catalogou pouco mais de 20 casas de reggae na cidade, desta forma, atraiu diversos artistas do gênero, principalmente os jamaicanos.

As principais eram, A Pororoca, Parque dos Igarapés, Habitat do Reggae, Toca do Reggae, Reggae dos 48, PQC, Angustura Bar, Kingston Town, Rainhas bar, Jamaica Palace, Espaço Raízes, PQC, Rhignos Club entre outras.

Ainda sobre conversas em campo, em um depoimento de Jean Nascimento, a quem evoquei na introdução deste trabalho, pude cruzar as informações que esta pesquisa estava me direcionando, por exemplo, nas casas de shows que funcionavam na década de 90 e a sua própria trajetória com o reggae. Fiz duas perguntas como norte:

- 1) Quais as memórias que ele possui de quando começou a ir para as festas e a participar do movimento;
- 2) Qual a percepção, na opinião dele, sobre a mudança dessa época até hoje.

Ele me enviou como resposta:

“Comecei me familiarizar com o reggae na minha cidade Imperatriz - MA, na época, eu era de menor, porém tinham as festas nas ruas, nas praias e nas casas de parentes. Foi paixão imediata pelo ritmo. Em 85, me mudei pra Belém, mais só comecei a frequentar o reggae na época do Habitat, Angustura bar, Rhignus Club, PQC, Jamaica, Reggae dos 48, Espaço reggae, isso na década de 90 quando já conhecia melhor a cidade de Belém. Na época os movimentos eram muito fortes, existiam dezenas deles, e uma central que era a AMOR (Associação dos Movimento Organizados de Reggae), que por sinal foi o primeiro organizador do Tributo a Bob Marley na década de 90, a exatos 27 anos atrás. O que mudou daquela época pra cá foi que os movimentos e o reggae perderam um pouquinho da sua força. Na década de 90, o reggae explodiu, virou febre, mais a maioria das pessoas já estavam lá porque amavam o reggae. A chegada de mais pessoas era só pra curtir, porém, como a maioria gostava do ritmo, o movimento tinha força. Hoje, temos alguns remanescentes da época e outros novos tentando fazer alguma coisa em prol do movimento, como as Ladys do Reggae, Família Jackie Brown, Jah Love, Grupo Reggae Solidário, Grupo União Solidária, Veteranos, Triunfo de Jah, Laje Roots e no formato da AMOR, estamos trabalhando no FORUM DOS MOVIMENTOS REGGAE. Lá,

discutimos, debatemos e formamos estratégias de engrandecimento do movimento, no fórum temos 35 entidades participativas e vários regueiros colaborando com ideias e militância pro movimento reggae, o que mudou, muita coisa, o que precisamos, recuperar a verdadeira essência do reggae e lutar por políticas públicas e sociais que fortaleçam nossa cultura reggae, colocando e exigindo o que nos é de direito o lugar que precisamos, tudo isso com paz, amor e respeito a nossa tão amada filosofia e cultura reggae.”
Conversa realizada via Whatsapp no dia 04/10/2023.

Jean Nascimento, que além de toda a importância para a cena, representa os movimentos enquanto Conselheiro Municipal de Cultura de Belém, levando as pautas dos movimentos do reggae da cidade para os cuidados de incentivos públicos. Este será retomado em outras partes do trabalho, em entrevista.

Somado a isso, também tive oportunidade de falar com uma participante de festas de reggae chamada Letícia, que, apesar de ter participado com mais frequência no período dos anos 2000, relatou uma memória de sua infância na década de 1990, que demonstra o quanto a cena reggae era forte nesse período, pois quando ela ainda era criança, morava ao lado do clube de reggae famoso na cidade de Belém, chamado PQC. Segue no áudio enviado por ela, via WhatsApp.

Posso te adiantar que eu tenho uma lembrança muito bacana da época dos anos 90, quando eu era criança, tinha uma festa de reggae, que era uma das melhores e mais tradicionais daqui de Belém, que se chamava Antigo PQC. Deve ter foto, deve ter algum registro no Google, alguma coisa do tipo. O PQC ficava no bairro de Val-de-cães. E aí a nossa casa era de autos, do lado da festa. Então de dentro de casa, eu consegui enxergar dentro da festa, como é que era, quando eu era criança. Então foi aí que despertou o meu interesse pelo reggae, né, desde criança. E eu percebia que era um clima muito mais harmônico do que hoje. As letras, elas falavam mais de amor, era uma coisa mais voltada também, digamos assim, pra uma cultura rastafari. Conversa realizada via Whatsapp no dia 04/10/2023.

Pela recorrência de vezes, resolvi pesquisar na internet sobre o antigo clube, não obtendo êxito, apenas na rede social Facebook, pude catalogar uma informação, e observei um

post com uma menção importante do que seria esse lugar. No post, de Marcus Doliveira⁴², é citado o antigo PQC, com muita nostalgia pelo autor, seguido de duas imagens do local. Nas imagens, posso reconhecer algumas pessoas de extrema importância para a difusão da cena reggae, como os chamados “pioneiros” Ras Margalho e Ras Alvim. E, levando em consideração o ano da recordação (1991 ou 1992, o autor não sabe ao certo), podemos concluir que esse espaço foi uma das primeiras casas de festas para difusão da cultura reggae na cidade. Outro fato interessante sobre a foto é a bandeira do movimento Belém Reggae Music Club⁴³, em que Ras Margalho cita como o primeiro fã clube de reggae do Pará, observado no documentário *O reggae em Belém do Pará* (ver nota de rodapé 11). As informações se cruzaram bastante, pelo clima de paixão pelo conhecimento da cultura reggae. Isso está evidenciado na imagem a seguir.



Imagem 01 Postagem de Marcus Doliveira no Facebook

Outra famosa casa de show, recorrente nos depoimentos de alguns atores da cena é o Reggae dos 48, localizado no centro de Belém, próximo à praça da república. Em conversa informal, Alan Nacif, participante ativo da cena por várias décadas, me relatou suas experiências e vivências neste local. Vivências estas marcadas por muita união entre os participantes, como observado em trecho abaixo.

⁴² Perfil do autor da postagem abaixo sobre o antigo clube PQC. Como o próprio relava, compreende-se também que ele participava das festas ocorridas no clube na década de 1990. Somado a isso, outros relatos iram contextualizar a casa, que é frequentemente lembrada pelos Dj's da época.

⁴³ No documentário, Margalho pontua sobre o clube, durante a entrevista: “Na época eu fiz o primeiro fã clube daqui do Pará, chamava Belém Reggae Music Club. Não era um fã clube de dança. Era um encontro pra trocar ideia, ver quem é que gostava de reggae.”

“As festas nesse período eram espaço do reggae, Reggae dos 48, e era mais ou menos isso a lembrança que eu tenho. E é engraçado que os 48 e o espaço foram casa que me marcaram porque podia entrar de menor. Era oferecido um caldo lá. Essa é a lembrança que eu tenho, inclusive o Naldo, meu grande amigo hoje que era proprietário da época, casado com a Rita, né. E lá era bacana porque a galera se encontrava, fazia questão de ir. E quando a gente não ia, o povo perguntava na semana seguinte, as vezes ligava de orelhão, né? Perguntando "pô, porque tu não veio semana passada?" Hoje isso não rola né? Mas era muito comum isso.” Conversa realizada via Whatsapp no dia 04/10/2023

Um ponto inusitado citado na conversa com Alan era que em algumas festas, a entrada de menores de idade era mais permissiva, com um certo controle de venda de bebidas alcoólicas. Em algumas festas, não havia esse consumo. Coincidentemente, nas fotos compartilhadas acima, do PQC, não há bebidas dispostas no local.

Como eu disse, a entrada de menores em festas era muito frequente. As vezes dava um jeito. As vezes o segurança, os próprios proprietários das casas que conheciam esses menores e liberavam a entrada. E o consumo de cerveja não rolava, assim, a galera aquecia, geralmente jovens, né, com a minha faixa etária. O mais velho tinha uns 25. Mas a galera era de 14 até mais ou menos 19 anos.

Ainda sobre as festas da década de 1990, é importante retomar o auge vivido pelos atores na cena e pelo próprio clima da cidade, que era voltado a cultura reggae, com vários eventos, como o bloco Micarregae⁴⁴, a presença do reggae nas rádios da cidade, na vestimenta das pessoas, e etc. Como pontua Alan Nacif.

Era muita gente, gente de todos os cantos. As casas cheias. A Pororoca também, que eu cheguei a frequentar bastante, no final dos anos 90. Eu tava do ensino fundamental pro médio. Eu lembro que algumas sextas, eu faltava algumas aulas pra ir pra A Pororoca. E outra coisa também, muita gente se encontrava no CAN. Tinha os pontos de encontro na cidade que eram CAN e Praça da República, que também marcaram pra mim, né. E é mais ou menos isso o recorte dos anos 90. A faixa etária da galera. A vestimenta, os sons pipocando nas rádios. Era um boom mesmo. Como se

⁴⁴ Bloco estilo micareta de Reggae dos anos 1990 organizado por Toni Soares, Roberto Pinheiro e Orlando Malawi, que levou muita gente às ruas de Belém.

fosse o brega. Muitos jovens, né. A galera queria saber o que tava rolando. As novidades e tal, e era mais ou menos isso aí.

Em comparação a essa fase, na próxima década, anos 2000, houve uma queda considerável de expressão na cultura reggae em Belém, com a diminuição de casas de shows, programas de reggae nas rádios e atuação de movimentos. Em um de meus campos, no Bob Marley Day⁴⁵, realizado no Parque dos Igarapés, conheci o Milton Pinheiro, irmão de Roberto Pinheiro, dono do Parque. O mesmo me contou sobre altos e baixos da cena reggae em Belém, e configurou a cena de 1990 como o apogeu, concordando com todas as informações pesquisadas. Nessa conversa, um fato curioso talvez tenha contribuído para a diminuição de casas de shows na cidade. Milton me contou uma história que um delegado de Belém, na década de 1990, tinha um problema com sua filha, que usava entorpecentes e vivia em festas de reggae. Para conter a sua filha, ele, sem motivo aparente, deu início a uma operação no intuito de fechar as casas de reggae da cidade. Esse fato contribuiu para o enfraquecimento da cena, visto que as maiores expressões dos movimentos se concentravam nos encontros dessas pessoas na festa.

Sobre a diminuição da fluidez do movimento reggae na década de 2000, Alan Nacif resgata suas memórias sobre esse período.

O que acontece nos anos 2000? Esse "boom" dos anos 90, quando chegou nos anos 2000, mano, despencou. Já não rolava os reggaes na rádio. As casas de reggae também, diminuíram drasticamente.(...) Poucas casas de reggae e quando rolava esse encontro da galera, eu já via o visual da galera totalmente diferente, até porque a imposição do cenário da modificação cultural né? Então galera já não usava mais aquelas roupas que a gente via na década passada e aquelas rouponas tipo calça de morto, as toucas e os saíões com as cores do reggae.

Apesar dessas memórias de um participante muito ativo na cena, outros participantes mais novos, que não puderam vivenciar a década de 1990, relatam que houve uma febre do reggae a partir de 2010. Para estes, essa febre do reggae se deu pois era possível ir as festas na sexta, sábado e domingo, às vezes, em dias de semana, em casas específicas. As casas mais frequentes eram no centro da cidade, A maioria pelo bairro da cidade velha. São elas: Açai Biruta (Cidade Velha), Porto Solamar (Telégrafo), Parque dos Igarapés (Coqueiro), Mormaço (Cidade Velha), Reggae do Cangalha (Castanheira), Gold Mar (Telégrafo), Tábuas de Maré

⁴⁵ Festa de tributo ao Bob Marley organizada e realizada no Parque dos Igarapés, no dia 20/05/2023. Um dia antes do tributo ao Bob Marley, organizado pela APCREGGAE, no Ver o Rio. Os diários de campo desses e de outros eventos serão exibidos nos próximos capítulos.

(Cidade Velha), Rainha's bar (Pedreira), Espaço Raízes (Cidade Velha) entre outras. Em minhas pesquisas na internet, pude perceber que várias pessoas mencionaram estas festas na rede Facebook. A partir de 2011, vários posts de pessoas comentando sobre alguma festa que aconteceu, ou chamando para alguma festa que ainda acontecera.

Estas memórias se confirmam com relato de dois participantes dessa geração, que me relataram suas memórias sobre as festas. Primeiro, a participante Renata relata que:

“Eu comecei a ir pro reggae em torno de 2011 e 2012. Eu já ouvi falar que a cultura reggae teve seu apogeu na década de 90, mas eu não vivenciei essa década. Pela minha idade. Agora tenho pouco mais que 30 anos, então a minha geração vivenciou o reggae a partir dos meus 17 anos, em 2009. E pra mim, essa época foi o apogeu. (...) Na minha época, o circuito que acontecia era sexta, sábado e domingo. Sexta era normalmente a gente ia pra algum lugar ali próximo da Cidade Velha, que era, ou Açaí Biruta, ou Mormaço, ou Raízes, Na Maré também, porque teve vários nomes pra uma casa de show específica, que a pouco tempo funcionava o Lobos Bar. Mas lá funcionou muitos reggaes. Teve vários nomes e eu nem consigo recordar alguns por que vivia mudando. Mas assim, era sempre por ali. Aí no sábado, que era diferente dessa liga de rio era no parque dos igarapés. Então no sábado era o parque, porque era o único lugar que tinha reggae sábado, nessa época bombava os reggaes na sexta. E a gente ficava até com aquela música na cabeça. ‘sexta feira eu desço a ladeira’.”

Outro participante, Leon, também acrescenta memórias que se alinham aos dados obtidos em pesquisa.

“Cara, a minha vivência no reggae começou em 2010, quando eu tinha 20 anos, eu acho. Primeira casa que eu fui, foi lá no Jamaica, na Pedreira, cara, me esqueci o nome lá agora. Pô, Rainhas, Rainhas Bar. Depois eu conheci o Solamar, e aí comecei a frequentar também o reggae do litrão que tinha lá no Cangalha. Eu acho que na verdade não foi nem 2010, não, Rodrigo, foi antes, foi 2008. Foi 2008, comecei a ir no reggae, o reggae do litrão era 2009. E ia bastante gente, ia bem mais pessoas do que vai no reggae hoje, entendeu? E a vivência foi muito boa, foi muito bacana, conheci muita gente legal, aprendi a dançar reggae, foi muito interessante.”

Complementando as falas dos sujeitos Leon e Renata, acrescento também dados que o participante Raphael, me repassou a respeito desse momento do reggae.

“Bom, eu comecei a ir pro Reggae, a primeira vez que eu fui pro Reggae, acho que foi 2003 ou 2004. Por aí, foi no Solama. E o Solama era bem pequeno mesmo assim, minúsculo. Tinha só um trapichezinho, um banheiro, mas já lotava. Tipo, muita gente já ia. Aí foi rápido que se alastrou o Solamar assim. Eu me lembro que eu não tinha o costume de ficar indo. Mas aí quando eu fui, teve mais assim uma febre do Reggae lá pelos... acho que foi lá pelo ano de 2010 ou mais. Só vendo assim exatamente que foi quando o Solama já ficou grandão, já foi aumentando. Aí já começou a rolar o Reggae do Mormaço, Reggae do Biruta. Reggae do Gold Mar então tinha esse circuito de reggae aí né toda semana em Belém aí que ficava se eu não me engano era ah ainda tinha aquele um reggae na pedreira que eu esqueci o nome Coco Verde Coco Verde na Pedreira tinha por exemplo a quarta ou quinta aí na sexta já tinha o Mormaço quando era sábado parece que só sábado que não tinha aí domingo tinha o Gold Mar e o sola né disputando aí era bacana e foi o início assim das coisas que eu lembro ter ido.”

Para estes participantes, seja aqueles que vivenciaram mais ativamente na década de 1990 ou aqueles que vivenciaram mais para os anos 2000, possuem uma opinião em comum. A cena reggae atual não se compara a cena ocorrida a partir de meados de 2000, e muito menos com a cena da década de 1990. O que tem se observado é o enfraquecimento da cena desde esse período, entretanto, tem havido uma tentativa de fortalecimento atualmente, que será explanado com mais detalhes nos capítulos seguintes, pois é o foco desta pesquisa.

Na exploração dos três tópicos deste capítulo, "Reggae em Belém do Pará e suas memórias", busquei entender a dinâmica da cultura reggae na região e suas raízes. Comecei meu estudo revisitando os primórdios do reggae, tanto globalmente quanto no Brasil, e descobri como esse movimento musical e cultural se espalhou pelo país.

A chegada do movimento reggae ao Brasil representou um marco importante na história cultural do país. Observei como esse gênero musical se adaptou às realidades brasileiras, absorvendo elementos locais e contribuindo para o desenvolvimento de uma identidade reggae única no contexto brasileiro. Belém do Pará, nossa área de estudo, não foi exceção. A cidade se tornou um terreno fértil para o crescimento do reggae, e vimos como o movimento se estabeleceu, se misturou com a cultura amazônica e cresceu em uma cena própria.

Neste último tópico, mergulhei nas memórias da cena reggae em Belém do Pará. Fiz isso para capturar as histórias, as experiências e as lembranças daqueles que viveram e

contribuíram para a construção dessa cena, tendo como referência as décadas de 1990 e 2000. Ao longo dessa investigação, ficou claro que o reggae em Belém não é apenas um gênero musical, mas um espaço de expressão cultural, de resistência e de identidade. As narrativas das pessoas entrevistadas revelaram como o reggae desempenhou um papel fundamental na formação de suas identidades e comunidades.

No entanto, também encontrei desafios e questões em relação à preservação das memórias e à sustentabilidade da cena reggae em Belém do Pará. É importante considerar como o movimento reggae na região continuará evoluindo e se adaptando às mudanças sociais, políticas e econômicas.

CAPÍTULO 02

A CENA REGGAE EM BELÉM DO PARÁ

No capítulo anterior, fiz uma contextualização sobre o fenômeno que busco compreender. Nele, pontuei sobre o reggae em suas formas iniciais, seu nascimento na Jamaica, em meados de 1960 e sua trajetória até chegar aos ouvidos e no gosto dos brasileiros. Neste capítulo, busco compreender quais as bases da cultura reggae em Belém, levando em consideração 5 pontos importantes, divididos em tópicos.

No primeiro, faço uma análise sobre os pioneiros do reggae de Belém, pessoas que contribuíram para o conhecimento do gênero na cidade. No segundo, saliento a importância dos programas de Rádio para este movimento, tendo o programa *Sunsplash Rádio Reggae*, transmitido pela rádio *Cultura FM* e apresentado por Toni Soares no início da década de 1990 como o primeiro programa de reggae em rádio de Belém. No terceiro tópico, irei falar sobre a história das equipes e movimentos, essenciais para o desenvolvimento do reggae enquanto cena na cidade. No quarto tópico, falo sobre o Dj da festa enquanto mestre de cerimônias e de sua influência de público, acarretando o sucesso financeiro dos empresários, donos das casas de shows e patrocinadores. No quinto e último tópico, volto meus olhares para a festa e analiso um aspecto essencial desta: a dança. De que forma a dança no reggae de Belém se desenvolveu e se transformou em modelo para o resto do Brasil. Minha base de pesquisa se dá a partir de entrevistas semiabertas e materiais coletados em internet, redes sociais, análise fílmica e história oral.

2.1 Os pioneiros do reggae

Existem algumas pessoas em Belém que foram responsáveis por trazer a cultura reggae para o município. Estes, são chamados carinhosamente de pioneiros pela massa regueira. O Dj Ras⁴⁶ Lídio, que é um dos pioneiros do reggae, me contou sobre os grandes nomes do reggae daqui de Belém. Pessoas fundamentais para a construção de uma cultura reggae e a criação de uma cena.

Entre elas, citou Max Alvim, filho de Ras Alvim, que foi, junto de Margalho⁴⁷, um dos primeiros colecionadores e grande incentivador da cena. Lídio considera também o Ras Fernando como um dos pioneiros do reggae. Fernando era marinheiro condutor de navio. Ele tinha contato com os marinheiros, trazendo muitos discos. Ele e Margalho, que já trazia discos por trabalhar em uma companhia de aviação. Janaci Roots também foi um dos primeiros Dj's, na Marambaia. Guinê e Pereira também foram citados por Lídio como precursores do reggae aqui em Belém. Apolinário também foi um elemento essencial, assim como Fumaça, que há vários momentos se cruzou com as informações.

Em destaque especial, trago a influência de Fumaça e sua Escolinha do Reggae, situada na alameda Bom Jesus I, também conhecida como Rua dos Pretos ou Rua dos Maranhenses, localizada em uma área fronteiriça entre os bairros do Guamá e Terra Firme. Essa rua é considerada pioneira no movimento reggae de Belém, pois possui uma história interligada com

⁴⁶ No documentário O reggae de Belém do Pará (2023), Ras Margalho explica a utilização do termo Ras para ele e para alguns Dj's, como no caso do Dj Ras Lídio. Ele explica ras é uma gíria usada pelos cantores jamaicanos que significa Príncipe. A partir dele, alguns Dj's começaram a adotar o título.

⁴⁷ Descobriu o reggae quando começou a trabalhar em uma companhia aérea chamada Transbrasil. Ele começou a viajar e trazer discos diferentes de outros artistas que não tinha no Brasil. Na época, o Brasil vivia o regime militar, que durou de 1964 a 1985. E as capas de discos sofreram censura, como a capa do primeiro álbum do Bob Marley, chamado "Catch a fire". Na capa, Bob aparece fumando um cigarro de maconha, e no Brasil, houve censura desse álbum, sendo trocado a figura de Bob fumando por um isqueiro. E dessa forma ele foi vendido no Brasil. Um outro disco do Bob também, chamado Kaya, em que saiu na contracapa do disco era um cigarro de marihuana enrolado no pé da marihuana. Então, quando ele começou a viajar, trouxe muitos discos desses que não chegavam no Brasil. O que era muito ouvido no Brasil: Jimmy Cliff, Jacob Muller, Bob Marley. Na época eu fiz o primeiro fã clube daqui do Pará, chamava Belém Reggae Music Club. Não era um fã clube de dança. Era um encontro pra trocar ideia, ver quem é que gostava de reggae. Quando começou a se expandir pelo Brasil, a galera veio me conhecer. Como no Maranhão, por exemplo. Ele comenta sobre sua amizade com Ferreirinha, Luiz Fernando Ferreira, dono do espaço aberto e da radiola estrela do som, do Maranhão. Na época ele leu em uma revista, que tinha um cara em Belém que pesquisava a cultura reggae. E ele veio umas 4 vezes a Belém em busca de Margalho. E lá no Maranhão, o reggae era muito restrito. Até que Margalho foi a São Luís, no qual Ferreirinha lhe convidou pra conhecer o reggae de lá. A partir daí, houve a necessidade de se criar um espaço de reggae em Belém. Com a ajuda de Fernando, que era um cara que ele gostava de reggae e a esposa dele na época também, e aí começou a fazer as festas no quintal da casa dele. Que era o único lugar que tinha pra galera se reunir. Então as festas eram realizadas domingo a tarde. E o público começou a chegar. Tem gente que nem sabia o que era reggae, mas começou a gostar. Ia pra lá todo domingo. As festas aconteciam todo o fim de semana. Sexta, sábado e domingo. Surgiu o Habitat do Reggae, Espaço do Reggae, Angustura bar, que era um espaço que muita gente conhece. (Informações contidas no documentário O Reggae de Belém do Pará, de Carlos Rodrigues, 2023.)

o Maranhão, sendo a mesma considerada “o maranhão dentro de Belém”, como intitulado no texto de Rogério Almeida e Lilian Campelo⁴⁸.

Na década de 70, famílias de comunidades quilombolas do Maranhão vieram para cá, para buscar melhoria de suas condições financeiras. Desse modo, essas famílias começaram a ocupar o bairro do Guamá e Terra Firme, que eram os bairros mais periféricos. Dentre essas, uma parte considerável da população quilombola da região de Codó, do Maranhão, ocupou a rua dos pretos.

Em entrevista ao blog Vinte Cultura e Sociedade, Fumaça ou José Ribamar Guedes, relata exatamente essa realidade “Cheguei aqui com 18 anos. Os irmãos mais velhos vieram na frente. Quando voltavam para a nossa cidade, falavam de Belém. Ficava curioso. Vim atrás de trabalho. Fiz a vida aqui e só volto para visitar os parentes que ficaram lá”.

Fumaça fez sua vida aqui e também contribuiu no pioneirismo do reggae de Belém, quando fundou a chamada “Escolinha do Reggae”. Amante da música reggae, no vídeo x, diz que ninguém conhecia o reggae aqui em Belém que ele botava pra tocar em sua casa, e como queria ensinar o que era essa cultura, a sua casa tornou-se um ambiente de bar em que as pessoas podiam ouvir reggae, beber e dançar, em plena década de 70, muito antes do auge noventista do reggae de Belém. Por isso hoje, a escolinha do reggae é considerada como a primeira casa de reggae em Belém do Pará e ainda está em funcionamento.

Neste tópico, também utilizarei um trabalho de campo voltado aos pioneiros do reggae: O Reggae dos Pioneiros, ocorrido na Feira do Açaí⁴⁹. E uma entrevista para explicitar como essas pessoas influenciam a cena, desde a década de 1990 até hoje.

Reggae dos pioneiros

Em um determinado dia, vi a notícia no status de Whatsapp da Dj Cleide, de quem tive grande apoio nessa pesquisa, que um reggae iria ocorrer na Feira do Açaí em homenagem aos pioneiros. Uma festa atípica que nunca ocorreu, mas que seria extremamente relevante para o fortalecimento da cena. Ao ver o flyer abaixo, me empolguei, pois já havia participado de alguns batuques na Feira do Açaí e já achava o local incrível para eventos de rua, pois a Feira do açaí

⁴⁸ Matéria sobre a construção da rua dos pretos, de julho de 2013. Disponível em: <https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2013/07/02/rua-dos-pretos-o-maranhao-dentro-de-belem/>. Acesso em 15 de Agosto de 2024.

⁴⁹ A feira do açaí é uma área localizada às margens da baía do Guajará, na zona portuária de Belém. Nela, são comercializados açaí, proveniente de áreas ribeirinhas de Belém, para o abastecimento do fruto na cidade. O espaço também conta com lanchonetes e quiosques para atender o grande fluxo de vendedores e compradores. A área também costuma ser palco de eventos culturais na cidade, como no caso do reggae dos pioneiros.

é um local que, além de ponto turístico, é palco para alguns eventos culturais, como sambas na feira ou mesmo algumas discotecagens de reggae.

Além do post da Dj Cleide, encontrei uma postagem do Dj Daniel Morais também divulgando o evento. Achei interessante e resolvi trazer até aqui, pois nela, ele cita o nome de várias pessoas que foram consideradas importantes para a construção da cena reggae.

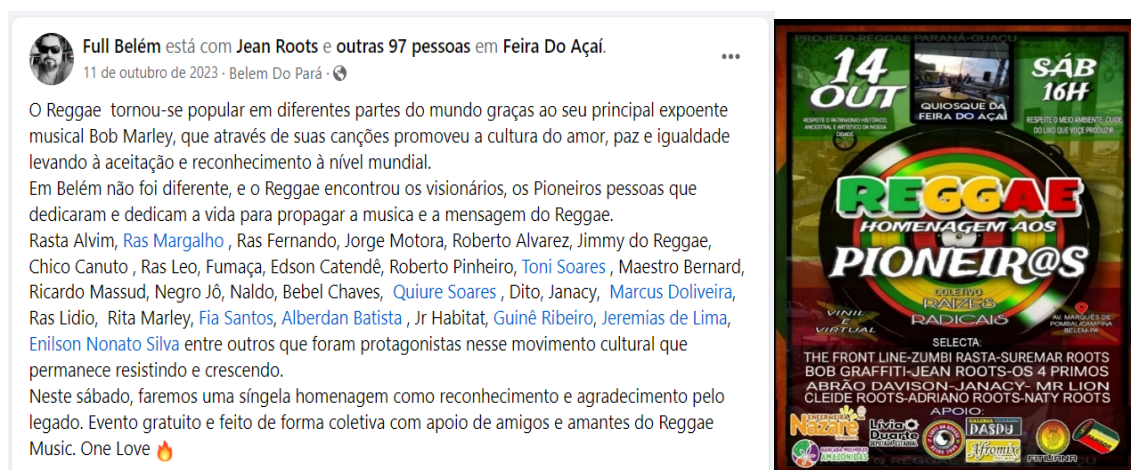


Imagem 02 Post de Daniel Morais no Facebook e flyer de divulgação do evento

Logo, procurei saber quem foram os organizadores e tudo que rolou nos bastidores para este reggae ocorrer e soube que teve apoio da deputada estadual Lívia Duarte, disponibilizando equipamento de som. Este evento é um fato histórico na cena, que visa reconhecer a importância dos grandes Dj's, colecionadores e incentivadores que permanecem e fomentam a cena reggae paraense desde o seu surgimento.

Chamei alguns amigos para que o evento tivesse mais visibilidade e força e eles imediatamente adoraram a ideia, todos acharam muito boa a proposta desse evento ocorrer nesse lugar, pois para os mesmos, que participaram de vários reggaes em Belém, isso também era inovador.

Quando foi o dia do evento, fui chegando com a minha bicicleta pelas redondezas e ouvi a música reggae tocando, junto daquele visual tipicamente belenense das vielas da Cidade Velha e o rio logo a frente. Ao chegar realmente no local do evento, o reggae toca mais alto, mas não tão alto, talvez por ser um local totalmente aberto e com tantas coisas acontecendo ao redor a música não poderia ser tão forte. O que pra mim foi ótimo porque eu conseguia ouvir além do reggae, os pescadores chegando, a brisa da baía do Guajará vindo e o mundo de cheiros e sons ao meu redor.



Imagem 03 Reggae na feira do açai



Imagem 04 Vista da área central

A estrutura do local era a mesma que acontecia no batuque, algumas cadeiras e mesas de plástico a céu aberto em que as pessoas podiam consumir alguns pratos nos quiosques da feira e bebidas. A estrutura de som estava debaixo de uma tenda branca, bem na esquina da feira, onde ocorre tradicionalmente um batuque, às sextas. O foco era vinil e a estrutura não precisava ser tão grande. Eles se preocuparam apenas em não molhar os aparelhos de vinil e a estrutura de som.

Imagem 05 *Pick up* dos Dj's, com Ras Margalho e Bryan se apresentando.



Imagem 06 Alguns pioneiros recebendo medalhas de reconhecimento. A primeira é de Roberto Alvarez, recebendo de Apolinário, que também é pioneiro do movimento reggae. A segunda é de Fumaça, pela militância regueira no bairro da Terra Firme. Abaixo temos os pioneiros colecionadores Ras Fernando e Ras Margalho, que foram peças essenciais para a difusão do gênero na cidade.

Nessa tenda e ao redor dela estavam ali alguns pioneiros famosos do reggae de Belém. Ao me deparar com essa cena, notei que a força da cena reggae em Belém talvez tivesse retornando, como tanto lutava os movimentos dos mesmos para isso, pois um evento daquele estilo nunca havia ocorrido anteriormente e por conter tantos símbolos da nossa cidade me veio à cabeça alguns depoimentos de meus interlocutores que falavam que o reggae na década de 1990 e final de 2000 era a "cara de belem".

Um pouco depois de eu ter chegado, as medalhas que seriam entregues aos pioneiros, como forma de homenagem, começaram a ser distribuídas.



Imagem 07 Pioneiros Ras Fernando, Daniel Morais, Roberto Alvarez, Fumaça e Jeremias.

Lá estava também uma colega minha e logo fui conversando com a mesma sobre a cena, ela me relatou vivências no PQC⁵⁰ e algumas memórias de 1989. Ela me contou que frequentava o PQC na juventude, era uma das festas que ela mais gostava, porque era mais perto de onde ela morava. As festas ocorriam mais na região central de Belém.

Outros amigos chegaram, o evento estava ainda começando e ainda havia poucas pessoas e por ter pouca gente conseguia observar um por um que chegava ali. Muitos rostos conhecidos de equipes e DJs, etc. Pessoas muito queridas pela cena, que sempre marcam presença nos eventos. Muitos falaram comigo e demonstraram gostar da minha presença ali. Se

⁵⁰ O PQC (Pedras Que Choram) era um clube no conjunto Promorar, área metropolitana de Belém, localizado na Av. Oeste nº24, Marex. O principal e único gênero que se tocava era reggae. Em entrevista com Ras Lídio em 18/11/2023, ele configura o PQC como uma das únicas casas de show que só tocavam reggae. Foi uma das principais casas de show nas décadas de 1980 e 1990.

referem a mim como alguém que está fazendo um importante trabalho da universidade para a cena. Alguns compreendem ser pesquisa de pós-graduação, outros não conseguiram entender, por mais que eu tenha explicado outrora.

O Dj Abrão, juntamente ao Dj e colecionador Janaci Roots estavam no comando do som. Outros Dj's também compartilharam de suas coleções, como Margalho e Don Bryan, seu filho. Charles Wilson⁵¹, conhecido como Dok CDP também se apresentou. A Dj Cleide Roots marcou presença. Chegou junto com o Jean Roots, em uma moto. Neste dia, eles se apresentaram em Outeiro, no sítio do baiano, localizado no distrito de Outeiro⁵², onde tem acontecido algumas festas de reggae e uma retomada da cena em Outeiro.

Em um determinado momento da festa, conheci o Naldo, que foi dono do antigo Espaço do Reggae. Esse espaço, que funcionava no bairro da Cidade Velha nas últimas décadas, foi uma das casas de reggae mais famosas da cidade. Segundo o Naldo, esta foi a segunda casa de reggae em Belém, depois da Toca do Reggae. Todos os grandes Dj's se apresentaram lá, e muitos dos meus interlocutores participavam das festas.

Também fui apresentado ao John Lenon, que é dono do espaço Malocas das Amazonas, onde tem acontecido algumas festas de reggae recentemente. Ele também tinha ligação com o espaço raízes. Esses últimos também localizados no bairro da Cidade Velha. Este bairro, onde se concentra o centro histórico da cidade, foi muito movimentado culturalmente. Há um circuito cultural histórico, que permeia o bairro há alguns anos. Blocos de carnaval, eventos municipais e pontos turísticos afirmam esta característica do bairro.

Pude conhecer também uma figura emblemática para a cena reggae. Conhecido por Fumaça. Um senhor negro, de 74 anos. Fiquei empolgado, pois conhecia por alto a sua importância para a cena. Ele me contou um pouco da história do reggae em sua localidade, que é a Rua dos Pretos, onde lá se realizam alguns movimentos. Ele me chamou para seu aniversário de 75 anos. Infelizmente não pude ir, mas senti que eu estava me integrando a cena, pois algumas pessoas importantes estavam cientes do que eu estava fazendo e sempre eram solícitas comigo. O mesmo demonstrou sua felicidade em fazer parte daquele seleto grupo de pessoas homenageadas no evento. Ele relatou, ao receber a medalha, a seguinte mensagem:

Aqui pra mim, é uma alegria constantemente a ver os meus amigos anteriormente, que já passaram lá por casa e hoje tão por aqui, e hoje foi um dia maravilhoso, que eu pude ter um encontro com todos, meu amigo Fernando, Margalho, e toda a galera comitiva do reggae de Belém do Pará.

⁵¹ Este é um dos Dj's de Vinil da equipe CDP, fundada em 1994, nos tempos áureos do Reggae em Belém.

⁵² Outeiro é um distrito de Belém, composto por várias ilhas, conhecida por sua praia de água doce. O acesso é facilitado por uma ponte e transporte público. A infraestrutura, incluindo saúde e educação, enfrenta desafios devido ao crescimento populacional desordenado.

Por esse carinho que eu tenho por vocês e você tem por mim. (Fumaça, Reggae dos pioneiros, realizado no dia 14 de outubro de 2023)

Entre as homenagens, os reggae que embalaram as décadas de 1980 e 1990 tocavam e as pessoas aparentemente curtindo bastante aquele evento. Em alguns momentos, amigos relatavam o quanto aquele local era perfeito para ouvir um reggae, pois havia vento fresco e cerveja barata. Um ambiente perfeito para quem quer desfrutar de uma música que emana mensagens de paz.

Junto a Ras Margalho, outro nome se cruza na pesquisa como um dos primeiros a introduzir o ritmo jamaicano à cidade das mangueiras⁵³. Trata-se do colecionador e vendedor de discos Ras Alvim, que deixou este plano em outubro de 2019. Lendo informações nas redes sociais sobre ele, pude catalogar algumas informações a seu respeito.

Nos anos 1970, mais especificamente em 1977, Ras Alvim iniciou um movimento em sua residência, reunindo-se com amigos como Ras Margalho, Jorge Matora, Manassoude e Fernando Ripi. Este último foi o pioneiro na criação da "TOCA do REGGAE", uma casa de reggae em Belém do Pará, localizada na Passagem Secundino Portela, na Marquês de Herval, Bairro da Pedreira. Esta casa recebeu renomados DJ's da época, incluindo Ras Margalho, Maestro Bernard, Dj Lídio, entre outros.

Ras Alvim expressa sua opinião sobre o desenvolvimento do reggae, destacando que muitas pessoas frequentam esses locais por mera empolgação, sem compreender a origem das músicas, sua mensagem, a distinção entre a filosofia rastafari e a música em si. Ele ressalta que a consciência é fundamental para o crescimento genuíno na cultura reggae.

Quanto ao rastafarianismo, Alvim observou que atualmente existem pessoas que adotam a aparência rasta, com *dreads* e cantando reggae, mas não seguem a filosofia rasta. Seu vocalista favorito é Bob Marley, a quem considera insubstituível e afirma que "Ele não morreu... está apenas adormecido". Alvim desejava que frequentadores de casas de reggae tenham a certeza de que o ritmo promove paz, união, humildade e conscientização, enfatizando que o reggae não é apenas uma dança, mas sim uma cultura rica, fácil de aprender e difícil de esquecer.

Ras Alvim também introduziu o reggae no Maranhão⁵⁴ na década de 80, apresentando-o a Riba Macedo, proprietário de uma radiola em São Luís. O reggae ganhou popularidade entre

⁵³ Como é conhecida a cidade de Belém.

⁵⁴ Em Brasil, (2011), essa informação se cruza com as informações sobre Ras Alvim:

“O primeiro a trazer do mercado do Ver-o-Peso, em Belém-PA os vinis de reggae e merengue para São Luís foi José de Ribamar Macedo, Riba de Macedo ou, atualmente, J. Macedo. Ele começou a aparecer nas festas populares e internacionais dos amigos com os vinis e pedia para tocar algumas músicas. A primeira reação dos amigos discotecários foi dizer: “*Riba, larga de mão, isso é música de arraial*”. (RODRIGUES *Apud* FREIRE, 2010)”

os maranhenses, especialmente com a introdução do disco "Reggae Frontline"⁵⁵. Recentemente, a banda Tribo de Jah prestou homenagem a Alvim com a música "Pioneiros do Reggae" no CD "Guerreiros da Tribo", citando seu nome juntamente com outros pioneiros.

2.2 Nas ondas do Rádio

O Reggae, anterior à sua disseminação internacional com o Bob Marley, se concentrava no continente americano, pois naquela época não havia acesso à internet, celulares ou meios de comunicação do gênero. Para conhecer uma música demarcada por região, era necessário estar em uma posição propícia a sintonizar alguma estação de rádio local, restringindo-se às estações jamaicanas. Até que em Belém do Pará, por volta de 1980, com a melhora da tecnologia de rádio, algumas pessoas conseguiram sintonizar essas estações locais da Jamaica. As primeiras pessoas que ouviram o reggae nessa década intitularam o ritmo como música internacional. Nas aparelhagens de Belém, esse “gênero”, chamado de Internacional, basicamente era composto por músicas que não estavam bem definidas em termos de gênero. Por exemplo, Das Model, de Kraftwerk, que é uma música eletrônica, era configurada como música internacional, tocando até hoje em bailes da saudade. Jimmy Cliff também se encaixava nessa categoria, por ninguém saber exatamente o que era o reggae. Trago uma memória de Ras Lídio, captada em uma entrevista no dia 18 de novembro que confirma as informações.

Eu ouvi um disco de reggae em 1990, por acaso, que era do Jimmy Cliff, chamado “I follow my mind”. “Eu sigo a minha mente”, traduzido. Eu tinha uma banca com uns primos, que era na feira do Guamá. E lá, tinha um cara de nome Valdemar que vendia discos. Ele tinha esse disco. Eu achei muito massa a capa. As músicas eram muito bonitas. Eu comprei o disco e ouvia o tempo todo, sem saber que aquilo era reggae. Eu entendia como música internacional. Música caribenha e tals, naquele estilo. (Ras Lídio, entrevista no dia 18 de novembro)

Lídio também comenta sobre o início do programa Sunsplash Radio Reggae na Rádio Cultura, da Fundação Cultural do Pará. Ele conta que Roberto conversou com Toni Soares para fazer um programa de reggae na cultura. Então, Toni pediu ajuda para os Dj’s Ras Margalho, Ras Benji e Ras Fernando com músicas para apresentar no programa. A partir de contribuições de colecionadores de vinil de Belém, a atração se firmou como o primeiro programa de reggae em rádio na cidade de Belém. Um tempo depois, surgiram os programas “Meio Dia e Reggae” e o “Reggae Vibration”.

⁵⁵ Este disco de 1978 é um compilado de artistas de reggae.

A audiência foi muito boa do programa, muita gente ligava para pedir músicas. O Dj Cury Pedra⁵⁶, que também participava da conversa, comentou que o telefone era congestionado: “Tinha que ligar durante a semana para a Rádio Cultura pra pedir uma música pro Toni Soares tocar no sábado, que além de apresentador do programa, era diretor de programação da cultura.”

O Sunsplash Rádio Reggae foi criado em 1991, sendo o primeiro programa de Reggae na rádio, sob o comando de Toni Soares, que recebia vários colecionadores para compor a sua programação. O programa conquistou uma audiência considerável. Muitas pessoas conseguiam gravar suas músicas em fita K7 sem vinheta⁵⁷, pois ao final do programa, era disponibilizada para os ouvintes as últimas músicas sem vinheta.

Em minhas pesquisas a respeito do programa Sunsplash, encontrei uma matéria de jornal sobre o aniversário de 1 ano do programa, de 1992. Na ocasião, a festa seria comemorada na boate Baito⁵⁸. O programa de rádio promovia festas, que aconteciam muitas vezes no Parque dos Igarapés. Ele também aproximou colecionadores que possuíam o gosto em comum. Segundo Simmel (2008), a interação entre as pessoas cria conexões de reciprocidade, o que leva à formação de uma sociabilidade que consiste na cooperação entre as ações humanas. Simmel (1983) interpreta a sociabilidade como um tipo de jogo social, no qual é essencial manter um equilíbrio e o objetivo é estabelecer laços e manter relações interpessoais. A sociabilidade possibilita a troca de afetos, a comunicação e a construção de identidades, entre outros aspectos, os quais podem ou não, por exemplo, reforçar a conexão entre os ouvintes e apreciadores do gênero, propiciando o surgimento de equipes.

⁵⁶ Um dos grandes Dj's de Belém, que será apresentado no tópico 2.4 deste capítulo.

⁵⁷ A vinheta costuma ser uma marcação de música entre os Dj's, no intuito da busca pela exclusividade.

⁵⁸ Antigo nome do Parque dos Igarapés.

CADERNO D

Diário do Pará

Sábado, 11 de abril de 1992

O Reggae em sintonia com a Amazônia

Com estilo próprio, Toni Soares levanta sua nave no Sunsplash Reggae



Vera Rojas
Da Editora de Cidade

O ritmo quente e suave do reggae invade esta noite de sábado, a boate Baito, no Parque dos Igarapés, para comemorar um ano do mais agitado programa da Rádio Cultura FM, o "Sunsplash Rádio Reggae" comandado por Toni Soares. "1 Ano de Reggae na Amazônia" será o encontro dos regueiros e regueiras de Belém que promete telenovelas, participação das bandas Blak Uhuru, Aswad, Peter Tosh, Bob Marley e muito mais. A seleção musical ficará por conta dos ouvintes, que durante todo o ano, já escolheram suas "pedras" — como são chamados os reggues que fazem a festa da comunidade apreciadora do ritmo jamaicano. Serão distribuídos brindes, adesivos e camisetas.

Alisando as cordas vocais, Toni Soares já está preparado para liberar seu grito de guerra. "Salve, salve todas as tribos regueiras do planeta Terra. Solte seus cabelos e pise forte...". Dai em diante, ninguém segura mais a celebração rasgada do reggae que vai rolar.

Produtor de vinhetas da Rádio Cultura, ex-programador musical, músico, compositor e também produtor do "Estação Blues", Toni Soares diz que não é de hoje que a onda reggae rola em sua cabeça.

Gravador do único programa literalmente dedicado ao ritmo em Belém, ele lembra que seu primeiro contato com o reggae aconteceu na beira do Rio Caste — lá pelas bandas de Bragança — Isso, ainda na década de 80.

Fascinado pelo embalo da música, o contato com a Banda Universal Yourt só veio agüar a emergente influência do reggae em suas veias. "O encontro aconteceu em 90, quando a banda pintou na terrinha para divulgar a sua música na Amazônia", revelou, adiantando, porém, que a ideia do programa só foi concretizar-se um ano mais tarde. A estreia aconteceu no dia 14 de março e, desde então, o contato do povo da Amazônia com a música dos rastafaris aumentou de forma surpreendente, comenta com o peito cheio de orgulho.

Ouvintes do Sunsplash

Apesar do programa Sunsplash Rádio Reggae ter apenas um ano de

(agitada) existência, ele comenta que uma das coisas que mais o impressiona é a grande participação do público. "A relação entre os ouvintes é tão legal que acabam acontecendo algumas celebrações tipicamente regueiras", disse Toni Soares.

E foi dessa forma entrosada que explodiu a homenagem dos "10 Anos sem Bob Marley", um tributo ao rei do reggae realizado pelo programa dia 11 de maio '91. Segundo o comandante da nave do Sunsplash Reggae, essa data é de fundamental importância para os amantes da música.

Partindo de tal princípio, que a produção da Rádio Cultura FM está planejando um novo evento para marcar o dia da morte do mito Bob Marley. A ideia, prossegue Toni Soares, é fazer um "pôr-de-sol com o cantor", com o apoio do Sindicato dos Estivadores do Pará. Mas, muita calma. Por enquanto, a coisa ainda não criou corpo. São apenas ideias.



O SRS tenta sempre manter toda a magia que o reggae cria em volta de todos aqueles que se deixam levar pelo som. Por conta desse clima que os regueiros de Belém já dançaram "Uma Noite na Jamaica", que ensaiou as origens do berço reggae mais perto de Belém.

Com relação a festa de "1 Ano de Reggae na Amazônia", que rola hoje à noite na boate Baito, no Parque dos Igarapés, Toni Soares classifica como o reforço da existência desse ritmo na cidade. "Teremos agito até o amanhecer", profetiza.

Pulso quente da Jamaica

O reggae é sem dúvida um dos mais belos legados da Cultura negra, juntamente com toda a música que traz o feeling da raça. É parte da herança, presente no mundo. O reggae representa raiz, um transe primitivo e tribal nascido nos bairros de latas de Kingston, capital da Jamaica.

Dos lamentos dos negros escravizados durante séculos em vários continentes, surgiu na América o canto espiritual ou gospel — canto da Igreja dos EUA. Tais cantos religiosos e cheios de emoção originaram, posteriormente, o blues. Passando pelo jazz, chegamos ao rhytm n' blues — que originaria dois novos ritmos acelerados: o rock e o ska.

Essa fusão de ritmo foi a semente do mento, melodia lenta jamaicana, ou seja, o reggae. São composições rócantes, com áreas de movimento pacífico pela forma que domina e invade o planeta com mensagens de paz, amor e harmonia.

Durante muito tempo, a batida regueira provocou transformações na



A festa do 1º ano de reggae na Amazônia promete muito agito

música jamaicana até a sua chegada na Inglaterra. São imigrantes que hoje têm grandes redutos da música no bairro de Brixton. Bob Marley foi considerado o propagador da filosofia e música rastafari. Visto como rei do reggae, suas mensagens deram ao novo ritmo uma ampla caracterização política.

A melodia cardíaca e pulsante do reggae invadiu meio planeta, através das vozes e guitarras de Peter Tosh, Jimmy Cliff, I Jah Man, Gregory Isaacs e um leque interminável de astros.



Uma viagem alucinada no ritmo hipnótico do reggae

Além do Sunsplash, houve também um programa significativo para a massa regueira paraense chamado Reggae Vibration, apresentado por Roberto Pinheiro. Em 11 de setembro de 1999, foi lançado esse programa na Rádio Rauland FM⁵⁹, por cortesia do Sr. Jarbas Ferreira, fundador da Rádio Rauland, conforme narrado por Roberto Pinheiro. Ele já acumulava uma sólida experiência no rádio, com três anos de atuação na Marajoara FM, incluindo passagens pela Liberal⁶⁰ e pela própria Rauland, além de colaborações frequentes no Sunsplash de Toni Soares, na Cultura, e na Jamaica Brasil de Bebel Chaves⁶¹, na extinta Província FM⁶².

No entanto, o lançamento do Reggae Vibration na Rauland significou algo mais profundo, acrescento aqui uma fala de Roberto Pinheiro coletadas na rede social *Facebook* sobre o lançamento desse programa: “Representou um ato de resistência em um período de declínio do reggae em Belém, após uma era dourada nos anos 1990. A estreia do programa na Rauland simbolizou essa resistência.”

Roberto Pinheiro foi acompanhado por vários maranhenses, como o DJ Mr. Mário, Fiuca, Fumaça, e outros, bem como paraenses, incluindo Ras Fido, cujo apoio e envolvimento foram cruciais para a consolidação do programa. Por meio do Reggae Vibration, Pinheiro construiu muitas amizades, incluindo figuras-chave do reggae em Belém, como Cury Pedra, Daniel Moraes, DJ Alex e muitos outros.

Ao longo de sua trajetória, o programa migrou para a Rádio Metropolitana FM⁶³, e, posteriormente, foi para a UNAMA FM⁶⁴, a convite da radialista Bebel Chaves. Hoje o programa retornou à Metropolitana FM, aos sábados, 13 horas.

Listo neste tópico uma pessoa que foi fundamental para o desenvolvimento do reggae na Rádio, chamada Carlinhos. Carlinhos também é um dos pioneiros na construção do que viria a ser a cena reggae de Belém, sendo uma das pessoas que frequentavam o quintal de Fernando, a chamada Toca do Reggae, primeira casa de reggae de Belém, citada diversas vezes neste

⁵⁹ Rádio Rauland FM é considerada a primeira rádio FM do Pará, sincronizada na frequência 95.1 Mhz.

⁶⁰ Emissora de rádio brasileira, filiada à TV Globo, sincronizada na frequência 97.5 MHz.

⁶¹ Bebel Chaves é uma radialista pioneira na pesquisa a respeito do reggae de Belém, tendo seu TCC em Comunicação falando sobre a história do Reggae em Belém.

⁶² Província FM é uma rádio de Belém que já foi extinta e não é possível obter mais informações sobre.

⁶³ Metropolitana FM é uma rádio belenense sincronizada na frequência 98.5 Mhz, no qual Roberto Pinheiro apresenta o programa Reggae Vibration.

⁶⁴ A Rádio Unama FM 105,5 Mhz é uma emissora educativa vinculada a FIDESIA - Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia – e integra o Grupo Ser Educacional.

trabalho. Ele teve uma importância fundamental para a cena, resultando em diversas conquistas em prol do movimento. Em uma de nossas conversas, ele me relatou sua trajetória.

“Meu primeiro contato com pessoas que se encontravam para ouvir reggae em Belém foi no início da década de 1990 na Toca do reggae. A Toca ficava na passagem Secundino no bairro da Sacramenta e era um quintalzinho da casa do Ras Fernando, o proprietário. Como desde 1988 trabalho na área de comunicação minha possibilidade de participar do que chamamos de Movimentos de Reggae era muito rara, porém como eu fui fundador do Movimento de Rádios Comunitárias e fundei também a Rádio comunitária ERÊ FM, vi uma oportunidade de contribuir com o Movimento Reggae. Na rádio abrigávamos dois programas de reggae, que se mantiveram até que a rádio fosse truculentamente fechada pela Polícia Federal. Depois disso me dediquei ao movimento sindical, mas sempre presente nas casas de reggae, nas atividades dos movimentos e sempre que podia contribuía. Meu foco sempre foi me preocupar com a organização, pois entendia que essa seria a nossa única arma contra a maneira como a sociedade, mas principalmente as forças policiais nos tratavam. O Movimento Reggae sempre teve dificuldade de se organizar devido ao fato de algumas lideranças confundirem atividade organizacional com política partidária, essa debilidade se evidenciou quando aproximadamente no final da década de 1990 um delegado, que não gostava da música reggae e nos conceituava de “bando de prostitutas e maconheiros” decidiu fechar todas as casas de reggae de uma só vez e o fez. Em uma só noite em Belém todas as casas de reggae foram fechadas com uma série de alegações, desde a falta de licença, até a presença de menores, que naquela época ainda estava em transição da permissão para proibição a presença de menores em festas. Dia seguinte a esse fato reuniram donos de casa de reggae, lideranças de movimentos no bar Habitat do Reggae, que funcionava na praça Eneida de Moraes, eu estava nessa reunião.

Em 2010 tive uma nova oportunidade de contribuir mais amplamente com o Movimento Reggae, quando assumi a direção da Rádio Cultura. Como não foi possível continuar com o programa denominado Sunsplash Rádio Reggae, por ser um programa cuja marca era registrada em nome do antigo apresentador, reuni um grupo de pessoas envolvidas com o reggae e criamos um outro programa, com o nome Cultura Reggae. Nesse programa envolvemos pessoas, chamamos Djs para participar, fazíamos transmissão de shows ao vivo etc. Porém o quadro que gosto de lembrar é uma que chamamos de “quem é você no reggae”.

Observando que havia muita prática de apelidos no reggae, começamos a saber quem eram as pessoas, chamá-las pelo nome e surpreender muita gente quando sabiam que aquelas pessoas, que eram apelidadas, muitas vezes pejorativamente eram profissionais em alguma área, tinham e têm uma história de vida o que levou as pessoas a olha de uma forma respeitosa para várias delas. O programa se manteve na grade da Rádio Cultura por 04 anos.” (Carlinhos, em conversa via Whatsapp, em 04 de março de 2024.)

Esse relato do meu interlocutor atravessa uma série de questões importantes que entremeiam a cultura reggae, apresentando os desafios da própria história do movimento em Belém. Em um primeiro ponto destaca-se a sua atuação no movimento de rádios comunitárias, em especial a criação da rádio ERÊ FM, que é um ponto central na história do reggae, dada a importância dessa mídia para a expansão cultural da cena.

Ao assumir a direção da Rádio Cultura, o autor voltou a contribuir para o movimento reggae, criando o programa *Cultura Reggae*, que envolvia DJs, transmissões de shows e o quadro "Quem é você no reggae?". Esse quadro tinha como objetivo desconstruir estigmas e humanizar as pessoas envolvidas no movimento, destacando que muitos dos apelidos usados no meio eram pejorativos, e que os indivíduos por trás deles eram profissionais respeitáveis. Isso reforça a importância de valorizar e reconhecer as contribuições culturais e sociais das pessoas envolvidas no reggae.

Outro ponto sensível no relato é a repressão enfrentada, que culminou no fechamento de diversas casas de reggae em Belém no final dos anos 1990. Nesse ponto, é sabido que ao longo da história, as expressões culturais populares dos jovens têm enfrentado grandes obstáculos para se concretizarem, sobretudo por causa dos variados estigmas atribuídos às suas práticas e às maneiras como interpretam o mundo e dão forma à vida por meio da estética, manifestando-se em diferentes linguagens, como a musical. (BRASIL, 2014). Retomando a fala de Milton Pinheiro, descrita no capítulo 1, sobre as casas de reggae que fecharam (antes havia mais de 50) a partir de uma ação policial, tal qual a citação abaixo a respeito da repressão policial no Maranhão, que também se aplica à Belém.

"A repressão policial e a discriminação sofridas, pelos regueiros, vêm demonstrar que a prática racista, legalmente adotada pelo sistema escravocrata, no tempo do cativo, impedindo que pretos livres e escravos dançassem e tocassem seus instrumentos dentro das vilas e povoados, deixou sequelas, ainda não erradicadas, da sociedade maranhense."
(ARAÚJO, 1990 *apud* SOUSA 2016)

Esses estigmas, geralmente são utilizados como justificativas para truculência e repressão policial, como a justificativa utilizada pelo delegado relatado que mostra o preconceito em torno do movimento, associado pejorativamente ao uso de drogas e à prostituição, refletindo uma repressão institucionalizada e estrutural contra espaços de cultura negra.

Retomando a questão da rádio, esses, até as décadas de 1990 desempenharam um papel fundamental na construção de culturas nacionais (HALL, 2003). No caso da Região Norte, a influência se dava a partir das linhas caribenhas de transmissão de rádio. Dessa forma, os ritmos

caribenhos da cúmbia, merengue, salsa e reggae foram entrando na rede e sendo conhecidos por um público cada vez mais amplo. Esses programas não apenas transmitiam música, mas também informações, notícias e até mesmo debates culturais, como o debate organizado na Rádio Cultura⁶⁵, no programa Cultura Reggae ⁶⁶em que foi discutido o uso da cannabis com fins medicinais. Desse modo, ao sintonizar essas emissoras, as pessoas não apenas se conectavam com o entretenimento, mas também com as tradições e expressões culturais de suas próprias regiões e além. Assim, os programas de rádio foram agentes poderosos na formação e difusão das culturas nacionais, incluindo as nuances e diversidades presentes na região norte.

2.3 Equipes e movimentos

Nesse tópico, discutirei sobre as equipes e movimentos da cena reggae em Belém, fazendo uma breve interface com movimento social. Utilizarei conversas informais via Whatsapp de líderes dos movimentos e equipes mais atuantes enquanto estive em campo.

Quando comecei a ir a campo, no Porto Solamar, Tributo ao Bob Marley, Reggae do Parque, etc. as bandeiras logo me chamaram atenção, principalmente porque elas estavam sempre lá. E foi no meio disso que descobri que essas bandeiras eram de Equipes de Reggae, sendo as mais evidentes as bandeiras das equipes: Ladys do Reggae, Laje Roots, Jah Lovers, Triunfo de Jah, Bobicolor, Remo Roots, Família Jackie Brown, Reggae solidário e as equipes de Dj's: Equipe CDP, Freedom Roots, Conexão Rasta, The Front Line, Dread System, Lobos do Reggae e Dupla Show. Inclusive, este foi um fator para que eu tenha escolhido dar maiores explicações nesse tópico das mesmas, haja vista o protagonismo dessas na cena.

Na questão das bandeiras, as cores do reggae eram predominantes e apontavam um grupo de pessoas específico que eram mais engajados na cena reggae do que os participantes comuns. Antes de tudo, apesar de já ter sido explicado anteriormente em rodapé, ainda assim achei que cabe repetir para maior compreensão do meu interlocutor, que há uma diferença entre equipes e movimentos.

Em conversa informal com Jean Nascimento (apresentado no tópico 1.3 Reggae em Belém do Pará e suas memórias), não devemos confundir os dois, pois a equipe tem uma

⁶⁵ Rádio FM sincronizada em 93.7 Mhz, que é um dos pilares da TV Cultura.

⁶⁶ Cultura Reggae é um programa apresentado na Rádio Cultura, todo domingo às 14h com reprise na terça 20h. Sua produção e apresentação são feitas por Daniel Mioju.

característica de encontro, de celebração na festa, de reunião e partilha de sentidos. Já no movimento, além desse caráter de reunião, o diferencial é o envolvimento sociopolítico, de assistência social, trabalhos de distribuição de alimentos, comidas, e serviços, como corte de cabelo, consultas e oferecimento de cursos profissionalizantes nas comunidades.

Entretanto, em minhas observações noto que apesar desses conceitos terem sido delimitados por um membro atuante da cena, há uma linha mais tênue sobre esses, pois há inúmeros grupos, que se apresentam como equipes em sua nomenclatura mas possuem um trabalho social. Tal qual a equipe Ladys do Reggae, que em entrevista semiaberta realizada via áudios no Whatsapp, no dia 02 de março de 2024, nos relatou que fazem inúmeras ações sociais, sendo uma das mais conhecidas o Natal das Ladys, como a Carol, líder da equipe relata: "A nossa maior ação todo o ano é o Natal das Ladys. A gente escolhe vários lugares pra fazer. Por exemplo, em 2020, a gente realizou o natal das Ladys na Terra Firme, numa comunidade lá muito bacana."

Durante minhas pesquisas nas redes sociais, encontrei pelo perfil da integrante Lady Carol, fotos da campanha de natal do ano seguinte, referente ao citado acima. A localidade escolhida para a realização da campanha também é voltada às áreas periféricas de Belém.



Imagem 09 Natal das Ladys do Reggae no dia 20 de dezembro de 2021, realizado na vila da barca.

E não há apenas uma ação pontual nessa equipe, elas também realizam outras ações, como a entrega de kit de higiene pessoal, campanhas Agosto Lilás⁶⁷, Não é não⁶⁸, etc. O que foi observado a respeito desta equipe é que suas ações são direcionadas ao público feminino. Outro ponto notado é que a equipe Ladys do reggae, por mais que a própria se intitule equipe, traz características mais fortes de movimento, pelo conceito descrito por Jean Nascimento.

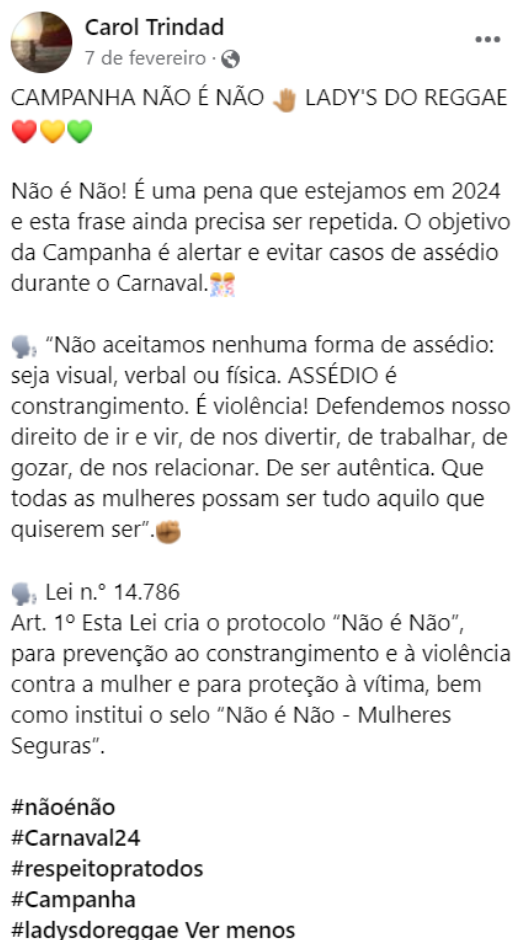


Imagem 10 Postagem de Carol Trindade na rede social Facebook sobre o evento não é não, no intuito de alertar o público feminino ao assédio nos blocos de carnaval, com orientações e distribuição de papéis como esse.

⁶⁷ Campanha de conscientização e combate à violência contra a mulher ocorrida todos os meses de agosto. O Lilás simboliza a luta feminina por seus direitos.

⁶⁸ Campanha que combate à violência sexual e assédio entre mulheres, que posteriormente virou lei (14.786/2023)



Imagem 11 Serviços oferecidos no Agosto Lilás, no dia 17 de agosto de 2023, realizado na vila da barca. Na foto, consta os serviços de Designer de Sobrancelhas e aferição de glicemia.

Contudo, para maior entendimento desses termos, recorri ao dicionário para fazer uma diferenciação entre equipes e movimentos na língua portuguesa e comparar com a compreensão dos atores. Segundo a página na internet Dicio⁶⁹, um dicionário online de português, movimento pode ser classificado como "Ação de um grupo de pessoas que se une com o mesmo propósito: movimento contra o preconceito; Corrente ideológica que traz um âmbito específico." E equipe está definida como: Reunião de indivíduos que realizam (em conjunto) uma mesma tarefa ou trabalho." Observa-se que os significados dos termos se assemelham ao entendimento de Jean Nascimento.

Destarte, temos que também ter em mente que há vários tipos de movimentos: social, político, trabalhista, ambiental etc. Logo, para analisar melhor os movimentos do reggae, questionei-me se seria pertinente encaixá-lo na classificação "movimento social". Para isso recorri a uma das mais famosas pensadoras da área, a pesquisadora Maria Gohn, que aponta que movimentos sociais têm um caráter sociopolítico e cultural, permitindo que grupos de pessoas se organizem e expressem suas demandas em relação a questões sociais e políticas.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/movimento>. Acesso em 15 de Agosto de 2024.

Estes movimentos possibilitam que a população se una para buscar mudanças e desafiar estruturas estabelecidas de poder." (GOHN, 2011)

Ou seja, os movimentos sociais desempenham um papel fundamental na análise e transformação da realidade social. Eles não apenas identificam problemas e injustiças dentro da sociedade, mas também propõem soluções e promovem ações coletivas para enfrentá-los. Ao atuarem em redes, os movimentos sociais ampliam sua capacidade de mobilização e impacto. Através da cooperação e coordenação entre diferentes grupos e indivíduos, eles podem criar uma frente unida contra a exclusão social e promover a inclusão de grupos marginalizados.

Tendo em vista esse conceito, notei que o caráter social dos movimentos ou equipes de reggae era mais voltado ao assistencialismo e a reunião de pessoas com a mesma ideologia e não uma reunião política para mudar estruturas de poder. Por isso, não se encaixaria no conceito de movimento social, como mostra a literatura, por suas atividades de cunho assistencial não ter pretensão de mudança ou modificação da realidade das pessoas em que ali estão envolvidos.

Contudo, como a música Reggae é um elemento de voz do povo negro, podemos compreender que o Reggae em si e as pessoas que lutam para que ele possa ter continuidade na cultura de Belém, como as equipes/movimentos, poderiam ser considerado um importante elemento cultural do movimento negro como um todo.

Para isso, recorro à monografia de Cláudio Júnior (2014), em que o mesmo cita os ensaios presentes na coleção *Sankofa*, organizada por Elisa Larkin Nascimento, até o século XX no Brasil, a voz dos afrodescendentes foi sistematicamente silenciada ou ignorada através de mecanismos políticos, como as teorias raciais que os inferiorizavam, culpando-os pelos problemas da civilização brasileira. A elite branca não reconhecia a importância das manifestações dos negros, negando-lhes representação em espaços políticos que deveriam ser acessíveis a todos. Diante dessa exclusão, os afro-brasileiros foram obrigados a criar seus próprios meios de comunicação, que não apenas informavam essa população marginalizada, mas também ofereciam educação, orientação e, em alguns casos, formação profissional. Essa militância se opunha à exclusão civil imposta pela sociedade dominante, formando o que hoje chamamos de Movimento Negro.

Atualmente, o Movimento Negro Brasileiro aborda questões relacionadas à identidade coletiva dos afrodescendentes. Além de lutar pela inclusão política, (MUNANGA, 1997 *apud* JUNIOR, 2014) introduz a reivindicação da identidade afrodescendente como uma contraposição à cultura hegemônica dominante (*SANKOFA I*, 2008 *apud* JUNIOR, 2014). Esse enfoque busca não apenas garantir espaço político, mas também afirmar e valorizar a identidade

e a cultura afro-brasileira, resistindo à imposição de valores e normas da sociedade branca dominante.

Deste modo, o movimento negro além do enfoque político de mudança de status quo típicas dos movimentos sociais, também possui o enfoque de nutrir a cultura negra e resgatar o que foi oprimido para afirmar essa identidade cultural. Nesse caso, podemos dizer que o movimento social é o movimento negro e dentro dele comporta-se variados elementos de cultura, identidade e voz dos oprimidos e um desses elementos é o movimento reggae de Belém.

Outro ponto questionado foi a participação feminina no reggae e seus significados, e para isso utilizo trechos da fala de Lady Carol em que ela relata: “Eu sempre costumo falar que o reggae é luta. Sem luta não é reggae. Unindo as causas das mulheres ainda mais. É luta. É grito. É pedido de respeito, igualdade. Como eu sempre falo.”

Nesse momento da fala, acreditei que a participante ia falar sobre o movimento reggae em uma interface com o feminismo, mas a mesma continuou sua fala indo de encontro ao feminismo, quando:

“O grupo lady’s do reggae não é um grupo feminista. Se eu for sentar pra conversar sobre, nem sei conversar contigo sobre isso. O nosso grupo não é feminista. Não prega divisão de gêneros. E nem prioridades, né? Que a gente fala: “ahh, eu sou mulher, sou negra, sou isso e aquilo e precisamos de prioridades...”, não. Nós queremos direitos iguais. De igualdade de gênero. Assim como os homens tem oportunidades, nós, mulheres, temos também.” (Conversa via Whatsapp, no dia 04 de março de 2024)

Nessa conversa, notei que apesar das falas do grupo serem semelhantes à ideologia do movimento social feminista, que é um movimento social e político que busca a igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade, Lady Carol demonstra desconhecimento do movimento e acredita que não há semelhanças entre o que elas pregam e o feminismo, provavelmente por uma falta de aprofundamento político nessas questões.

Outra equipe que se destaca na cena é a equipe Laje Roots, em que fui apresentado a alguns membros da equipe, como o presidente, chamado Adson Soares, juntamente com os integrantes da equipe: Gleicy Margalho, Gilmar e Fumaça (este “Fumaça” não é o mesmo do apresentado no tópico dos pioneiros, não consegui pegar o nome dele), que são um dos principais integrantes da equipe. Quem me apresentou foi a Dj Cleide Roots no dia da inauguração do Reggae Club⁷⁰. Também tive breves contatos com eles nos diversos campos em que fui. Passei então a acompanhar as postagens nas redes sociais de Adson e do perfil no

⁷⁰ Clube de Reggae que situava-se no espaço do antigo Bolero, na rua Padre Eutíquio, (bairro da Condor, Belém-PA). Funcionou por pouco tempo e hoje não está mais em atividade.

Instagram da Laje Roots⁷¹. Percebi que eles, além de colocarem suas bandeiras dispostas nas festas reggae pela cidade, semelhante à disposição das bandeiras de equipes de aparelhagens, sendo as “estrelas do espetáculo” (COSTA, 2018), também realizam ações em seu bairro de atuação (Tapanã⁷²) e ações conjuntas com outras equipes. Essas ações, de cunho assistencialista, vão desde cursos profissionalizantes a distribuição de alimentos, brinquedos, roupas e serviços.



Imagem 12 Ação de dia das crianças da equipe Laje Roots, no dia 12 de outubro de 2023. Retirado da página da equipe no Instagram.



Imagem 13 Campanha do Agasalho, realizada no dia 16 de junho de 2023, realizada pelas equipes Grupo União Solidária, Ladys do Reggae e Laje Roots.

⁷¹ Visto em <https://www.instagram.com/p/CsjUxGrOyEp/>. Acesso em 28 de Agosto de 2024.

⁷² Um bairro da cidade de Belém-PA.



Imagem 14 Dia em que conheci o Adson e a Laje Roots. Na foto da esquerda para a direita estão Adson, Rodrigo Oliveira, Cleide Roots, Sergio Botelho, Gleicy Margalho (de vermelho) e outras duas participantes, não identificadas.



Imagem 15 Bandeira da equipe no tributo à Bob Marley 2023. Foto por Rodrigo Oliveira.



Imagem 16 Equipe Laje Roots no Tributo à Bob Marley 2023. Foto retirada da página da equipe no instagram.

Meus olhares então se voltaram a equipe Jah Love. Trata-se de uma equipe que conheci durante uma reunião do Fórum do Reggae. Foi nesse encontro que tive a oportunidade de conhecer a presidente, Josiane Dias Gonçalves, que preside desde 2009 a equipe, idealizada por

Sandro Gonçalves e Fabricio Coelho, criadores do movimento. Logo após a reunião, peguei o número dela para que pudesse me passar mais informações a respeito da equipe. Abaixo, apresento um texto que ela forneceu sobre a trajetória e as atividades da equipe.

Com a chegada do reggae em Belém do Pará na década de 90, não demorou muito para o público de jovens e adultos se identificarem com o ritmo. Muitos se consolidaram formando assim os movimentos reggae. A exemplo disso, o movimento reggae Jah Love foi fundado no dia 20 de setembro de 1998, pelos jovens Sandro Gonçalves e Fabrício Coelho, ambos da periferia da Sacramenta. No intuito de levar para os demais jovens e a sociedade em geral a Cultura e a filosofia reggae deixada por Bob Marley como forma de reconstrução social.

Em 1999, o Movimento reggae Jah Love filiou-se à A.M.O.R. – Associação dos Movimentos Reggae de Belém e Ananindeua. Participando das frequentes reuniões realizadas pela entidade e os demais movimentos reggae.

Ao longo desses 26 anos, o Movimento reggae Jah Love já participou de seminários, palestras e campanhas, assim como também já realizou vários projetos sociais em prol de comunidades ribeirinhas, quilombolas e moradores de rua. Um de nossos objetivos, além de mostrar à sociedade a verdadeira imagem da cultura e filosofia reggae deixada por Robert Nesta Marley, um negro do terceiro mundo que através da sua música levou a cultura reggae à humanidade em geral.

Sabemos que muito ainda deve ser feito aos menos favorecidos e excluídos pelo sistema. Torcemos para que novos governantes, junto à entidade Associação dos Movimentos Reggae, possam olhar a todos os movimentos reggae e poder atendê-los nas suas reais necessidades. Enfim, no momento devemos nos unir não só como movimento, mas sim como regueiros, líderes e simpatizantes do reggae. Devemos sim deixar de lado todo esse egoísmo, ganância, injúrias, preconceito e indiferença em geral, lembrando que a bandeira do reggae é uma só para todos. Onde todos os filhos de Deus poderão dar-se as mãos e viver eternamente livre de toda espécie de racismo. (conversa com Joseane Dias, via Whatsapp, no dia 04 de março de 2024)

A partir dessa narrativa, podemos perceber o compromisso da Jah Love com a disseminação da cultura reggae e a transformação social. Fundado em 1998 por Sandro Gonçalves e Fabrício Coelho, o movimento emergiu como uma resposta à paixão pelo reggae que tomou conta de Belém do Pará na década de 90. Através de inúmeras atividades, desde seminários até projetos sociais, a equipe busca não apenas promover a música e a filosofia de Bob Marley, mas também atuar em prol das comunidades mais vulneráveis.

A filiação à Associação dos Movimentos Reggae de Belém e Ananindeua em 1999 marcou um passo importante para o Jah Love, permitindo uma maior integração e colaboração com outros grupos semelhantes. Ao longo de seus 26 anos de existência, a equipe tem se

empenhado em diversas frentes, seja na educação, na realização de palestras ou em iniciativas sociais que beneficiam diretamente comunidades ribeirinhas, quilombolas e moradores de rua.

O texto fornecido por Josiane Dias Gonçalves destaca, ainda, a visão de um futuro onde governantes e entidades possam reconhecer e apoiar os movimentos reggae em suas necessidades. A mensagem final é um apelo à união e à superação de divisões internas, com o objetivo de construir uma sociedade mais justa e livre de preconceitos, guiada pelos princípios de amor e igualdade propagados pelo reggae.

Através da liderança de Josiane e o legado de Sandro Gonçalves, o movimento Jah Love continua a ser um pilar da cultura reggae em Belém, lembrando sempre que a bandeira do reggae é uma só e que todos podem viver em harmonia, independentemente de suas diferenças.



Imagem 17 Bandeirão da equipe Jah Love no Tributo à Bob Marley, no dia 21 de Maio de 2023. Foto tirada por Rodrigo Oliveira.



Imagem 18 Bandeira da Equipe Jah Love próximo ao bar do Roberto, na entrada do Solamar, dia 02 de Julho de 2023. Foto tirada por Rodrigo Oliveira



Imagem 19 Ação de distribuição de alimentos e brinquedos da equipe Jah Love na ilha do Combú, no ano de 2016.



Imagem 20 Ação da equipe Jah Love, na ilha de Mosqueiro no ano de 2023.

Outra equipe que está frequente nas festas de reggae é a Triunfo de Jah, sendo o seu presidente o Dj Sérgio Botelho. Essa equipe costuma realizar encontros de reggae na Praça da República⁷³, aos domingos, com uma bike-som e reúne muitas pessoas. Assim como as equipes citadas acima, eles realizam ações de solidariedade



Imagem 21 Ação da Triunfo de Jah de Distribuição de cestas básicas e brinquedos no dia 17 de dezembro de 2022 aos moradores da Vila da Barca. Foto da página do Facebook da equipe.



Imagem 22 Bandeira da Triunfo de Jah no tributo ao Bob Marley 2023. Foto por Rodrigo Oliveira.

⁷³ Ponto turístico de Belém-PA situado no bairro da Campina, no qual comporta o Teatro da Paz, Bar do Parque e outros monumentos históricos locais.

Adicionado a essas, as equipes Bobicolor e Remo Roots tem um surgimento diferente das demais, pois são relacionadas aos times clássicos de Belém do Pará: Remo e Paysandu.

Meu primeiro contato com essas equipes foi no 26º Tributo ao Bob Marley, no qual conheci o ex-presidente da equipe Bobicolor, Gersivan Lazaro, conhecido como Gorila e o Dan Xavier, presidente da equipe Remo Roots e integrante da equipe de Dj's chamada Freedom Roots, junto da também Dj Icrys Neybel. Essas equipes são integrantes das chamadas “torcidas rastas” pelo Brasil que são torcidas que utilizam a filosofia Reggae para pregar a cultura da paz nos estádios. Normalmente, os integrantes torcem pelo time em questão e levam bandeiras que unem símbolos do time com elementos do reggae ou do rastafári para expressar esse simbolismo. Eles acompanham os seus times nos estádios junto às outras torcidas organizadas.



Imagem 23 Bandeiras da Bobicolor e Remo Roots no 26º Tributo à Bob Marley. Foto por Rodrigo Oliveira.

Percebi a presença das bandeiras das equipes rasta acima nos principais eventos de reggae em que participei, desde festas no Parque dos Igarapés ou no Tributo a Bob Marley. Essas torcidas tem como principal objetivo a paz nos estádios. Não há conflitos entre elas. O que pude perceber com clareza no 26º Tributo ao Bob Marley, em que as bandeiras estavam

organizadas uma ao lado da outra. Essa disposição é impensável entre outras torcidas dos times em questão, devido a grande rivalidade e brigas constantes.

Existe uma família que acompanha o reggae desde o final da década de 1980. Esta é a família Jackie Brown⁷⁴ (FJB). Ela tem o nome do cantor Jackie Brown devido a visita do cantor a casa da família no ano de 1999. Após este acontecimento, a comunidade regueira de Belém carinhosamente apelidou a família de FJB. Desde então, eles são conhecidos desta forma. A família costuma realizar eventos em sua casa, que é uma espécie de espaço cultural do reggae, local onde eu fui as reuniões do Fórum do Reggae, mostradas nas considerações finais desta dissertação. A Família Jackie Brown é conhecida por realizar ações sociais desde o ano de 2010, ano em que a Família, com a ajuda de amigos do movimento reggae, realizou o primeiro natal solidário da Família Jackie Brown. Desde então, todo o ano é realizado essa ação de natal, com distribuição de brinquedos para crianças em áreas periféricas de Belém. Os eventos acontecem no quintal da casa, localizada no bairro da Pedreira⁷⁵. Neste quintal, há várias placas de madeira com nomes de pessoas ligadas a cena reggae, como Dj's e amigos da família, sendo esta uma forma de homenagem.

Além do tradicional natal da FJB, eles também realizam, com a ajuda de amigos, a distribuição de sopas e mingaus e outros alimentos uma vez por mês em vários lugares da cidade de Belém desde o ano de 2023.



Imagem 24 4ª edição da sopa solidária da FJB

⁷⁴ Cantor de reggae jamaicano.

⁷⁵ Bairro de Belém.



Imagem 25 13º Natal da Família Jackie Brown nas comunidades Porto do Sal, Porto da Ceasa e Prainha, com distribuição de brinquedos, material escolar e roupas usadas.

Além das equipes de admiradores e fomentadores da cultura reggae em Belém, existem também equipes formadas por Dj's. que se apresentam nas casas de show de Belém. Farei uma breve apresentação das equipes que foram observadas por mim.

Equipe Black Lion: equipe formada em dezembro de 2010, concentram-se as principais vertentes do ritmo Reggae e alcançando as mais diferentes gerações de público expandindo o cenário da Reggae Music Paraense. Sob o comando dos Dj's Crys Stone & Leandro Roots.

Equipe The Front Line: Formada por Ras Margalho, seu filho, Don Bryan e o Dj Daniel Morais. A equipe conta com o grande acervo de Margalho, com seus longos anos de pesquisa sobre o reggae.

Equipe Dread System do Brasil: Formada por Alex Roots, Vanderson e Evilácio. Esta equipe de vinil é uma das atrações principais do Porto Solamar.

Equipe Conexão Rasta: A equipe de vinil Conexão Rasta, entrou no cenário reggae em 1994 no distrito de Icoaraci. Conquistou e contagiou uma multidão de regueiros e expandiu seu trabalho em toda Belém com humildade e talento. Formada pelos irmãos djs; Jody Reggae, Iaio Roots e Dico Tijolada.

Dupla Show: A história da Dupla Show, formada por Sergio Morais e Cury Pedra começou em meados de 2003 no antigo Coisa de Negro, no distrito de Icoaraci. A dupla show parou de tocar profissionalmente nos clubes da cidade, entretanto, eles se apresentam em alguns eventos, como o show da radiola Estrela do Som no parque dos igarapés, descrito no capítulo 3 deste trabalho.

Equipe Freedom Roots: Em 2013 a FREEDOM ROOTS surgia com seu trabalho para resgatar as origens do reggae, recordações e clássicos procurando assim relembrar o melhor da música reggae que marcou principalmente a década explosiva de 1990 em Belém do Pará, onde o reggae estava em alta. A equipe é formada pelo casal de Dj's Dan & Icrys, tocando no vinil. Eles costumam se apresentar em vários clubes da cidade.

Equipe Tulipets: Exatamente em 2015, surgiram as Tulipetes, que na época eram 4 integrantes, foram lançadas no Tributo a Bob Marley pelo amigo e DJ Junior Pedra, e muito apoiada pelo DJ Daniel Moraes e DJ Ninja. Já no cenário Reggae Paraense há 8 anos, Rafaella Santos, mais conhecida como DJ Rafuska Tulipete fez muito sucesso no Tulipas Bar na Cidade Nova⁷⁶.

Equipe CDP: Um grupo de amigos, fundado em 1994, com vários Dj's, incluindo os Dj's Dok Cdp, Karina White, Mal Rasta, André Oliveira entre outros. Estes últimos são Dj's ativos na cena, dos quais pude acompanhar em alguns eventos que participei.

Além destas equipes, existem muitas outras como Equipe Lobos do Reggae, Equipe Rootstore, Equipe Miramar, Jamaica Brothers, Mega Vibe, The Roots Collection e por aí vai. Muitas equipes se dissolveram ao longo dos anos.

⁷⁶ Bairro de Ananindeua.

Outros grupos que podemos considerar que compõe a cena de Belém são as bandas de reggae. Entretanto, essas não foram o foco do trabalho, pois não acompanhei em minha etnografia. Desse modo, irei apenas citá-las brevemente, com informações adquiridas pelas redes sociais Instagram e Facebook, apenas para fazer um paralelo com uma pergunta de um dos meus interlocutores que observei ser importante acrescentar nesse trabalho.

Na minha primeira visita à família da Casa Jackie Brown, sob circunstância da reunião do fórum (discutida no capítulo 3), em que pude conhecer mais a fundo os participantes da cena, presenciei uma pergunta da anfitriã da casa, Fia Santos: “Você é DJ ou músico?”, questionou-me ela. E então, perguntei o motivo de sua dúvida. E ela me informou que a maior parte das pessoas que são Dj’s ou integrantes de bandas de Belém são pessoas brancas, com o perfil similar ao meu. A exemplo dos Djs Dhudhu Roots, Dj Lucky Strike, integrantes da equipe Memory Lion, citados anteriormente, os integrantes da banda Reggaetown entre outros.

Em vista disso, considerei relevante uma busca nas redes sociais a respeito das bandas de reggae de Belém, para além de citá-las como parte integrante da cena, também pesquisar a categoria de cor dos músicos para confirmar a colocação de Fia Santos. Para isso, realizei uma análise fenotípica simples (por fotografias) das principais bandas de reggae belenense ou paraense, focando se seus componentes são negros ou brancos, sendo essas informações achadas na rede social Instagram.

Cristal Reggae: Uma das precursoras do reggae em Belém do Pará, trazendo um repertório autoral e adaptações no ritmo do reggae, além de fusões com sons amazônicos e influências universais. Compõe-se de 3 homens brancos e dois homens negros.

Reggae Town: Reggae Town é a banda mais famosa e mais atuante na cena reggae em Belém-PA, fundada em 2010, compõe-se de um baixista, um baterista e um vocal, tocam música autoral e cover de clássicos, sendo todos homens brancos de idade entre 35-45 anos. Tocam todas as semanas nos principais clubes da cidade.

Mandala Sounds: Fundada em 2017, é composta por quatro integrantes, sendo três homens brancos e uma mulher negra. Tocam cover de grandes clássicos do Reggae.

Floramor: A banda Floramor mistura reggae com ritmos regionais paraenses. É composta por cinco homens negros e uma mulher branca, a vocalista.

Maramba Roots: Nascida na bairro da Marambaia⁷⁷, é composta por cinco homens brancos e uma mulher negra, a vocalista.

⁷⁷ Bairro de Belém.

Chinaman and The Roots: Banda que já foi mais atuante na cena, já tocou em festivais como o Tributo ao Bob Marley. Hoje está inativa, era composta por 2 homens negros e 3 homens brancos.

Adrianinho Yemanjah: Homem branco, com dreadlocks, ex integrante da banda Yemanjah, compôs ícones da cena reggae em Belém, sendo o mais famoso “Reggae da Ladeira”. Adrianinho é ativo na cena, fazendo shows em alguns clubes da cidade, lembrando os grandes sucessos da banda.

Yemanjah: Fundada em Castanhal-Pará, fez muito sucesso na cena reggae paraense e hoje também toca no PA e na região norte do Brasil. Composta por três homens brancos.

Kayah Fyah: Composta por dois homens brancos e um negro. Toca músicas autorais.

Jaafa Reggae: Fundada em 2004, compõe-se de três homens negros e três homens brancos. Em comemoração aos seus 20 anos de existência, lançaram um novo clipe no lugar que nasceram: em Apeú, Castanhal-PA.

Relembrando a pergunta da Fia que relatei acima, nota-se que a maioria das bandas de reggae em Belém compõe-se de pessoas brancas, homens em sua maioria, ainda que o movimento reggae seja um elemento da cultura negra. Percorrendo esse mesmo caminho, é preciso também analisar a questão do Dj na cena belenense como faço no tópico seguinte.

2.4 Solta a pedra, dj: a importância do dj na cena

Neste tópico explicitarei a importância do DJ na cena através de algumas entrevistas semi abertas que fiz com dois homens e duas mulheres e também apresentarei um breve histórico da trajetória de outros Dj's que mais tocam nas festas de reggae em Belém, a partir de informações coletadas em redes sociais.

Primeiramente é importante a gente entender um pouco da história dos djs em geral e sua relação com a cultura reggae. O termo "DJ" é uma abreviação de "disc jockey"⁷⁸, expressão esta que originalmente se referia a locutores de rádio que tocavam discos de vinil. No início do século XX, os DJs eram responsáveis por selecionar e tocar música ao vivo em eventos e estações de rádio.

⁷⁸ O termo criado em 1939 pelo radialista americano Walter Winchell, que descreveu o locutor Martín Block, que ganhou fama por tocar música popular gravada nas rádios. Este foi considerado o primeiro Dj.

A partir dos anos 1960, nos eventos de *sound system*, os *disc jockeys* (DJ's) não apenas tocavam música, mas também se destacavam com suas falas e discursos para animar os dançarinos. Alguns DJ's começaram a gravar faixas com arranjos musicais robustos, acompanhados de intervenções mais faladas do que cantadas, conhecidas como "*toast*".

Além do "*toast*", os DJs jamaicanos introduziram uma nova técnica de remixagem chamada *dub*. O *dub* é uma abordagem de manipulação sonora na qual os elementos melódicos das músicas são suprimidos, deixando apenas os ritmos da percussão e do baixo. Sobre esse ritmo básico, são sobrepostos efeitos de eco e repetições fragmentadas das letras das músicas, perdendo assim sua função original de comunicação (RABELO, 2006).

Em minha pesquisa de campo, observei a importância do DJ como condutores da festa. O desenvolvimento do evento ocorre de acordo com as orientações do DJ, como quando ele fala que a festa vai até determinado horário, por exemplo.

Falas dos Dj's entre as músicas foram algo que chamou minha atenção durante as minhas idas a campo. Há uma similaridade entre este tipo de festa e festas de aparelhagens⁷⁹, por exemplo, no qual essa dinâmica do DJ cantar a música, mandar abraços para as equipes e membros "considerados"⁸⁰ (VILHENA, 2012) ou mesmo comentar sobre uma possível atitude para que homens convidem mulheres para uma dança, o clássico "Chama ela pra dançar".

Outro comportamento presente nessa dinâmica das festas entre os participantes se dá na mudança de público de acordo com o DJ. Alguns Dj's, como o caso do Dj Alex Roots, que já tem pessoas que acompanham seus eventos, atraem um maior número de participantes. Dentro do campo, pude observar, principalmente no porto Solamar, que há um público que tem por preferência um ou outro Dj. E essas pessoas estão, na maioria das vezes, acompanhando a apresentação do Dj preferido.

Em minhas observações, os DJ's Alex Roots e Cleide Roots são os mais aguardados nas festas atualmente, pois quando eles entram para tocar, as pessoas saem de seus lugares e vão mais para perto dos mesmos, como se quisessem aproveitar ao máximo as sequências que eles vão tocar.

A partir do que foi observado, os DJ's, em sua maioria, começam sua sequência com alguma música "pedra"⁸¹, escolhida como uma das principais do DJ, no intuito de suprir as

⁷⁹ Segundo Lima (2008), em sua dissertação intitulada "É a Festa das Aparelhagens", ele define festa de aparelhagem como "um complexo de práticas e relações socio-significativas, construídas, desenvolvidas e reproduzidas cotidianamente por mecanismos e recursos estético-performáticos, que se direcionam e se condensam numa ordem festiva específica."

⁸⁰ Na dissertação de Ana Vilhena, ela categoriza como "considerado" aquele que possui prestígio entre os DJ's.

⁸¹ Uma das palavras do vocabulário reggaeiro para denominar as músicas de reggae mais apreciadas e mais executadas nos salões de festa.

expectativas do público para tal DJ. Esses e outros aspectos são mais bem explicitados no capítulo 3, em que apresento uma etnografia da cena que demonstra como ocorre a prática destes profissionais nos eventos em si.

No entanto, para expandir minha pesquisa sobre a atuação dos DJ's na cena, considerei pertinente trazer partes de entrevistas que fiz com os mesmos, que são relevantes para a compreensão do leitor sobre diversos aspectos no que toca à vida do DJ, desde seus primeiros envolvimento até sua atuação na cena hoje. Decidi seguir minhas entrevistas a partir da abertura que meus interlocutores me propiciaram, sendo estes dois homens e duas mulheres. Minha primeira entrevista foi realizada com a DJ Cleide Roots, no Porto Solamar, e nessa perguntei como foi o seu primeiro envolvimento com a cultura reggae e suas primeiras apresentações.

Cleide, mulher preta, entrou no mundo do reggae em 2004, durante um concurso da Reggae Vibration no BR Mania, organizado pelo DR⁸² e conduzido por Roberto Pinheiro. Sua vitória em 4 de fevereiro daquele ano marcou o início de sua jornada no gênero musical. A partir desse momento, Cleide encontrou sua paixão pelo reggae. Durante cinco anos, ela foi DJ da Radiola Guerreira do Som, uma experiência que a levou a várias participações em radiolas em Belém. Além disso, teve a oportunidade de se apresentar em locais renomados, como Solar do Reggae, BR Mania, Parque dos Igarapés, Açaí Biruta, Palafita, Mormaço, Solamar e Maloca das Amazonas. Atualmente, Cleide continua sua jornada musical, tocando no Solamar e mantendo viva sua paixão pelo reggae.

A segunda DJ com quem pude conversar é a DJ France Almeida, mulher branca, que é fundadora da equipe de Dj's "A mulher no comando". Com uma trajetória que começou em 2010 na Web Rádio Verbal, em São Luís, a DJ France Almeida iniciou seu envolvimento com o Reggae. No ano de 2011, fez sua estreia como DJ de festa em São Luís, na lendária casa de reggae Kingston 777, um local icônico sob o comando do saudoso DJ Júnior Black, ou General Junior Black, como era conhecido. No mesmo ano, participou de um duelo de DJs, garantindo o terceiro lugar. Em 2012, France organizou a primeira festa dedicada às mulheres, um evento que celebrou a energia feminina na cena musical. Sua habilidade e dedicação foram reconhecidas em 2014, quando foi agraciado com o prêmio de Dj Destaque no Baile dos Artistas, uma espécie de "Oscar paraense".

⁸² Não identificado.

Ao longo dos anos, sua música ecoou por diferentes estados brasileiros, incluindo Macapá, Goiânia, Brasília e outros locais. Em 2015, Dj France Almeida realizou a festa das mulheres no Loco Reggae e no Ônibus Reggae, marcando momentos especiais na cena musical.

O ano de 2016 foi assinalado pela gravação do primeiro DVD da série "Mulher no Comando", um marco importante em sua carreira. Representando o Pará com maestria, Dj France Almeida levou sua arte a vários estados do Brasil, compartilhando sua paixão e talento com públicos diversos. Além disso, em uma iniciativa inovadora, organizou o primeiro encontro feminino entre Belém e São Luís, unindo mulheres em torno da música e da cultura. A trajetória de Dj France Almeida é um testemunho do poder da música para unir pessoas e celebrar a diversidade, deixando uma marca indelével no cenário musical brasileiro.

Agora cito uma pergunta que fiz ao Dj Cury Pedra, homem branco, em entrevista realizada na casa da Família Jackie Brown, no dia 18 de novembro de 2023, disponível completa em anexo. Ele respondeu à seguinte pergunta: como foi o início da sua trajetória como DJ na cena reggae em Belém? Pode nos contar sobre suas primeiras experiências e o que o motivou a se tornar um DJ ativo nesse movimento?

Cury: “Iniciando antes, de ser Dj né? Isso aí surgiu na metade dos anos 1990, 95, 96. É através de um programa de rádio. O próprio Sunsplash. E eu gostava muito de mid back. Eu era novo, tinha 14 anos. Não frequentava as festas à noite, porque não tinha idade, mas eu gostava muito de festas de aparelhagem. Eu morava em Icoaraci. Chegava aparelhagem lá eu ia lá para ver. Gostava e ainda gosto até hoje. Através de rádio, conheci o reggae. E através de amigos que foram morar próximos de mim, que me mostravam muito reggae. Mas a primeira música reggae que ouvi foi na rádio. Foi a música Small Axe, do Bob Marley. Foi paixão à primeira vista. Lembro até hoje. Comecei a gravar os programas no sábado. Lá em Icoaraci tinha um clube de reggae chamado Conexão Rasta. No período das rádios, eu ficava gravando as músicas. Tinha um trecho no programa de rádio que era sem vinheta no programa, já pra gravação. Comecei a gravar CD também. Então eu comecei nesse período aí. Mas como Dj mesmo, valendo, foi na década de 2000, no ano 2000 mesmo. Já com material. Tocava com fita e CD. A fita começou a ficar de lado nos anos 2000. Até o final de 90, muitos Dj’s tocavam com fita. Sou colecionador agora. Tenho muitos discos, mas hoje, eu prefiro levar pra tocar em notebook.”

As falas do Dj Cury Pedra remetem a vários elementos significativos dentro da cena reggae de Belém, que se interconectam com outros tópicos desse trabalho, por exemplo, a

questão da influência do rádio como papel de disseminador da música, ajudando-o também a não só ter contato com esse estilo musical, mas também a possibilidade de gravação, o que contribuiu para seu repertório atual. Também há a questão do mesmo ter vivenciado a transição tecnológica, pois saiu do uso de fitas para CD's e posteriormente o uso do notebook, refletindo a forma de execução da música ao passar do tempo. Entretanto, ainda que tenha vivenciado essa transição e possua o notebook como forma de trabalho atualmente, também é um colecionador de Vinil, evidenciando a importância dessas coleções para a cena, desde aquela época até hoje, pois em minhas conversas com os Djs mais antigos, possuir vinis e principalmente vinis raros, são quase uma expressão de status social elevado dentro desses grupos.

A quarta entrevista foi realizada com o Dj Alex Miranda, conhecido pelo nome de Alex Roots, realizada via Whatsapp, no dia 05 de março de 2024, disponível na íntegra em anexo, Perguntei ao Alex como foi o início da sua trajetória como DJ na cena reggae em Belém.

“No início e o que me motivou foram meus amigos da escola, no caso, na época que eu estudava o Dr. Freitas, que é ali do ladinho quase da Santa Casa, na Generalíssimo, né? E existia um reggae já lá na Pedreira, 93 para 94, chamado Habitat do Reggae. Eles me convidavam todo fim de semana para ir para lá, e eu nunca ia. E a primeira vez que eu entrei, que eu vi, assim, um reggae, foi num show da Tribo de Jah no Parque. Isso aí eu fui antes de ir para o Habitat, no caso. Eu fui primeiro no parque assistir o show da Tribo, porque a Tribo foi a primeira banda de reggae do Brasil, que foi na Jamaica e tal, e como eles eram cegos e tal, e despertou a curiosidade. Porque eu já tinha visto, quando eu era criança eles no Fantástico. Saiu uma reportagem e eu vi eles lá. Eu falei, “caramba, uma banda só de cegos?” Aí eu fiquei pensando, “como é que o baterista bate aquela bateria lá e tal?” Aí eu fui no Parque dos Igarapés assistir esse show. Foi um dos primeiros do Parque, o primeiro show da Tribo no Parque. E eu me encantei, né? Só que eu vi só o show, já cheguei na hora do show que eu fui com os meus amigos meus e tal. Eu cheguei na hora do show, quando acabou o show eu já tava dormindo, que eu não bebia, eu não era de sair muito assim pra ficar muito na madrugada e tal. Aí depois que eu fui nesse clube chamado Habitat do Reggae, que só era DJ, né? Foi o que me deu assim, me despertou primeiramente em gravar de músicas que eu ouvia, que eu gostava, que eu achei legal, né? Algumas mais especiais e tal. E eu quis gravar. E eu comecei a gravar fita cassete com DJ de lá do habitat do reggae na época 93 para 94 por aí assim.” (Entrevista via Whatsapp, no dia 05 de março de 2023).

Nessa fala do Dj Alex Roots, há diversos pontos interessantes a analisar. Seu contato com a primeira banda de reggae de Belém, Tribo de Jah, em que comumente vemos que muitas

peessoas tiveram seu contato inicial com a música reggae através dessa banda. Outro ponto, é a questão desse Dj ter uma trajetória similar com outros djs mais antigos, que primeiro gravaram fitas cassetes, construindo seus repertórios. Em ultima análise, vemos que Alex começou na década de 90 a tocar nos espaços como Dj profissional, sendo essa era considerada como era de ouro do reggae para a maioria dos que vivenciaram.

Outrossim, farei uma breve apresentação dos Djs que compõe a cena, para melhor entendimento do meu leitor e também fazendo um paralelo com a pergunta de Fia Santos, identificando se os mesmos são brancos ou negros.

Dj Vitor Pedra: DJ Vitor Pedra, homem branco, iniciou sua jornada no cenário cultural em 2002, durante o Fórum Social Mundial em Porto Alegre, onde teve contato com a AMOR (Associação dos Movimentos Reggae), responsável pelo renomado programa "Sintonia do Reggae". Através das rádios da Grande Belém, Vitor Pedra, ou VP, como é conhecido, promove uma troca cultural significativa com artistas do Brasil e do exterior. Com mais de 20 anos de carreira, ele acumula participações em eventos de destaque, tanto nacionais quanto internacionais, sendo um elo essencial no intercâmbio artístico que resultou em importantes colaborações globais.

Além de ser um empreendedor cultural e jornalista, Vitor Pedra desempenha um papel vital como um dos coordenadores gerais do Fórum dos Movimentos Reggae e atua como conselheiro diretor da Associação Paraense da Cultura Reggae (APCREGGAE). Ele é um dos principais responsáveis pelo Festival Cultural Tributo a Bob Marley, um dos maiores festivais do norte do Brasil, realizado em Belém há mais de 25 anos.

Outro marco em sua trajetória é a produção do CD "Coletânea Pará Roots", uma compilação que reúne músicas de artistas paraenses, e a produção do clipe ao vivo "Sentir o Som", da banda Jaafa Reggae, consolidando sua contribuição para a cena cultural e musical.

Dj Junior Pedra: Manoel de Jesus, mais conhecido como DJ Junior Pedra, homem branco, iniciou sua trajetória no reggae no começo dos anos 90, no Espaço do Reggae, onde teve seu primeiro contato com a cultura reggae na cidade de Belém. Logo depois, lançou-se como DJ na casa de shows A Pororoca, onde conheceu o renomado DJ Neto Pedra e se envolveu no Movimento Cultural Triunfo de Jah, organizando atividades culturais beneficentes no bairro da Sacramenta.

Em 1994, Junior Pedra começou a produzir eventos em Belém, ao lado do radialista Afonso Melo, promovendo diversas atividades culturais em espaços como a Rhinos e o clube Pinheirense, em Icoaraci. A partir de 2012, ele passou a integrar as reuniões da Associação Paraense da Cultura Reggae (APCREGGAE), colaborando na organização do Festival Cultural

Tributo a Bob Marley, um dos maiores festivais de reggae da América Latina, realizado anualmente em Belém do Pará. No ano de 2024, o Dj foi escolhido para ser o novo presidente da APCREGGAE, substituindo Roberto Pinheiro.

Com sua ampla experiência, DJ Junior Pedra também promove eventos no Parque dos Igarapés e está sempre engajado em fortalecer a cena do reggae na capital paraense.

Dj Arrastão: DJ Arrastão tem uma trajetória de quase 30 anos como DJ de reggae, tendo se apresentado nas mais importantes casas de reggae de Belém, como o Espaço do Reggae, Reggae dos 48, Angustura Reggae Clube, Reggae Night na A Pororoca, e mais recentemente no Porto Solamar. Atualmente, DJ Arrastão não está mais atuando como DJ de reggae.

Dj Junior Lapado: DJ Lapado, natural de Barcarena, é um homem branco que começou sua jornada no reggae com o Projeto Reggae na Barca, criado em maio de 2014, junto com seus amigos Alan Jones e Ana Miranda. O objetivo do projeto era divulgar e expandir a cultura reggae em Barcarena, além de organizar eventos na cidade, que até então não contava com esse tipo de atividade.

Durante esses 10 anos de existência, devido à escassez de DJs na região, Lapado decidiu se tornar DJ em 2018. Desde então, ele já se apresentou em importantes casas de reggae em Belém, Algodoal, Cotijuba, além de participar do maior tributo a Bob Marley da região norte, realizado em Belém/PA.

Dj Jean Roots: Jean, homem branco, natural de Imperatriz do Maranhão, reside em Belém há quase 40 anos e é um militante ativo da cena reggae no estado. Atualmente, ocupa uma cadeira no Conselho Municipal de Culturas Periféricas e Urbanas, representando o reggae e o hip hop, cargo para o qual foi nomeado em 2023. Jean é colecionador de discos de reggae desde os anos 80 e, em suas apresentações, oferece sets que mesclam reggae dançante e lovers

Dj Rafuska: Rafaela Santos, mulher branca, começou sua trajetória na cena reggae em 2015, no Tulipas Bar, localizado em Cidade Nova, Ananindeua. Com o incentivo dos DJs Daniel Moraes, Ninja e Junior Pedra, Rafaela se destacou com seu repertório.

Dj Karina White: Karina Ribeiro, mulher branca, integra a renomada Equipe CDP, uma das principais equipes de reggae de Belém. Ela começou sua carreira como DJ no projeto "A Mulher no Comando", ao lado da também consagrada DJ France Almeida, formando uma dupla de grande destaque no cenário reggae feminino.

Dj Carol C: Carol Castro, mulher branca, começou sua carreira em 2021 e rapidamente se destacou em bares e casas de shows de Belém, conquistando seu espaço na cena musical local.

Dj Ninja Taxista: Evandro da Silva, homem branco, mais conhecido como DJ Ninja Taxista, é um DJ que se apresenta todos os domingos no Solamar, onde toca há muitos anos. Durante a semana, ele trabalha como taxista, reservando os domingos exclusivamente para suas apresentações no Solamar.

Dj Marcelo Roots: Marcelo, homem preto, começou sua carreira como DJ em 2015, integrando o projeto Anjos do Reggae em parceria com o DJ Adriano Roots. Além de atuar como DJ, Marcelo contribui para o crescimento da cena reggae em Belém, organizando eventos como a domingueira, realizada todos os domingos no Bar do Roberto. Ele já se apresentou na Ilha do Amor, em São Luís/MA, conhecida como a "Jamaica brasileira". Seu repertório é marcado por influências de Roots, New Roots e o reggae maranhense.

Dj Tarcísio: Tarcísio, homem preto, iniciou sua coleção de discos de reggae em 1994 e começou a atuar como DJ no grupo Cabaninha do Reggae. Em 1998, passou a integrar o grupo Cobras do Reggae, onde permanece até hoje. Sua principal referência musical é o reggae roots.

Como visto, os Djs de reggae, são fundamentais para a cena reggae belenense, pois estão engajados na divulgação e permanência da música reggae, sendo esses as principais atrações dos clubes de festas, sendo o trabalho desses crucial para perpetuação desse gênero musical na cidade. Desse modo, apesar da maioria serem homens e mulheres brancas, também colaboram para a consolidação de uma cultura primordialmente negra.

Os Dj's da cena reggae também cumprem uma função importante no decorrer das festas, que se se apresenta em forma de uma influência sobre o público para que os mesmos ocupem o espaço do salão e dancem, ora em pares, ora sozinhos. Este aspecto será debatido a seguir, no próximo tópico.

2.5 Chama ela pra dançar: um olhar sobre a dança

Escolhi este título, “Chama ela pra dançar”, por ser uma frase que alguns Dj's costumam usar. Esse uso se dá no momento em que um reggae “pedra” é reproduzido por poucos segundos iniciais, seguido da interrupção do DJ na música comentando a clássica frase em questão. Algumas vezes, observei outro jargão similar, obedecendo esta dinâmica citada acima. “Eu vou te dar mais uma chance pra chamar ela pra dançar”.

Achei interessante pontuar esse aspecto dentro da cena reggae de Belém, pela sua riqueza cultural. Belém foi uma das cidades que revolucionou a forma de se dançar reggae, introduzindo a dança em par por influência do maranhão.

Em conversa com Alan Nacif, apresentado no primeiro capítulo, pude ter uma visualização mais clara dessa diferença na forma de dançar. “Percebia nesse período de uma trajetória diferente que rolava em Belém, culturalmente não só música, mas como a dança principalmente, eles dançavam solto e a gente em Belém dançava agarrado”. Para exemplificar isso apresento uma imagem que corresponde a essa dança “agarrada”.



Imagem 26 Musa do reggae Roberta Ribeiro e o Professor de dança Eduardo Murvin no Parque dos Igarapés.

Imagem captada por Rodrigo Oliveira, na festa da Radiola Estrela do Som.

Pelas tantas da década de 1990, existia uma trajetória cultural distinta que se desdobrava em Belém, refletindo uma interseção única entre música e dança reggae. Enquanto em alguns contextos globais, como no cenário internacional do reggae, a dança frequentemente ocorre de maneira mais livre e individualizada, com movimentos que refletem uma conexão íntima com a música e a cultura que a inspirou. O gênero chegou a Belém, mesclando-se com a forte influência latina das danças, marcas da dança reggae maranhense. Aqui, a prática da dança muitas vezes assumia uma forma mais próxima e em pares, proporcionando uma experiência de interação social intensa e íntima. É uma influência forte dos ritmos regionais e caribenhos como o brega, a cúmbia e o merengue, que se dançam em par.

Essa diferenciação na forma de dançar em Belém, em comparação com as práticas mais generalizadas no cenário mundial do reggae, pode ser entendida como uma manifestação das complexas influências culturais que permeiam a cidade. Enquanto o reggae globalmente pode evocar uma sensação de liberdade e individualidade expressiva através da dança, em Belém, a dança em pares pode ser vista como uma expressão de conexão interpessoal e coletiva, refletindo as dinâmicas sociais únicas da comunidade local.

Este contraste entre os estilos de dança observados em Belém e as práticas mais amplamente reconhecidas no mundo do reggae destaca a riqueza da diversidade cultural e das influências locais na cena musical e de dança da cidade. Essa diversidade não apenas enriquece a experiência cultural dos habitantes de Belém, mas também contribui para a compreensão mais ampla da complexidade das práticas culturais globais e suas adaptações locais.

Com base na dissertação de Thalísse Ramos de Sousa (2016), a dança reggae em São Luís é descrita como uma prática que valoriza os atributos físicos das mulheres e promove concursos de beleza negra como forma de reforçar a identidade negra. Além disso, “a interação durante as festas de reggae envolve pedidos de dança que acontecem naturalmente entre os participantes, sem necessariamente ter um interesse sexual, focando na apreciação da companhia de um bom dançarino. Até mesmo em situações na qual o homem ou a mulher esteja acompanhado, a outra pessoa deve pedir permissão para dançar com o companheiro ou companheira.” (SOUSA, 2016). A valorização do corpo feminino e a interação respeitosa entre os dançarinos são aspectos importantes da dança reggae em São Luís.



Imagem 27 Flyer de um concurso de Beleza Negra do Maranhão, realizado em 2019

Na imagem acima, vemos o concurso da Beleza Negra, que já acontece há mais de uma década no centro de São Luiz. Este concurso é voltado tanto para a beleza masculina quanto feminina. Observando os participantes, pude observar que se tratava de uma exaltação do corpo negro, onde todos os participantes eram negros. No estado do Maranhão, quase 80% da população é composta por pessoas negras, segundo o IBGE. Boa parte dos escravos trazidos para o Maranhão eram de Guiné e da Angola.



Imagem 28 Postagem na rede social Facebook sobre a etapa final do concurso de musa do reggae

Assim como o concurso da Beleza Negra ludovicense, em Belém, acontece o concurso da musa do reggae, que já é realizado há alguns anos, (não soube ao certo quantos). Além deste, houve outros concursos nas praias das ilhas de Cotijuba⁸³ e Algodual⁸⁴, abordando a dança, o reggae.

A dança para o povo negro foi uma das expressões de resistência às terríveis condições de escravidão no mundo, ferramenta de luta contra a opressão racial, trazida em milhões para o ocidente, e com eles, suas formas de expressão cultural, religiosa, política, alimentar e etc. O reggae no Brasil, mais especificamente no Maranhão e no Pará, se reconfigurou enquanto dança individual. No Maranhão, há uma predominância pessoas negras, o reggae brasileiro se apresenta enquanto uma dança contemporânea como meio de expressão das experiências e lutas do corpo negro na sociedade atual. Zélia Amador de Deus (2011) destaca como a dança reflete a identidade, resistência, empoderamento e narrativas subalternas dos artistas negros, além de explorar temas sociais relevantes e promover inovação criativa, que é o caso do reggae no Brasil, com a dança em pares. A dança contemporânea é apresentada como uma forma poderosa de expressão e reflexão das complexidades da experiência negra na contemporaneidade.

Paul Gilroy (2001), já adverte: A política da diáspora negra sempre envolveu a dança, performance e a apresentação do corpo como ferramenta de expressão. Isso aconteceu porque os negros foram deixados de fora da esfera fundada na palavra. Por esse motivo, romperam a barreira com o discurso do corpo. Foram capazes de, com o corpo, criar uma nova dimensão significativa que funde ética e estética, representada na performance ritual. (AMADOR, 2011)

Em minhas pesquisas de campo indo ao Solamar, encontrei Marcela Souza⁸⁵, uma amiga dos tempos do Emancipa,⁸⁶ que sempre está presente nas casas de reggae da cidade. Em uma entrevista rápida com ela, Marcela compartilhou sua perspectiva sobre a dança no contexto do reggae (entrevista na íntegra em anexo), oferecendo insights sobre como essa forma de expressão transcende os limites do físico para se tornar uma jornada filosófica para a mesma, através da conexão com a sua ancestralidade, pelo que a cultura reggae representa.

⁸³ Cotijuba é uma ilha de Belém do Pará, localizada a 22km da cidade. O acesso a ilha é possível por meio de embarcações que saem do distrito de Icoaraci.

⁸⁴ Ilha de Maiandeuá, ou como é conhecida por Ilha de Algodual está localizada no município de Maracanã. Estas praias, tanto de Algodual quanto de Cotijuba possuem uma história com o reggae de Belém, por promoverem várias festas, principalmente em momentos de férias em Janeiro e Julho.

⁸⁵ Integrante da cena reggae de Belém. Mulher negra, coordenadora de uma das unidades do Emancipa de Belém-PA, unidade Fátima Bessa, no qual eu também era vinculado.

⁸⁶ Emancipa é uma rede de cursinho popular fundado em São Paulo, com sedes em Belém-PA.

Desde a infância, a dança tem sido uma parte essencial da vida de Marcela. No entanto, foi quando ela experimentou pela primeira vez o reggae aos 14 anos que uma paixão avassaladora foi despertada dentro dela. Para Marcela, a dança no reggae não é apenas uma atividade recreativa; é uma forma de se conectar com suas raízes ancestrais. Ela descreve como a dança a transporta para um estado de transcendência, permitindo-lhe acessar um nível mais profundo de consciência e espiritualidade.

Ao falar sobre sua experiência com a dança no reggae, Marcela destaca sua importância como uma forma de educação. Para ela, a dança não apenas transmite ritmos e movimentos, mas também ensina lições valiosas sobre cultura, história e identidade. É uma maneira de preservar e celebrar a rica herança cultural do reggae, ao mesmo tempo em que proporciona espaço para inovação e expressão pessoal.

Além disso, Marcela aborda os desafios enfrentados dentro da comunidade reggae, especialmente para as mulheres negras como ela. Ela fala abertamente sobre o assédio sexual e o preconceito que muitas vezes são enfrentados, destacando a necessidade de uma mudança de mentalidade dentro da cena reggae. No entanto, apesar desses desafios, Marcela permanece firme em sua dedicação ao reggae, vendo-o como mais do que apenas um estilo musical, mas sim como uma filosofia de vida.

Durante o campo, também pude conhecer uma figura bem famosa no meio da cena reggae de Belém, de nome Marcos Barbosa, conhecido entre os participantes da cena reggae como Leonardo Dicaprio⁸⁷. Em conversa informal com Dicaprio, o mesmo me contou que já ganhou alguns concursos de reggae na ilha de Cotijuba e Belém. Eu mesmo já pude presenciar em alguns eventos que fui, os Dj's mandando um abraço para o Dicaprio, notando a sua presença no local. Esse abraço do Dj é uma forma de lhe identificar no meio da festa como um "considerado" (VILHENA. 2012).

A dança Reggae em Belém, assim como no Maranhão, reflete as múltiplas influências culturais desse gênero. A experiência única vista na forma de dançar maranhense, o dançar "agarradinho" também se repete em Belém, demonstrando o quanto a origem de ambos se mescla com o passar do tempo. Os eventos de beleza, que ocorrem tanto no Maranhão quanto aqui, também são importantes para a cena reggae, pois evidencia a beleza negra, exaltando o corpo negro como ferramenta de empoderamento, principalmente para as mulheres. E a entrevistada Marcela Souza também corrobora com esse pensamento, quando demonstra que

⁸⁷ Conheci o Marcos Barbosa, um homem negro de 45 anos na ocasião do aniversário de 3 anos da equipe Laje Roots, realizado no dia 15 de outubro de 2023, na casa de show Reggae Club.

para ela o reggae está muito além de uma mera festa de entretenimento, mas é um gênero musical que comporta uma jornada filosófica para esta.

Nesse capítulo, discorri sobre os diversos elementos que considero importantes para compreensão da cena reggae de Belém. Os pioneiros, que são os que trouxeram o reggae com suas coleções de vinis, trazem em suas memórias aspectos históricos da cena. A rádio, fundamental para disseminação da música em todas as casas e para a formação dos futuros Djs, que constroem seus repertórios através dela. As equipes, que são os participantes mais engajados pela causa e lutam pela permanência dessa cultura; as bandas que consolidam o gênero em todos os lugares e dão mais visibilidade a esse; os Djs que são as almas das festas, pois movimentam a musicalidade e o ritmo do lugar com suas sequencias, e por fim a dança, que é o envolvimento do participante com o reggae, que tem suas peculiaridades em Belém, por influência do Maranhão.

Visto isso, o leitor terá uma percepção mais ampla da cena reggae de Belém, pois compreendendo esses elementos, compreenderá o meu trabalho etnográfico no capítulo seguinte, em que eu vou a campo para demonstrar de que forma essa cena se movimenta e se desenvolve na cidade.

CAPÍTULO 03

ETNOGRAFANDO A CENA

No último capítulo dessa dissertação, trago minhas impressões sobre a cena reggae de Belém a partir de eventos em campo que estive presente, e pude perceber como se dá a dinâmica de uma festa de reggae, observando as nuances que se desvelam no decorrer do evento. Essa é a área dos eventos, acontecimentos, cheiros, sabores e tudo o que podemos sentir (Peirano, 2014). É onde meu olhar etnográfico de antropólogo urbano se apresenta. Os objetivos específicos de cada capítulo do trabalho visam explorar diferentes dimensões da cena reggae em Belém do Pará para responder à pergunta central sobre seu desenvolvimento e associação com o mercado de shows e eventos festivos. O primeiro capítulo investiga a história da cena, compreendendo sua formação e mudanças ao longo do tempo. O segundo capítulo identifica os principais elementos culturais e estéticos, incluindo a influência do rastafarianismo. O terceiro capítulo analisa as dinâmicas sociais e políticas, observando as relações entre os participantes e as formas de organização e disputas dentro da cena. Esses objetivos juntos permitem uma compreensão abrangente da cena reggae, suas interações e sua relevância cultural e econômica.

Para tanto, farei uso de meus diários de campo, que produzi ao longo de minha aproximação com meu objeto de estudo, que esteve presente em diversos momentos de minha vida. Estes diários foram produzidos entre os meses de Maio e Novembro de 2023, quando pude participar de diversos eventos, dos quais julguei relevantes a título de observação, como o tributo ao Bob Marley, que se configura atualmente como o evento de maior relevância pra comunidade reggae, organizado pela Associação Paraense da Cultura Reggae (APCREGGAE), shows internacionais, reuniões da comissão executiva da cena reggae em Belém e noites de reggae aos finais de semana nas casas tradicionais do centro Belém, como Porto Solamar e Palafita.

O primeiro evento em que participei como pesquisador, ciente e convicto de meu objeto de pesquisa foi um bingo para angariar fundos para a vigésima sexta edição do tributo ao Bob Marley de 2023. No tópico 3.1, compartilho com o leitor três diários de campo relacionados ao tributo a Bob Marley. Organizado pela APCREGGAE, na qual fui convidado por um dos diretores do movimento, Breno Roots. O evento ocorreu no dia 07 de Maio de 2023, no bar do Roberto, localizado em frente ao Porto Solamar, onde pude perceber a força deste ambiente, até então desconhecido por mim. Já o segundo evento foi um reggae no Parque dos Igarapés,

chamado Bob Marley Day, que contava com atrações maranhenses, que se apresentariam no tributo, além dos Dj's atuantes da cena reggae de Belém, que também se apresentariam. E por fim, o tributo ao Bob Marley, que ocorreu no Complexo Ver o Rio e contou com a presença de cinco mil pessoas na Av. Marechal Hermes, no bairro do Umarizal, região central de Belém. Neste, pude observar atentamente as manifestações diversas de reggae dentro da cena bem definidos.

3.1 Tributo ao Bob Marley

O tributo ao Bob Marley é o maior evento de reggae do estado, organizado pela APCREGGAE⁸⁸. Neste tópico, exponho minhas impressões coletadas em cadernos de campo, a partir de dois eventos que participei que antecederam o tributo, juntamente com o 26º tributo ao Bob Marley. O primeiro evento foi um bingo, realizado no dia 07 de maio de 2023, com renda destinada para a realização do tributo. Em outra ocasião, no dia 20 de maio de 2023, às vésperas do tributo, fui até o Parque dos Igarapés, para um evento homenageando o rei do reggae, intitulado Bob Marley Day. No dia seguinte, fui até o tributo, ocorrido no complexo Ver-O-Rio, localizado no bairro Umarizal, região central de Belém.

3º Bingo do tributo ao Bob Marley 2023

A medida em que fui falando sobre minha pesquisa aos meus amigos, muitos deles se prontificaram a ajudar de alguma forma, dentre eles, um amigo me disse que seu irmão era um Dj de reggae, conhecido na cena paraense como Dj Breno Roots⁸⁹, que contribuiu e contribuirá para o desenvolvimento desta etnografia.

Logo, entrei em contato com o Breno. Ele me chamou para ir a uma festa na Sexta feira (05/05/23), dia em que Ras Margalho, considerado um dos pioneiros do reggae em Belém, iria tocar, e ele poderia me apresentar, não só ao Margalho, como também a outros integrantes da

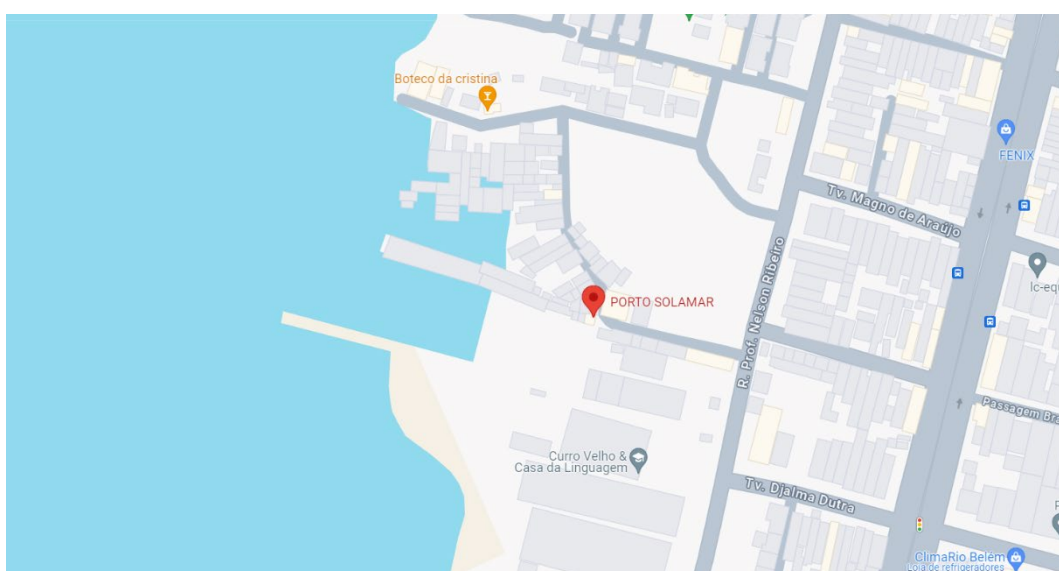
⁸⁸ Segundo informações de Roberto Pinheiro, ex-presidente da associação, a Associação Paraense da Cultura Reggae (APCREGGAE) surgiu a partir da Comissão Organizadora do Tributo a Bob Marley, formada em 2011 por promotores de eventos, donos de clubes de reggae e DJs. O evento, realizado pela primeira vez na Praça Waldemar Henrique, cresceu e se tornou um dos mais importantes do movimento reggae em Belém. Com o fortalecimento do Tributo, decidiu-se criar uma personalidade jurídica para a comissão, resultando na fundação da APCREGGAE em uma assembleia aberta a todos os interessados. Oficialmente constituída em 2018, a associação tem como principal objetivo fomentar atividades culturais e formativas ligadas ao reggae. Seu evento mais destacado é o Tributo a Bob Marley, mas a APCREGGAE organiza eventos ao longo do ano, combinando aspectos culturais, educativos e de entretenimento. Atualmente, o DJ Junior Pedra é o presidente da associação.

⁸⁹ Breno Lima, que é um trabalhador autônomo e Dj, integrante da equipe Leões Vibration.

cena. Entretanto, na ocasião, eu não estava em Belém, pois ele me informou deste evento no dia do mesmo. Ainda no mesmo fim de semana, ele me informou sobre um bingo para arrecadar fundos para a realização do tributo ao Bob Marley. Mandou-me o seguinte cartaz:



Imagem 29 Flyer do bingo



Mapa 01 Vila que dá acesso ao Porto Solamar, pelo Google Maps

No domingo de muito sol, fui de bike da minha casa no bairro da Cremação até o bairro do Reduto, em direção ao local do bingo. O bar do Roberto é um ponto de encontro tradicional na cena reggae, pois situa-se de frente a uma das casas de shows de reggae mais conhecida de Belém, chamada porto Solamar. Cheguei pelo bingo às 17:30. Adentrei a viela que dá acesso

ao Solamar e ao bar do Roberto. Havia ainda poucas pessoas, como mostra a imagem 30. A maioria entrando no solamar para a tradicional “domingueira reggae do sola”, com apresentação de Djs tocando reggae no vinil e algumas bandas, de reggae e rock⁹⁰.



Imagem 30 Chegada ao bar do Roberto,
pelo lado direito do Solamar.



Imagem 31 Bandeiras do APCREGGAE
e Veteranos do Reggae

Acessei o lado direito da vila, na área do bingo. No bar, havia algumas pessoas; um público misto de homens e mulheres, entre 30 a 50 anos, algumas pessoas em pé, outras sentadas. A maioria das pessoas estava sentada no bar, bebiam *long neck* ou cerveja litrão, que é o carro chefe do bar do Roberto, Todas as mesas estavam com grupos, vi poucos casais ou pessoas sozinhas. Dentre essas pessoas, seus trajés eram casuais. Os homens vestiam bermudas e tênis, e as mulheres de short ou vestido. Percebi que alguns estavam com camisas de movimentos. Essa parte da vestimenta é interessante, pois na maioria dos eventos de reggae que fui, os participantes usavam camisas de um ou outro movimento. Nesse evento, percebi algumas pessoas, na maioria homens, vestindo camisas dos movimentos: Remo Roots, Laje Roots, Anjos do Reggae, Veteranos do Reggae, Irmandade Brasil Jamaica e Lady’s do Reggae.

Alguns moradores da vila ficavam na frente de suas casas para acompanhar o movimento festivo, outras estavam dentro de casa, sem muito interesse. Alguns deles com

⁹⁰ Bandas de Rock e Pop também se apresentam na casa aos domingos, dividindo espaço com os regueiros do vinil no Solamar. Ver mais sobre essa dinâmica no artigo de Enilson Nonato, intitulado “Festa de reggae, som de rock: as relações entre rock e reggae em Belém do Pará.” apresentado na 28ª reunião Brasileira de Antropologia, realizado entre os dias 02 a 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

camisas de movimentos e o Dj Vitor Pedra estava tocando no momento que cheguei, um clássico do reggae da banda jamaicana Steel Pulse⁹¹, chamada Your House. Fiquei preocupado em chegar com mais de uma hora de atraso, entretanto, o Dj Vitor Pedra anunciou que era a primeira atração e que o bingo começaria às 19hrs. O evento acabara de começar. Os membros das equipes na maioria das vezes chegam mais cedo, para colocar suas bandeiras tradicionais no entorno do local, como mostra a imagem 31. O que me fez refletir sobre a preocupação com o visual dos movimentos, estampando suas bandeiras e usando camisas e notei que esta dinâmica é muito semelhante a organização das equipes de aparelhagens⁹², como define (Costa, 2018, pg. 81) “A presença notória de fã-clubes, com jovens em roupas padronizadas, portando bandeiras e ocupando o espaço central do salão, em frente a cabine de controle da aparelhagem”. Inclusive, 3 dos 5 prêmios do bingo eram camisas de movimentos.

Percebi que os membros mais conhecidos da festa ocupavam o centro do bar e os arredores do comando do som, com ênfase nas músicas armazenadas em notebooks, o que os Dj's chamam de “Virtual”. Havia cerca de 50 pessoas quando cheguei. O vendedor de churrasco da frente do Solamar já estava fazendo o fogo e preparando a carne. Ao lado, alguns hippies foram chegando com seus painéis recheados de brincos, pulseiras, colares e etc.



Imagem 32 Participantes da festa



Imagem 33 Visão de dentro do bar.
Ao fundo o espaço dos Djs e bandeiras do Dj Fares e do movimento Anjos do Reggae

⁹¹ Influyente grupo británico de reggae, fundado em 1975.

⁹² Ver sobre as equipes em “As estrelas do espetáculo: a performance dos considerados nas festas de aparelhagem de Belém do Pará”, de Antônio Costa. In: MAGNANI, J. G. C.; SPAGGIARI, E. (Org.). **Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018, p. 78 a 99.

As 18:20, o Dj Marcelo Roots da equipe Anjos do Reggae entrou para tocar sua sequência, chamando as pessoas para adquirirem sua cartela no bingo. Comecei a me preocupar, pois meu interlocutor, o Dj Breno Roots não havia chegado. Ele me apresentaria a maioria dos presentes no local. Enquanto ele não chegava, fui tentando me aproximar por mim mesmo. Fui até a cabine dos djs para comprar uma cartela e saber informações sobre o evento, como quem iria tocar e até que horas duraria o bingo. Falaram que seria até 22hrs aproximadamente e, para a minha surpresa, não falaram o nome do Breno como um dos Dj's. Logo, enviei uma mensagem para ele e o mesmo me respondeu que não poderia ir ao bingo devido a um contratempo no trabalho.

Fiquei um pouco frustrado, pois queria me aproximar daquelas pessoas e ele seria essa ponte, mas não sabia como, por ser alguém que não costuma frequentar esses espaços, apesar de ter alguns amigos desta cena. Ali, sozinho, tirando fotos no meio das pessoas, me sentia um estranho no ninho, apesar de estar curtindo as músicas da sequência. Notei um certo receio de algumas pessoas com a minha presença naquele local, tirando fotos, observando, e, diferente da maioria, não ingerindo bebida alcóolica e desacompanhado. Há uma preocupação por parte dos integrantes desta cena com pessoas de fora, pelo estereótipo nacional do regueiro⁹³, associado ao consumo de maconha. Entretanto, na cena em que estou analisando, o uso da maconha não é uma característica marcante. No bingo, por exemplo, eu vi apenas um grupo de pessoas se afastando para consumir a erva em um único momento.

Aproximei-me de um grupo de jovens que estava no local. Um dos jovens, chamado Wallace, estava falando com seus amigos sobre a ideia de fundar um movimento de reggae. Sugeriram nomes como Jah Lovers, Deus é Amor, entre outros, mas sua amiga lhe atentou para a existência de um movimento com este nome. Em uma pesquisa posterior no Instagram, vi que existe uma página do movimento Jah Love com algumas informações, como o ano de fundação, que data de 1998. Este movimento, assim como outros, foram abordados no tópico 2.3 desta pesquisa.

Às 18:40hrs o Dj Pablo Roberto assumiu o comando da sequência de músicas e anunciou o início do bingo. Acredito que o Dj em questão ficou no lugar de Breno. Os primeiros

⁹³ O estereótipo do regueiro brasileiro é frequentemente associado a várias características tanto na aparência quanto no comportamento, incluindo o uso de roupas largas nas cores verde, amarelo, vermelho e preto, dreadlocks, e uma paixão pelo reggae e seus ícones como Bob Marley. Além disso, são vistos como defensores de causas sociais e ambientais, valorizando a paz, o amor e a harmonia com a natureza. O consumo de maconha também é comumente associado a esse estereótipo, embora não seja uma prática universal entre todos que se identificam com a cultura reggae. Esses estereótipos são generalizações e não refletem necessariamente a diversidade e complexidade dos indivíduos que se identificam com a cultura reggae no Brasil.

2 prêmios foram sorteados e a festa seguiu. Então, às 19:20hrs, foi a vez da Dj Nega Black colocar sua sequência. A partir desse horário, percebi que as pessoas estavam mais em pé, alguns dançando, curtindo os clássicos que a Dj estava colocando.



Imagem 34 Bandeiras das equipes Irmandade Brasil
Jamaica e Lady's do Reggae

No decorrer do bingo, alguns integrantes de movimentos de reggae iam chegando e colocando suas bandeiras, como as equipes Irmandade Brasil Jamaica e equipe Ladys do Reggae⁹⁴. Um ponto que também pude observar no bingo era a ausência de rastafaris. O meu imaginário dessas festas era encontrar alguns adeptos do rastafarianismo, sendo os *dreadlocks* como uma característica marcante dos mesmos, tal como se apresentou em outros trabalhos sobre o reggae no Brasil⁹⁵. Entretanto, não vi ninguém que adotava essa estética no local, com exceção do Dj Vitor Pedra, que possui *dreadlocks*⁹⁶, mas não se considera um rastafari.

A festa alcançou o seu máximo às 19:40, quando muitas pessoas estavam em pé e um grande número de pessoa que saía do Solamar, chegavam no bar do Roberto, sendo que este movimento é comum aos domingos, quando algumas pessoas, conhecidas entre os atores dessa

⁹⁴ Equipes citadas no tópico 2.3 Equipes e movimentos desta dissertação.

⁹⁵ Em minhas pesquisas bibliográficas, posso citar duas obras das quais podemos observar os atravessamentos da cultura reggae e os *dreadlocks*, característicos dos rastafaris. “Repensar a história: visual *dreadlocks*”, de Maristane de Sousa Rosa. In: Revista brasileira do Caribe, Brasília, Vol. IX, nº 18. Jan-Jun 2009, p. 485-501 e “Transgressão e Resistência nas estéticas do Rastafári”, de Gustavo Antoniuk Presta, In: Revista Ciclos, Florianópolis, V. 2, N. 4, Ano 2, fev. de 2015.

⁹⁶ “O *dreadlock* ou cabelo enrolado, adota a forma de pavio, com argila em tom ocre ou com cera de abelha formando grossos cachos. Essa estética de longas tranças enroladas conhecidas como “cabelo *rastafari*”, “cabelo *rasta*”, *dreadlocks*, *locks* ou simplesmente *dreads*, se constituiu em um signo cultural identitário para os seguidores do *Rastafarianismo*, mas também, passou por um processo de cristalização como estereótipo. Assim, como boa parte dos artistas do reggae eram também rastas, a música também herdou os apelidos depreciativos. O Rastafarianismo nasceu como um fenômeno cultural contestário das tradições históricas e privilégios conferidos a um restrito grupo social dominante, oriundo da Europa Ocidental.” (ROSA, 2015).

cena, passam pelo bar depois do Solamar para “tomar a saideira”. Ainda sobre a cerimônia de Nega Black⁹⁷, às 20hrs, o bingo foi dando continuidade, e, acredito que pelo horário e pelo mal tempo, com ameaças de chuva, ela foi chamando para os últimos prêmios do bingo sorteando pelo número da cartela, para acelerar o processo. Então os prêmios foram sendo sorteados rapidamente, devido ao fato de que algumas pessoas que compraram a cartela e estavam desde o início já estavam saindo. E, às 21hrs, havia poucas pessoas do bingo no bar. Já era o público do “pós sola” chegando. Como meu interlocutor não apareceu e não consegui abertura para falar com as pessoas, resolvi me retirar, devido à ameaça de chuva no céu, por ter ido de bicicleta.



Imagem 35 Ponto alto da festa



Imagem 36 Foto tirada da vila, momentos antes de minha saída do campo

Por fim, apesar de não ter saído tudo como planejado por mim, esta experiência de campo traz uma grande contribuição acerca da cena em que pretendo me aprofundar. A partir dele, consegui perceber que a cena, apesar já ter alcançado o seu apogeu em tempos passados, ainda se mantém viva e pulsante, reverberando as pautas fundamentais do reggae, como solidariedade, paz, amor e positividade. Pretendo me aprofundar no cotidiano dos atores destes

⁹⁷ Ativista dos movimentos de reggae e Hip Hop.

movimentos da cena reggae, para acompanhar “de perto e de dentro” como eles se organizam para além das festas, em ações sociais e ajuda comunitária. O tributo ao Bob Marley como um todo já nos mostra a expressividade da solidariedade, devido a iniciativa dos organizadores da festa cobrarem 1kg de alimento a cada participante, que será convertido em cestas básicas para famílias em vulnerabilidade financeira.

Minha impressão no primeiro campo que fui é que havia muita coisa para falar, muita história pra contar, de uma cena forte, de pessoas entre 35 a 50 anos, que situam a década de 1990 como o apogeu do reggae em Belém. Ali, no bar do Roberto, pude perceber que o público que o frequenta não se parece com o público do Solamar, que já se caracteriza por uma proposta de rock também, composto essencialmente por pessoas que vão esporadicamente ao reggae. Há os que são frequentadores assíduos, como um grupo de amigos meus, que denominam o Solamar como “Igreja”, para sinalizar um movimento quase sagrado, indo na maioria dos domingos. Entretanto, na parte do bar do Roberto, senti que a festa pertence às pessoas que nela estão, que estão presentes na cena reggae de Belém na maior parte dos eventos, diferentemente do Solamar, que possui um tipo de programação para agradar regueiros e roqueiros, atraindo outros perfis.

Bob Marley Day (Parque dos Igarapés) – 20/05/2023

Depois de fazer meu primeiro trabalho de campo no bingo, comecei a me empolgar com o projeto. Segui o conselho que meu orientador me apontou, que é a entrada em campo e que a partir desta primeira experiência, as perguntas começariam a aparecer. E foi exatamente o que ocorreu. A partir de minha ida ao bingo enquanto pesquisador, meus horizontes se ampliaram para observar melhor este próximo campo. Um exemplo é a forma como os movimentos de reggae se organizam dentro do ambiente festivo, exibindo suas bandeiras e usando camisetas com estampas do movimento a qual pertence. Outro fator também observado no campo foi a ausência de rastafáris no local, e que eles não costumam frequentar tais ambientes, diferente de outros lugares do Brasil, como por exemplo na praia de Sana, no Rio de Janeiro, onde os rastafaris estão presentes e consagram o Nyahbinghi⁹⁸.

⁹⁸ Nyahbinghi, no contexto Rastafari, promove a cultura através da música. Originário do leste africano, representa resistência ao domínio colonial. Na Jamaica, é o principal encontro dos rastas, comparado a um congresso, durando de um a três dias, às vezes uma semana. Os tambores, tocados apenas por rastafaris, criam uma atmosfera espiritual de paz e harmonia. Os participantes devem abster-se de condutas imorais, seguir uma dieta Ital (Estilo de alimentação rastafari que consiste na ingestão de alimentos aprovados pelo movimento), e promover a paz. A

Este trabalho de campo ocorreu no dia 20 de maio de 2023, no Parque dos Igarapés. Fiquei sabendo deste evento através do *instagram*, nas páginas de casas de reggae que eu acompanho. (Imagens 37 e 38). Havia uma certa preocupação de minha parte em relação ao mesmo, devido ao dia marcado para a sua realização, pois, no dia 21 de maio, um dia depois, seria realizado o 26º tributo ao Bob Marley, que iria ocorrer na maior parte do dia, e eu não poderia deixar passar essa grande oportunidade de conhecer a cena reggae de uma forma mais macro. Visto que este é o maior evento de reggae do ano no Pará.

Apesar de minha preocupação com energia para me debruçar sobre esses dois eventos, encarei o desafio. Comprei meu ingresso e o de minha companheira para o BMD (Bob Marley Day) e seguimos um cronograma no qual ela poderia me ajudar no BMD indo ao evento e me auxiliando com possíveis entrevistas, fotos e observação. Percebi a importância de estar presente no BMD devido ao grande número de atrações maranhenses que iriam se apresentar ao local. Era um prato cheio para a minha pesquisa sobre a cena reggae, pois estariam presentes atores que, tanto no Maranhão quanto no Pará, são referência deste meio.



Imagem 37 Line up do evento



Imagem 38 Line up dos Dj's do Maranhão

Chegado o dia, saímos eu e minha companheira em direção ao Parque dos Igarapés. Achei estranha a movimentação na frente do parque. Senti falta de ambulantes e pessoas na frente do local do evento, seja esperando seus parceiros de festa ou até comendo e bebendo do

abertura inclui a recitação de diversos Salmos. Durante o encontro, uma fogueira é acesa com a recitação de sete salmos específicos. Os participantes dançam em harmonia enquanto os tambores ressoam sem interrupção.

lado de fora, devido ao preço elevado dos produtos vendidos no interior da festa. É o que a galera chama de “aquecimento”. Da última vez que fui a um evento no Parque, no final de 2022, havia muitas pessoas e ambulantes na parte de fora do local. Talvez por se tratar de um show internacional, na ocasião em questão.

O Parque dos Igarapés, além de uma casa de show, é um complexo turístico de Belém, com piscinas naturais e um hotel, com chalés para hóspedes. No extenso caminho para chegar até o salão de shows, denominado pássaros e estrelas, podemos observar a área dos chalés e da piscina.



Mapa 02 Vista do Parque dos Igarapés pelo Google Maps.

Cheguei até a área dos shows às 20 horas. Como o evento começou desde as 15 horas da tarde, a rotatividade de pessoas estava intensa no local. Quando cheguei, havia poucas pessoas, entretanto, como o evento começou de tarde, alguns aproveitaram a tarde para se divertir e saíram a noite. Até porque, no dia seguinte, haveria o maior evento de reggae do Pará, então, muitos guardaram suas energias.

A Dj Cleide Roots estava tocando na hora que cheguei e a área com mais pessoas era o interior do salão principal. Havia dois vendedores ambulantes na festa, vendendo balas e cigarros. Na área do bar, havia poucas pessoas (o que é raro, para quem costumava ir aos shows de reggae no parque, devido as grandes filas para compra de bebidas). De frente ao bar, havia uma pequena coquetelaria. A maioria das pessoas consumiam bebida alcoólica, baldes de cerveja.

O local estava bem aberto. Aos amantes da dança, um ambiente perfeito, pois o salão central estava longe de lotar, o que garantia espaço para o regueiro curtir a “pedra” dançando. O que me chamou a atenção foi que dentro do salão, havia placas de alguns artistas que se

apresentaram no parque, distribuídas pelo espaço. Foram os shows que ocorreram no parque até 2017. As placas com a identificação dos nomes que já passaram pelo parque demonstram a força desse lugar, chamado por alguns interlocutores como templo do reggae. Grandes nomes da música jamaicana se apresentaram no Parque dos Igarapés, o que foi possível graças aos esforços de Roberto Pinheiro e Ras Margalho para trazer artistas e bandas renomadas como Gladiators, Mighty Diamonds e Culture⁹⁹ por exemplo.



Imagem 39 Registro feito por mim de algumas bandeiras espalhadas pelo salão¹⁰⁰

As pessoas, em sua maioria, se vestiam com roupas casuais. Mulheres de vestido ou saia e blusas curtas. Os homens com bermudas ou calça jeans e camisa. Pouquíssimos participantes com algum adereço com as cores do reggae. Os que tinham alguma vestimenta ou adorno representando as cores eram os Dj's ou integrantes de alguma equipe ou movimento¹⁰¹. As pessoas que ficavam longe das caixas de som interagiam mais, umas com as outras. Havia poucas pessoas desacompanhadas. A maioria estava em grupos. O reggae é um ponto de encontro e reencontro de muitas pessoas, que se conhecem e se reconhecem como elementos da cena, seja dessa década, ou de outras passadas.

⁹⁹ Bandas de reggae Jamaicanas da década de 1970.

¹⁰⁰ Algumas eu não consegui colocar devido ao espaço. Segue os shows identificados pelas bandeiras. 1993 - Tribo de Jah, 1994 - Culture, 1995 - Banda Reprise, 1995 - Owen Gray, 1996 - Ziggy Marley, 1996 - Edson Gomes, 1996 - The Gladiators, 1996 - Inner Circle, 1996 - Mighty Diamonds, 1997 - Donna Marie, 1998 - Stanley Beckford, 1998 - Cesar Nascimento, 1998 - Gregory Isaacs, 1998 - Jackie Brown, 2000 - O Rappa, 2003 - Tiken J. Fakoly, 2004 - Maskavo, 2006 - Jahman Levi, 2012 - Dread Mar I, 2013 - Cedric Myton, 2013 - The Pionners, 2014 - Barbara Jones, 2014 - Bunny Wailer, 2014 - Roots Circus, 2015 - Etana, 2017 - Keith Poppins, 2017 - Johnny Orlando, 2017 - Planet Hemp.

¹⁰¹ Ver tópico 2.3 Equipes e movimentos.

A maior parte dos reggaes tocados pelos Dj's, tanto os daqui de Belém quanto os do Maranhão, tocavam reggae roots e reggae lovers rock¹⁰². Alguns Dj's do Maranhão tocaram músicas do chamado “reggae eletrônico” do Maranhão. Este se diferencia dos demais por ser feito no computador, dispensando instrumentos musicais, menos o canto. Algumas vezes o cantor é contratado para gravar a música encomendada, para atender determinada radiola, na maioria das vezes cantada em inglês.

O evento também contava com a inauguração de uma radiola, chamada Black Star. Essa é a radiola do Parque dos Igarapés. Ela também iria se apresentar no tributo ao Bob Marley, no dia seguinte. Além da Black Star, havia a radiola NKDisco, que fazia a sonorização do evento sozinha, até que a Black Star entrasse para sonorizar.



Imagem 40 Registro feito por mim do salão central da festa, às 21:30.

¹⁰² Dois subgêneros do reggae. Reggae Roots representa o reggae jamaicano da década de 60 e 70, com letras politizadas, demonstrando a situação da Jamaica e do homem negro no mundo, oprimido pelo sistema capitalista, no qual chamam de Babilônia. Além do cunho religioso, em que vários artistas abordam temas da filosofia rastafari. Já o reggae Lovers Rock aborda temas amorosos, tendo suas raízes no *rocksteady* jamaicano. O subgênero se desenvolveu em meados da década de 70 entre comunidades negras do Reino Unido.



Imagem 41 Registro feito por mim do momento de estreia da radiola Black Star, às 23:30.

A partir das 22hrs começam a chegar várias pessoas, entre elas, uma equipe maranhense, que em alguns momentos era comentado pelos Dj's, chamada "Na Trilha do Reggae". Havia cerca de 30 pessoas com a camisa desta equipe. Pude conhecer um casal de maranhenses que fazem parte desse grupo. Eles me contaram que são um grupo que viaja pelo Brasil, a procura de grandes eventos de reggae no país. Vieram de caravana de São Luís para Belém, a fim de acompanhar a 26ª edição do tributo ao Bob Marley, que ocorreu no dia seguinte. Muitos deles foram até o BMD, no Parque.

Podemos observar a diferença de público nas imagens 40 e 41, em que na 40, as pessoas ainda estavam chegando no local e na imagem 41, estávamos no ponto alto da festa, com o lançamento da radiola Black Star. A circulação de pessoas era grande, tanto de entrada quanto de saída. Resolvemos deixar o local meia noite, para poupar energia para o tributo ao Bob Marley, que ocorreu no dia seguinte. Até o momento em que fiquei na festa, não houve nenhum problema com a segurança ou com a estrutura do local. O clima do ambiente era muito amigável, de confraternização.

Nos meus últimos momentos dentro da festa, pude conhecer o irmão de Roberto Pinheiro, Milton Pinheiro. Eu me apresentei, disse a ele o que eu estava fazendo lá, e o mesmo se mostrou empolgado com o meu trabalho. Contou-me algumas histórias sobre o reggae de Belém e o reggae no Parque, comentadas no capítulo 1, na sessão 1.3 Reggae em Belém do Pará e suas memórias. A partir daí, pude reencontrá-lo em outras ocasiões de campo, inclusive no tributo, que será explanado a seguir. Para mim, foi uma grata surpresa, pois estava sem muita pretensão de conseguir algum contato interessante para uma conversa posterior. Fui até o evento apenas com o intuito predominante de observar.

26º Tributo ao Bob Marley

Seguindo o circuito de homenagens ao Bob Marley em junho, finalizei com a maior festa de reggae do ano: o Tributo a Bob Marley. Em outros momentos de minha vida, pude participar desta festa. Em duas ocasiões. Não me recordo muito bem do ano, mas acredito que foi 2017 e 2019, que foram realizados na praça Waldemar Henrique, no bairro da Campina e no extinto complexo de shows Cidade Folia, no bairro do Castanheira.



Imagem 42 Imagem de satélite da praça Waldemar Henrique. A área em amarelo era onde se concentravam a maior parte dos tributos ao Bob Marley da década de 2000.



Imagem 43 Tributo a Bob Marley de 2013, na praça Waldemar Henrique.

Sempre me recordo com muita nostalgia os tributos ao Bob Marley, porque era uma das raras festas de rua de grande porte em Belém, onde brigas, arrastões, truculência policial ou algo do tipo não era visto com frequência. O clima do reggae trazia uma certa paz. O ritmo evocava a dança. A investida do grave nas radiolas e nas configurações de mesa de som no palco trazia a levada, o ritmo da canção, a ginga da dança. O uso de maconha por algumas pessoas não era visto com preconceito pela massa regueira, talvez pela influência de grandes artistas do reggae que faziam uso da planta para fins religiosos, inclusive o próprio Bob Marley, que em seu primeiro disco, intitulado *Catch a Fire*, aparece na capa fumando um cigarro de maconha.

Fiz uma pesquisa na rede social *facebook*, na página do tributo, sobre os três últimos anos do evento, até para entender o contexto do que eu iria encontrar. Os últimos anos foram marcados pela pandemia de COVID-19, fazendo com que as pessoas ficassem em casa no intuito de não espalhar o vírus. Com essa nova dinâmica, toda a sociedade teve que se adaptar ao virtual, como uma forma de manter festas tradicionais, a exemplo do tributo, que se deu de forma virtual nos anos de 2020 e 2021, investindo nas apresentações de Dj's em lives, a exposição de documentários e informativos sobre a cultura reggae em Belém e no mundo. No ano de 2022, o tributo voltou ao público, realizado no Insano Marine Club, localizado no bairro da Cidade Velha. Nesta edição, foi cobrado o valor de 10 reais e 1 quilo de alimento não perecível. A renda do tributo é destinada aos projetos sociais dos movimentos, que também organizam o evento. Os projetos são de caráter assistencialista, voltado para comunidades carentes, ribeirinhas e mulheres, como a equipe Lady's do Reggae, que faz eventos direcionados às mulheres, na intenção de ajuda com utensílios básicos e campanhas de conscientização. Olhando as fotos, notei muitas pessoas que conheci no ano de 2023 que fazem parte da cena reggae, também envolvidas no tributo passado, assim como a presença da equipe maranhense "Na trilha do Reggae" também no tributo de 2022, que compareceu em grande número. As caravanas vindas do Maranhão para participar do tributo a Bob Marley de Belém são tradicionais, por ser considerado o maior tributo a Bob Marley do norte.

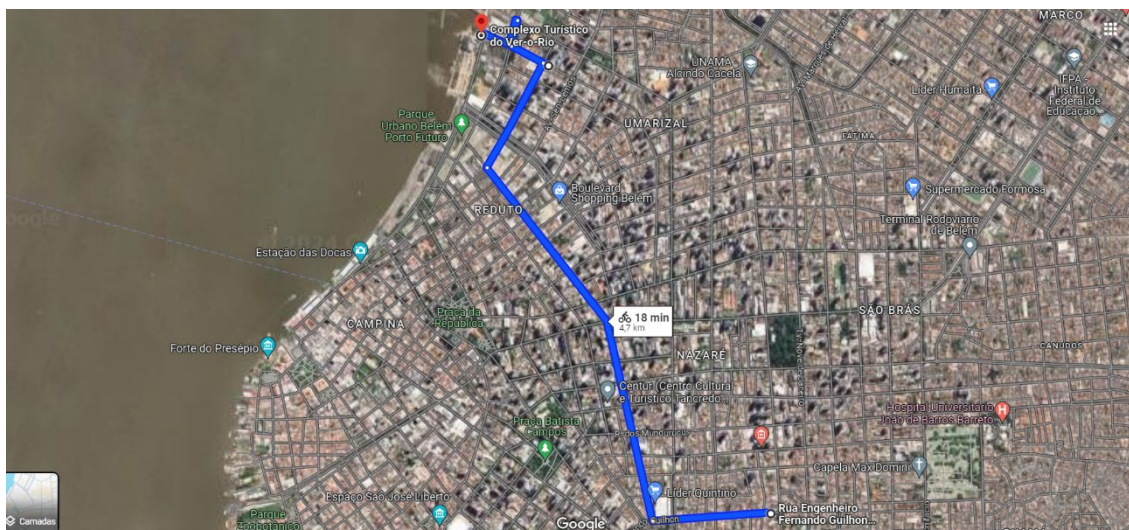
Depois de uma noite no Parque dos Igarapés, estranhando o familiar (Velho, 1978), peguei minha bicicleta e saí do bairro da Cremação até o Ver o Rio, local do evento. Cheguei antes de começar o som, às 10:30h. Os vendedores ambulantes já estavam posicionados na Tv Dom Romualdo de Seixas, rua de entrada para o complexo do VOR, esperando uma grande quantidade de pessoas. Conversei com um ambulante que me contou que gastou 3 mil reais comprando fardos de cerveja para vender e que acreditava que venderia todos. Ele é um

morador da Vila da Barca¹⁰³ que não quis ser identificado. Só faz vendas em eventos de rua e que consegue ir sobrevivendo com bicos durante o ano. Ele me contou que estava empolgado com o evento, que os lucros seriam atrativos. Segui adiante, pela Av. Marechal Hermes, à esquerda, onde estavam localizados o palco principal e a tenda radiola, que estava sendo sonorizada pela radiola Black Star, que fora lançada no dia anterior, no Parque. Os participantes de equipes chegaram cedo para montar suas bandeiras em todas as áreas do evento.



Mapa 03 Foto do Google Maps de cima do local do evento. Destaquei em quadrados coloridos de que forma os espaços estavam distribuídos no complexo do Ver o Rio. Amarelo: palco principal; Vermelho: Tenda vinil; Azul: Tenda virtual; Preto; Tenda radiola.

¹⁰³ A Vila da Barca localiza-se no município de Belém – PA, no distrito da Sacramenta. Os moradores da Vila da Barca, em Belém do Pará, enfrentam desafios relacionados à infraestrutura precária, falta de serviços básicos, como saúde e educação, e condições de moradia inadequadas. Muitas famílias vivem em casas simples, sem acesso adequado a água potável, saneamento básico e coleta de lixo. Além disso, a violência e a falta de oportunidades de emprego também são problemas enfrentados pelos moradores.



Mapa 04 Foto do Google Maps indicando o trajeto que fiz de minha casa até o local do evento na bicicleta.



Imagem 44 Vendedores ambulantes se preparando para o tributo, na entrada do Complexo Ver-o-Rio.

Havia muitas barracas de comida também, aglomeradas principalmente ao entorno do palco principal, onde o espaço era maior, e logo atrás a área da tenda vinil, onde também havia uma expectativa de muitas pessoas por lá. Os tributos ao Bob Marley que ocorreram na última década na praça Waldemar Henrique e no Cidade Folia levaram cerca de 10 a 15 mil pessoas em média. Este fato atraiu grande parte dos vendedores ambulantes. As barraquinhas e os vendedores de artesanato pagaram uma taxa para venda na área do tributo. Essa taxa vai para os fundos da APCREGGAE, que, assim como o dinheiro arrecadado nos bingos, é destinada para a realização dos tributos.

Na entrada do complexo Ver-o-Rio, havia barraquinhas de vendas de artesanato, roupas e adereços, ao lado da tenda vinil. Todo o espaço era tomado pela tonalidade rasta, estampadas

as cores verde, amarelo, vermelho e preto. Além das bandeiras e da decoração, essas cores foram observadas na maioria dos participantes, seja com roupas, adereços, copos ou calçados.

Mais adiante, na tenda radiola, que estava sendo sonorizada pela radiola Mega Priscila, os Dj's maranhenses se apresentaram. Todos os Dj's do Maranhão que foram tocar na tenda radiola tocaram o sub gênero “reggae eletrônico”, um reggae feito no computador, cantado na maioria das vezes em inglês. Este gênero é o mais tocado pelas radiolas do Maranhão.



Imagem 45 Os quatro espaços dos shows. Tenda Radiola (Radiola Mega Priscila); Tenda Virtual; Tenda Vinil (Radiola Black Star) e palco principal, respectivamente.

Na tenda de reggae virtual (Dj's tocando suas sequencias em notebooks), o ritmo predominante era o reggae lovers rock. Na tenda vinil, o mais tocado foi o reggae roots, e já na parte do show, haveria bandas que homenageariam o rei do reggae, Bob Marley. Percebi que essas características não estavam destacadas em algum espaço. Foi a partir de minha

experiência no campo em que pude notar essas características “cruciais”, para quem deseja ouvir e sentir um subgênero específico.

Pude encontrar meu interlocutor, Breno Roots, ao meio-dia, muito ocupado com a organização do evento. Breno é um dos secretários da APCREGGAE, organização responsável pelo evento. Ele iria se apresentar em dois momentos na tenda vinil, no início e no final, praticamente. Apesar de seu pouco tempo, ele pôde me apresentar algumas pessoas influentes na cena, como o Gorila, ex-presidente da equipe Bobicolor, Nega Black, DJ de reggae e conselheira de igualdade racial em Ananindeua, Cleide Roots, que é Dj e um grande nome entre os Dj's de reggae paraense. Apresentou-me também a Lulu Zion, que é uma Dj do Maranhão que toca reggae lovers rock.

Pude conhecer o presidente da Torcida Rasta Remo Roots, Dan Xavier, que também é membro dos movimentos Anjos do Reggae e Freedom Roots, uma equipe de Dj's, onde ele e a Dj ICrys Neybel, são os integrantes. A Freedom Roots está presente em vários eventos, além disso, Dan também foi um dos Dj's que foram convidados a dar um depoimento no documentário “O reggae em Belém do Pará”¹⁰⁴ sobre a história do reggae em Belém.



Imagem 46 Bandeiras da Remo Roots e da Bobicolor no 26º Tributo a Bob Marley. Foto por Rodrigo Oliveira

¹⁰⁴ Documentário a respeito da história do Reggae de Belém, de 2023, dirigido por Carlos Rodrigues. Nele, há entrevistas com pessoas responsáveis pela difusão do reggae na cidade.

Sobre as torcidas rasta, Remo Roots e Bobicolor¹⁰⁵, algo me chamou atenção. Enquanto estava andando, notei que as bandeiras da Bobicolor e da Remoroots estavam uma junto da outra. Perguntei ao Gorila sobre essa aproximação.

“Existe uma regra geral entre as torcidas rasta do Brasil, não pode haver conflitos entre si. Então nós da Bobicolor respeitamos a Remo Roots, assim como eles nos respeitam. Sou amigo do Dan também. Somos apaixonados por nossos times e pelo reggae.” (Gorila, Ex-presidente da Bobicolor)

Conversei com o Sandro, do movimento Jah Love, que se mostrou envolvido em movimentos de ação social. O mesmo anunciou uma ação beneficente que aconteceria no Ver-o-Peso¹⁰⁶, no sábado seguinte, enfatizando o compromisso da comunidade reggae com causas humanitárias.

Pude ter meu primeiro contato com o pioneiro Ras Margalho, figura ímpar do movimento reggae de Belém, por ser um dos nomes responsáveis por introduzir a música reggae a Belém. Em um momento de maior tranquilidade, Breno compartilhou valiosas perspectivas sobre o tributo, revelando detalhes sobre a magnitude do evento.

“O tributo dá de 10 a 15 mil pessoas. Com esse público, podemos arrecadar cerca de 100 a 200kg de alimentos, que são destinados a cada equipe envolvida, que tem seu próprio projeto social. O que a gente gosta, a maioria das pessoas que estão aqui, gosta do lovers, da recordação. Eu me reúno desde 2012, com a mesma galera, as vezes pra ouvir as mesmas músicas, porque é isso que a gente gosta. Recordar, beber, confraternizar com os amigos.

Ano passado, o tributo as 15hrs já está lotado, porque foi no insano marine club.

Agora (no momento, era 15hrs), não tem muita gente. Tem a questão do sol e da chuva também. No Ver o Rio não tem onde se proteger.” (Breno Roots, equipe Leões Vibration)

A chuva, que caiu às 15:30, não impediu a celebração, mas sim uniu os participantes na busca por abrigo. Estava dentro da tenda virtual, me protegendo da chuva. Apenas um homem, que estava em situação de rua, ficou de frente para o palco, dançando. Percebi durante o evento

¹⁰⁵ Torcidas organizadas com temática reggae do Remo e do Paysandu, respectivamente.

¹⁰⁶ É uma grande feira ao ar livre. Uma das maiores e mais antigas da América Latina.

a empolgação de muitos participantes que são atuantes da cena, como membros de equipes e Dj's, que a cada música, vibravam bastante. Estavam muito animados.

Ao longo das horas, as apresentações de Breno, Feijão e Lulu Zion, na área virtual, acumulavam mais pessoas. Durante a chuva, pude perceber um participante que estava sentado próximo a área de comando da tenda virtual que se exaltou levantando uma polêmica. A de não ter ouvido uma só música do Bob Marley, homenageado do dia. Após essa fala, o homem se retirou do local. Talvez aquilo que comentei a pouco sobre o tipo de atmosfera encontrada em cada tenda atenderia ao anseio deste homem, que poderia ter se deslocado a área dos shows, onde se ouviria Bob Marley, ou mesmo na tenda vinil, onde eu mesmo ouvi em vários momentos músicas de Bob Marley.

Na iminência do fim, com o relógio marcando 19hrs, o tributo atingiu seu auge, mas também seu limite. O Ver-o-Rio estava lotado. A maior parte das pessoas tinha entre 25 e 60 anos. O evento não apenas honrou o legado de Bob Marley, mas também solidificou Belém como um epicentro do reggae no Brasil, levando cinco mil pessoas ao complexo Ver-o-Rio. E enquanto as luzes do palco diminuía, a vibração do reggae continuava a ecoar nas mentes daqueles que testemunharam esse grande evento. Breno me informou que o tributo iria durar oficialmente até 19hrs, mas foi esticando até as 20hrs. Caravanas do Maranhão, como as Damas do Roots e na trilha do reggae, mais de 20 movimentos de Dj's e membros de equipes e um grande público amante de reggae puderam prestigiar a 26ª edição do tributo, marcado como o maior evento de tributo à Bob Marley do Brasil.

Apesar do imenso desafio, por ser apenas o meu terceiro campo, ainda sem saber exatamente o que queria pesquisar, pegar um evento desta magnitude me fez delimitar exatamente qual o trajeto que eu gostaria de seguir. O que move a cena reggae? O que motiva essas pessoas a repetirem essas práticas sociais? Por que a cena reggae não consegue captar a nova geração? Esses questionamentos permeiam não só a minha mente, como também a de certos integrantes da cena, que também se questionam.

3.2 Reggae no parque

Neste tópico, irei expor meus diários de campo, retratando, sob o olhar da etnografia, a cena reggae de Belém dentro de um dos espaços mais emblemáticos na memória do regueiro paraense, que é o Parque dos Igarapés, no qual grandes artistas da cultura reggae, jamaicanos ou não, se apresentaram no palco principal do Parque. Fui até lá no intuito de etnografar a cena

reggae no ambiente festivo, em duas ocasiões. Dois tipos de festa que eu sabia que a massa regueira iria comparecer. A primeira, no dia 01/07/23, foi a abertura do verão 2023, com a radiola estrela do som, do Maranhão e os principais Dj's da cena reggae de Belém atualmente. E o segundo, não menos importante, foi o show do cantor jamaicano Eric Donaldson, uma lenda viva no reggae paraense e maranhense, e a também cantora jamaicana J.C. Lodge, que se apresentou pela primeira vez no parque, no dia 17 de setembro de 2023.

Radiola Estrela do Som 01/07/23

Depois de ter participado do tributo ao Bob Marley, onde pude acompanhar a maior parte da cena reggae de Belém, com a presença de mais de 20 movimentos e equipes, partiria para a minha nova aventura antropológica, que se dava na festa de abertura do verão 2023 no parque, com uma radiola de grande porte. Empolguei-me, tanto quanto pesquisador como também um apreciador de reggae, por ouvir pela primeira vez a força de uma radiola, com graves potentes. Eu havia tido a experiência de ir a festas de aparelhagens de grande porte, entretanto, a radiola tem um diferencial da aparelhagem paraense, pelo foco no grave. Aparelhagens tem seu foco em médios e agudos.

Este evento foi muito divulgado pela cidade. Havia vários cartazes e outdoors informando sobre o evento espalhados na região central de Belém. Principalmente nas áreas próximas ao Parque. Fiquei sabendo do evento por esse tipo de divulgação, antes mesmo de abrir minhas redes sociais e ser noticiado por lá também. Além da radiola, havia duas comemorações no dia. O aniversário do Dj Alex Roots, junto com o aniversário do Parque dos Igarapés, que completa 36 anos.



Imagem 47 Cartaz abaixo do elevado da Rod. Augusto Montenegro.



Imagem 48 Semelhante as tradicionais faixas de aparelhagens pela cidade, encontrei esta, a única informando sobre o show, em uma das ruas de entrada para o Parque.

Combinei com um amigo para irmos juntos até ao show. O ingresso custava 20 reais e 48 reais com a camisa do evento. Resolvi comprar com a camisa, pois ela estava com um desenho muito bonito, retratando um casal no centro, dançando, a radiola estrela do som ao fundo e as bandeiras do Pará e Maranhão nas mangas, além de que gostaria de guardá-la como recordação. Fui ao Parque dos Igarapés no dia 27 buscar a camisa. Estavam tirando fotos das pessoas que compraram a camisa e postando nos *stories*¹⁰⁷ nas redes sociais. Perguntei aos organizadores do evento como estava a venda de ingressos e camisas. Quando fui buscar, só tinha o tamanho P. Eram as últimas. Isso significa que a estrela do som atraiu muita gente para o Parque.

Cheguei às 22hrs no Parque. Diferentemente do Bob Marley Day, na frente do Parque, havia um grande número de pessoas e vendedores ambulantes de lanches e cerveja. Havia também um carro com som automotivo, reproduzindo reggae, com pessoas ao redor bebendo. Fui caminhando até a área do show e no meio do caminho, já pude ouvir a voz de Alex Roots chamando os participantes para ir para as outras duas casas de shows de reggae da qual iria se apresentar posteriormente, chamadas Quilombo e Solamar. Essa é uma prática comum entre os Djs, pois em todos os eventos que eu fui, o Dj costuma divulgar suas próximas apresentações. Em torno de meia hora depois, a equipe de Dj's *The front line*, na ocasião, com Ras Margalho, seu filho, Don Bryan e o Dj Daniel Moraes. Margalho sempre está presente enquanto Dj nas

¹⁰⁷ Tipo de postagem em redes como Facebook e Instagram que dura 24 horas.

festas da estrela do som em Belém. Ele e Ferreirinha¹⁰⁸, em diversos documentários e trabalhos, são citados como uma das pessoas responsáveis por trazer o reggae para o Brasil, fazendo viagens nas décadas de 1970 e 1980 para outros países como a Jamaica, França e Inglaterra em busca de vinis de reggae.



Imagem 49 Ras Margalho e seu filho, Don Bryan.



Imagem 50 Paredão ao lado esquerdo



Imagem 51 Paredão do lado de fora

¹⁰⁸ Dono da radiola Estrela do Som.



Imagem 52 Paredão ao lado direito, próximo à cabine dos Dj's.

Fiquei observando as caixas de som da estrela do som. Foi o maior paredão sonoro que eu havia visto na vida. A radiola estava disposta no salão principal do Parque, onde ocorre a maior parte dos shows de grande porte, denominado Pássaros e Estrelas com três caixas de som de aproximadamente 3 metros e meio cada, contendo vários autofalantes de 18', produzindo um grave potente. Para que o som pudesse tocar, foi utilizado um gerador próprio de energia, que ficava dentro de um dos caminhões, abastecendo a estrela durante a apresentação. As caixas ficaram uma de frente para a outra na parte de dentro do salão, e a outra na parte de fora, todas elas com seus falantes em direção ao centro. Em um determinado momento da festa, me posicionei no centro do salão, recebendo as pancadas de som. Queria saber quanto tempo eu poderia aguentar ali no meio, sem me sentir mal, sendo uma pessoa que não é habituada com barulhos extremos de festas. Aos 40 minutos estando ali, minha cabeça começou a doer e comecei a sentir cada vez mais a música pulsar em cada órgão do meu corpo. Cheguei no limite e me desloquei para outro lugar, um pouco mais afastado do som, a fim de observar como as pessoas estavam posicionadas frente à festa.

A maior parte das pessoas vestiam roupas casuais, bem como na maior parte dos campos que fui. Diferente das últimas décadas, quando as pessoas que iam para os reggaes da cidade, faziam questão de ir com as cores do reggae, tornando a paleta principal de cores com verde, amarelo e vermelho. Havia venda de bebidas em 3 pontos da festa, e 3 ambulantes dentro,

vendendo bombons e cigarros. Logo no início, havia a lanchonete do Parque, oferecendo chapa mista e salgados. Era a única opção de alimentação no local. Mesmo assim, estava constantemente desafogado, pois a intenção maior do público era o consumo de bebidas alcoólicas nos quiosques.

Como de praxe, as bandeiras de movimentos, equipes, torcidas e Dj's estavam espalhadas, circulando o salão principal. Os integrantes das equipes chegam cedo no evento para montar suas bandeiras e deixar tudo pronto. As bandeiras dispostas na área central do evento também auxiliam os Dj's em suas performances, saudando as equipes presentes no lugar. Para identificar a presença de tal equipe no ambiente. Algumas bandeiras sempre estão presentes, de equipes fortes em Belém, como Lady's do Reggae, Anjos do Reggae, Laje Roots, Jah Love, Bobicolor, Remo Roots entre outros.

As bandeiras e vestimentas das equipes, presentes na maioria das festas evocam a categoria pedaço (MAGNANI, 1984). O que pode ser análogo, segundo Lima (2008) a noção de “setor”, termo utilizado também pela massa regueira para designar o espaço festivo como também um espaço familiar.

Pedaço, assim como “setor”, constitui uma ordem territorial sobre a qual se estende uma determinada rede de relações que, geralmente, combina laços de parentesco e de vizinhança.

A opção por participar apenas das festas que ocorrem em seus “setores”, justificar-se-ia pela maior segurança e praticidade tanto na ida à festa quanto na volta pra casa, inclusive, porque alguns “setores” podem ser bastante excludentes em relação a outros. (LIMA, p. 113, 2008)

Enquanto a Dupla Show¹⁰⁹ tocava as músicas de sucesso em Belém e no Maranhão, na década de 1990, entre uma música ou outra, traziam à tona suas memórias sobre outras casas de reggae, na década de 1990 e 2000. Assim como Alex Roots, que em alguns momentos pegava o microfone para compartilhar festas antigas. Ambos falaram do extinto Reggae dos 48¹¹⁰, muito comentado entre meus interlocutores, por se tratar de um espaço que se manteve ativo por mais de 20 anos. Esta casa foi a responsável por lançar muitos Dj's que hoje são referência no meio, como o próprio Alex. Em uma busca na internet por informações sobre a casa, encontrei um decreto do ano de 2015 na câmara municipal de Belém do então vereador Mauro Freitas sobre o Dia Municipal da Cultura reggae como parte do calendário festivo da cidade

¹⁰⁹ Equipe de dj's, formada por Serginho Moraes e Cury Pedra em meados de 2003, no bar Coisas de Negro, no distrito de Icoaraci. São dj's que tocam em vinil os subgêneros roots e lovers rock.

¹¹⁰ Famosa casa de shows de Reggae de Belém na década de 90, localizada na rua dos 48, no bairro da campina. A seguir, compartilho informações sobre a casa.

(apesar de que na prática, essa lei não funciona, pois não há auxílio municipal no que tange a realização dos tributos). No decreto, há informações sobre esta casa.

CASA CULTURAL REGGAE DOS 48 - Grande referência da movimento reggae em Belém e Ananindeua e começou a apoiar e fazer parte do corpo organizador no mesmo ano que o tributo foi assumido pela coletividade. Fundada a mais de 20 anos, localiza-se na Rua dos 48, bairro centro. Tem como responsável o Sr. Walter Cavalcante. No entanto, a princípio o espaço funcionava como bar tinha como ritmo regional o brega, com os passar dos anos e com a grande ascensão musical do reggae no Brasil, a casa passou a apoiar o movimento, funcionando aos domingos pela parte da tarde. Seu público eram adolescentes que frequentavam a Praça da República pela manhã e desciam para os reggaes de Belém. Este momento cultural ocorreu no início da década de 90 se perdurando até os dias atuais. Grandes Dj's da atualidade começaram sua carreira no Reggae dos 48. Atualmente a Casa Cultural Reggae dos 48 funciona diariamente, sendo que nas sextas-feiras são promovidas rodas de carimbó e reggae. O estabelecimento também cede espaço para eventos solidários de arrecadação de roupas e alimentos realizados pelos movimentos culturais da resistência reggae de Belém e Ananindeua. Nos seus 20 anos de existência o espaço já organizou vários eventos, principalmente em Belém, onde fica sua sede, como por exemplo, Campanha do Reggae Solidário e iniciativa de doação de alimentos não-perecíveis para diversas instituições sociais. Realizou palestras e seminários sobre os mais variados temas. em parceria com entidades que trabalham em questões culturais e educativas, como drogas, doenças sexualmente transmissíveis e orientação sexual. (Câmara Municipal de Belém, em 03 de fevereiro de 2015.)¹¹¹

Além do Reggae dos 48, outros espaços que não existem mais foram lembrados, como o Angustura Bar¹¹², Rhignos Club, PQC e Espaço do Reggae. Esses espaços, em sua maioria dispostos em bairros centrais da cidade são lembrados esporadicamente pela comunidade regueira de Belém, pois foram espaços em atividade na década de 1990, anos de ouro do reggae em Belém na visão de grande parte de pessoas das quais tive contato durante a pesquisa.

Voltando à festa, às 00hrs, foi cantado os parabéns para o Dj Alex e para o Parque. Havia 2 bolos, um para cada aniversariante, próximo a cabine de som. O espaço em torno da cabine era frequentado por pessoas próximas do Dj e do Roberto Pinheiro. Os organizadores do evento também estavam nesta posição de destaque, como os Dj's da radiola Estrela do Som e seu dono, Ferreirinha, e os funcionários da Black Star, com Atini Pinheiro, sobrinho de

¹¹¹ Disponível em: <https://cmb.pa.gov.br/wp-content/uploads/2022/06/Proc.-no-021-2015.pdf>. Acesso em 15 de Janeiro de 2024.

¹¹² Bar dos anos 90, localizado na travessa Angustura, próximo a Lomas Valentina.

Roberto. Este se posiciona a frente na organização de eventos do Parque e do Palafita¹¹³, que construiu uma recente parceria com o Parque.

A atração da estrela, o Dj Rogério Lion, entrou para colocar sua sequência às 00:30. Nesse momento, o salão central estava lotado. Para quem queria um pouco de espaço para dançar, teve que se deslocar para os arredores do salão, que com o passar do tempo, também ia se enchendo de regueiros.



Imagem 53 Salão principal completamente lotado

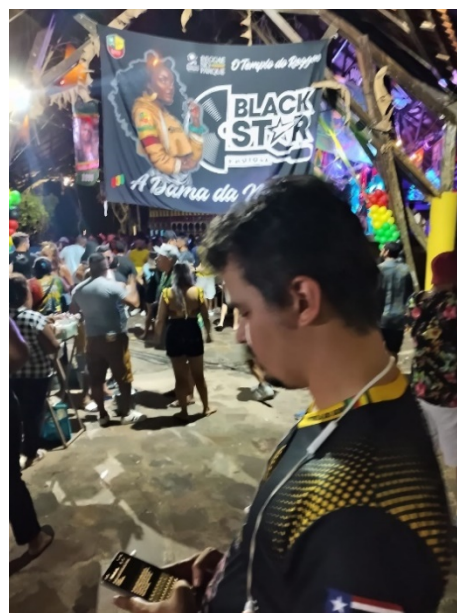


Imagem 54 O pesquisador atento ao campo

A partir daquele momento, os Djs maranhenses da estrela do som foram se apresentando e chamando para a segunda apresentação da estrela, que ocorreu no Bar da Ponte, no bairro do Coqueiro. A proposta da festa era para um reggae eletrônico, que faz sucesso no Maranhão, mas não caiu nas graças da massa regueira paraense, que prefere o reggae roots. Essa preferência se reflete nos nomes artísticos escolhidos por vários Dj's que têm a palavra *roots*, indicando a preferência do mesmo, como Cleide Roots, Breno Roots, Alex Roots, Jean Roots, Marcelo Roots, entre outros.

Os Dj's maranhenses colocaram músicas que despertavam a memória afetiva dos mais velhos da cena. Artistas que marcaram o início da música reggae no Brasil, como Trepidants e Os Karetas¹¹⁴. Após a apresentação dos Dj's maranhenses Gilson Roots, Rogerio Lion e Betinho Estrela, os Dj's paraenses voltaram no comando. Às 03 horas a equipe Freedom Roots

¹¹³ O Bar e Restaurante Palafita, localizado na Rua Siqueira Mendes, nº 264, no bairro da Cidade Velha, é também uma importante casa de shows da cidade, onde radiolas e artistas da cidade se apresentam.

¹¹⁴ Trepidants foi um grupo de Jovem Guarda, que fez sucesso na cena reggae brasileira com a música Shake It Up. Já Os Karetas é um grupo, formado nos anos 1970, em Recife e é uma das primeiras bandas de Reggae do Brasil.

entrou para discotecar os sons, na mesma pegada dos maranhenses, também em clima nostálgico às músicas. Colocaram Melô de Poliana (Think Twice – Dona Marie), que, como sempre, fez a massa regueira vibrar. Logo em seguida, tocaram Go Pato, de Pato Banton e o Melô da Chuva (Fabulous Five – Sweet P). Essas músicas me remeteram aos meus momentos de infância, comentado na introdução deste trabalho, enquanto gravava minhas fitas K7 com músicas reggae que conseguia captar nas ondas do rádio.

A Dj Rafusk, da equipe Tulipets¹¹⁵, entrou logo após a Freedom. Notei que as pessoas começaram a deixar o Parque a partir das 3 horas. Alex informou que a festa duraria até às 4 horas. Entretanto, fiquei até às 6h, horário em que a festa havia terminado, de fato. A maioria das pessoas foram de carro para casa. Seja de uber ou carro particular. Algumas esperaram amanhecer para poder voltar para casa de ônibus.

Foi uma noite em que pude, pela primeira vez, ficar no evento até o fim. Era um enclave para mim, devido ao horário de termino das festas, na maioria das vezes, de manhã. Mas consegui encarar o desafio, que me ajudou a montar o mote das festas.

3.3 Porto Solamar

Dentre os diversos campos em que estive, o Porto Solamar foi um dos pontos escolhidos, por se tratar de uma das casas de shows mais antigas em atividade na cena reggae. Trago neste tópico os pontos mais relevantes sobre o “sola”¹¹⁶, através do olhar de um pesquisador, que é, de certo ponto, familiarizado com o espaço. Desta vez, um espaço “estranhado” (Velho, 1978).

Ainda cansado do dia anterior, visto que havia ficado na festa da estrela do som até o fim, já de manhã, cheguei às 17h30 no Solamar; decido pontuar a hora por aqui pois ela é importante quando se trata de festas, pois geralmente há certos horários que os indivíduos podem entrar sem pagar no local. Acredito que isso chegue até a dividir um pouco o público em nichos de acordo com seus objetivos específicos. Há aqueles que chegam cedo para contemplar o pôr do sol, por ser uma festa na beira do rio, não se importando em pagar o valor ou não e há aqueles que chegam cedo apenas para não pagar e poder consumir mais outras coisas no local. Inclusive já ouvi relatos de amigos próximos que costumeiramente chegavam cedo com esses objetivos.

¹¹⁵ Equipe da Cidade Nova, formada em 2015. Ano que a Dj Rafaella Santos, conhecida como Dj Rafusk, fez muito sucesso no Tulipas Bar, na cidade nova, às sextas e domingos. Surgiu então um grupo de meninas que acompanham a Dj desde então.

¹¹⁶ Solamar é chamado de Sola por pessoas do “pedaço”.

O Porto Solamar fica no início da Tv. Djalma Dutra, no bairro do Telégrafo, mas antes de você entrar no local em questão já se sente imerso na cultura reggae, pois logo próximo da entrada, havia bandeiras de equipes e o reggae tocando no bar do Roberto, pelo lado direito, como descrito no tópico 3.1 deste trabalho. O espaço tem uma aparência que muitos chamariam de ‘roots’ em seu conceito mais comum, pois o mesmo é feito de madeiras e de um ambiente rústico, rodeado de palafitas simples e com uma sensação de proximidade a natureza, pois sente-se a brisa do vento e do rio o tempo todo. E as pessoas que lá vão, normalmente estão com vestimentas confortáveis, shorts, tênis, camisetas, sandálias rasteiras e óculos escuros. Dificilmente vemos uma pessoa muito arrumada ou mulheres muito maquiadas lá.



Imagem 55 Bandeiras de movimentos localizadas no bar do Roberto, de frente ao Solamar.



Imagem 56 Salão central do Solamar

Como dito, cheguei cedo e logo vi essa redoma de pessoas mais próximo da beira do rio do que da caixa de som, apreciando o pôr do sol. Alguns portavam uma latinha de cerveja em suas mãos. Havia muitas pessoas tirando fotos, na maioria mulheres. Percebi ainda mais forte a dinâmica das fotos, pois na página do Porto Solamar era recompartilhado as fotos que os participantes tiravam do local. Esta é uma forma de divulgação das festas. A área próxima à beira geralmente fica mais lotada nessas primeiras horas do evento. Muitos buscam um registro do pôr do sol na Baía do Guajará.



Imagem 57 Fundos do porto solamar, na beira do rio.

O DJ ninja taxista¹¹⁷ estava tocando Hell, de Bernie Lyon. Essa música é uma das mais tocadas por este Dj, que trata seus vinis com muito zelo. Ainda no início da festa, encontrei uma amiga, que coincidentemente, estava acompanhada de sua amiga, que descobri que era uma DJ da cena. Nesse momento, minha amiga me apresentou a sua amiga, a Dj Cris Roots e conversamos sobre o reggae de uma maneira aberta e informal. Percebi o quanto era rico ir a campo, pois à medida que eu ia a esses espaços, o número de interlocutores iria aumentando. Além da fortificação da minha presença as pessoas que já me conheciam.

Em conversa com a Dj Chris, ela me disse que não toca mais. Estava em atividade nos anos de 2015 a 2018. Ela me contou que participava, junto da Dj France Almeida e da Dj Karina Withe, da equipe “a mulher no comando¹¹⁸”. Perguntei o motivo do afastamento. Ela me disse que a vida noturna como Dj não estava mais se encaixando em sua vida pessoal. O assédio por ser mulher em um espaço dominado por homens também foi um fator importante em sua decisão. Ela acredita também que a falta de organização nos eventos também contribuiu para uma queda na cena.

“O Pará deu uma grande contribuição, junto com o Maranhão. Teve uma época que o Reggae de Belém era uma referência, né? Todo mundo de fora queria vir pra Belém tocar. Vinha gente de Santa Catarina, Fortaleza... O Reggae em Belém passa por muitas fases. Tem ano que tá bom, né? É tudo

¹¹⁷ Evandro da Silva, mais conhecido como Dj Ninja Taxista, é um Dj que se apresenta em todos os domingos no Solamar. Há muitos anos ele se apresenta lá. Em uma conversa informal, o mesmo me disse que é taxista durante a semana e, aos domingos, toca no exclusivamente no Solamar.

¹¹⁸ Esta equipe foi a primeira de mulheres Dj's. A equipe também conta com a Dj Cleide Roots.

questão de organização mesmo. Sabe? Divulgação, fazer uma programação bacana. As poucas pessoas que se esforçam não conseguem. Pra gente que gosta, torce pra que isso não pare tão cedo. Que o cenário não se encerre. No começo, acharam que seria passageiro, e aí foi durando, durando, durando. E eu, particularmente quero que dure muitos anos, porque eu quero ficar velinha no reggae.” (fala de Chris Roots durante o campo no Porto Solamar, em 02/07/2023)

Músicas de artistas jamaicanos como, Suspicion, de Delroy Wilson, Sexy Sandy, de Jackie Edwards e Book of Rules, de The Hemptones são frequentes no Porto Solamar e quando tocam, as pessoas se aglomeram próximo a caixa de som para dançar. Em geral, pessoas mais novas parecem gostar mais desse estilo, pois essa é a faixa etária aparente de quem mais demonstra empolgação e euforia quando um ou outro DJ toca. Nesse momento percebo que no próprio Solamar há uma maioria de pessoas de faixa etária entre 20 e 35 anos, diferente da festa no parque com a Estrela do Som, no qual a faixa etária das pessoas era de 25 a 70 anos.

Esse é um questionamento que tive durante o trabalho de campo. Por que as pessoas que levantam esses movimentos do reggae em geral são mais velhas que a maioria dos participantes da festa? Obviamente, como citado no capítulo anterior, essas pessoas participaram do reggae desde a década de 1980 e continuaram a lutar por ele desde então. Contudo, por que não houve pessoas mais jovens agregando nesses movimentos? Isso tem relação com o movimento de queda da cena reggae? Como a Dj Chris falou, existe uma falta de organização na elaboração de festas e no marketing. De todos os campos que fui, o único em que pude perceber uma forte divulgação na cidade era nas festas do Parque dos Igarapés. Esses e outros pensamentos foram por mim considerados nesse momento em que via as pessoas mais jovens ali, dançando.



Imagem 58 Salão principal

Eu andava pelo espaço capturando imagens e via diversos elementos ao meu redor: algumas pessoas consumindo cerveja, em geral mulheres consumindo caipirinha e bebidas destiladas em geral, outras pessoas saindo do espaço reggae e indo para os outros espaços que tocam rock e outros gêneros musicais, como na imagem abaixo.



Imagem 59 Área dos shows, com apresentação de Markinho Duran.

Um fator que chamou minha atenção neste campo e em alguns outros são os indivíduos que fumam canabis. Notei o cheiro de erva vindo de algum lugar. E quando eu sentia esses cheiros diferentes, eu ficava atento ao comportamento dos indivíduos que se davam das mais diversas formas: uns acendiam o cigarro de maconha e se disfarçavam entre a multidão. Esses preferiam ficar nos lugares mais cheios, possivelmente para se camuflar em meio ao público. Outros já fumavam o cigarro de forma mais escondida, fingindo ser um cigarro de tabaco, normalmente se utilizando deste para disfarçar o cheiro.

Nesse ponto, é importante falar que eu também registrei memórias com meus interlocutores que participavam do porto Solamar desde os anos 2000 e disseram que no passado era mais fácil fumar ganja no Solamar, de forma mais liberal, mas que por algum motivo desconhecido para eles, a segurança ficou maior e agora era bem mais difícil conseguir.

Ainda assim, mesmo com os seguranças bem atentos, os grupos conseguiram fazer uso disfarçando-se de diferentes formas como foi relatado. Apenas alguns seguranças pareciam desconfiar e iam em direção a esses grupos, porém, os indivíduos conseguiam rapidamente percebê-los chegando e já apagavam seus cigarros. Outros não tinham a mesma “sorte”, sendo

interceptados pelos seguranças, que confiscaram seus cigarros de ganja e os expulsavam da festa, em algumas ocasiões. Apesar de todo esse jogo comportamental com relação ao uso de cannabis, vi que a maioria dos participantes se preocupava mais em dançar, beber álcool e água e os grupos que tentavam fumar erva eram minoritários, o que contrasta com o estereótipo do regueiro pelo senso comum.

Às 18h40, o sol já havia se posto e as entradas grátis de alguns DJs também já estavam para acabar. A entrada grátis para universitários e mulheres do próprio estabelecimento era até 17 horas, mas, se você tivesse em alguma lista de divulgadores poderia entrar de graça até as 18h e em algumas listas mais “vips” você poderia entrar de graça até as 20h. Esse esquema de entradas já é tradicional no Porto Solamar.

Nessa hora, Alex Roots entra para tocar e toca várias de seu repertório. Apesar daquele campo ser apenas uma festa comum que ocorre todos os domingos no Solamar, teve algo de especial, pois o Alex roots chamou um DJ do Maranhão, do qual eu não consegui identificar o nome e esse DJ tocou músicas mais consagradas em sua região do que em Belém. Me refiro ao reggae eletrônico, que faz muito sucesso no Maranhão, em que toda a parte instrumental é feita no computador.

Este DJ também anunciou os próximos DJs chamado Rafusk e Vanderson Evilácio. Ele se diferenciava pois tocava várias pedras roots jamaicanas e também reggae lovers e o ponto auge da festa foi que começou a chover e uma parte do salão começou a molhar, porém ainda assim os casais dançavam na festa, como se nada pudesse atrapalhar a noite dos mesmos.



Imagem 60 Momento em que a chuva “arriou” no solamar.

Entre uma música e outra, é comum os Dj's mandarem abraços para alguns participantes e membros de equipes. Nesse momento eu consegui capturar a informação que a Conexão Rasta, do distrito de Icoaraci, que eu ainda não conhecia, era uma das equipes de Dj's mais antigas de Belém. Formada pelos irmãos Djs Jody Reggae, Iaio Roots e Dico Tijolada, a Conexão Rasta está em atividade desde 1994.

Quando a Dj Rafusk e o Dj Mister Pio entraram para colocar as sequências, no modo “uma de cada” já era por volta de 20h40. Dj Rafusk lembrou dos falecidos recentes Gigolô e Jean Pit Bull como forma de homenagem, pois eram pessoas importantes da cena reggae. Quando Mister Bill e Rafusk estavam tocando, reconheci algumas músicas e percebi que eram as mesmas que foram tocadas ontem, na Estrela do Som. Logo mais, avistei Dj Lucky Strike e seu parceiro DhuDhu Roots que estavam na festa, mas não iriam se apresentar. Esses Dj's estavam prestes a montar a equipe chamada Memory Lion. Uma nova equipe que estava sendo construída esse ano, a partir de festas no Valhala Tavern¹¹⁹ e no Solamar.

Outro fenômeno interessante nas festas de reggae é que a apresentação dos Dj's, algumas vezes pode se repetir no decorrer da festa, como foi o caso do Dj ninja taxista que voltou a tocar sua sequência as 22hrs. Nesse momento, ele mudou a proposta. Colocou o reggae versão, também chamado de reggae recordação, como chamam os participantes da cena. Estas são versões em reggae de músicas que fizeram sucesso de outros gêneros. A exemplo de Lady, canção de Lionel Richie, que anos depois foi interpretada por Wade Wayne, fazendo muito sucesso em Belém e São Luís.

Lá no Porto Solamar, como dito anteriormente, há um espaço destinado aos Dj's, com uma mesa para colocar os aparelhos de vinil e as pessoas que ficam mais próximas desse espaço tem sua peculiaridade, pois geralmente são as pessoas mais velhas e mais reconhecidas de movimentos. Notei que se eu quisesse maior contato com as pessoas mais antigas do movimento, deveria me aproximar da cabine, mas ao mesmo tempo temi, pois senti que ali era um espaço simbolicamente reservado para essas pessoas, quase como um contrato social implícito, e como eu não fazia parte desse grupo de pessoas antigas da cena, não senti que deveria ir até ali.

Próximo das 22h, o Dj Evilácio da equipe de Dj's Dread System chega com seu box. Todos os Dj's que se apresentam na casa guardam seus equipamentos, que são seus vinis, com muito cuidado. A chuva começou outrora e não terminou mais, mas as pessoas agiam como se

¹¹⁹ Pub de classe média alta, localizado no bairro de Nazaré, na região central de Belém, em que se apresentam as quintas feiras Dj's de reggae.

nem estivesse chovendo. Apesar do aparente frio da chuva, a festa na verdade estava calorosa e muito agitada.

Dj Ninja toca a sua última para Dread System (Evilácio e Vanderson) entrarem. Evilácio já se apresenta na cabine as 22:20. E começa a sua sequência. Dj Vanderson também está na cabine, no esquema uma pra cada, ou seja, nesse momento não há monopólio de apenas um Dj tocando para depois o outro entrar, mas sim cada Dj toca uma igualmente.

Passeio pelo salão e fui agora prestar mais atenção a dança que nos Dj's. Havia um senhor que estava boa parte do tempo em pé, próximo a caixa de som, e começou a dançar com algumas mulheres. Minha amiga também dançou com ele e voltou empolgada, pois disse que ele ensinou um passo de contratempo no reggae. Claramente o senhor tinha domínio da dança e por isso as mulheres gostavam de dançar com ele. Em festas de reggae, quando há pessoas que claramente dançam muito bem, sejam homens ou mulheres, em geral recebem muitos convites para dança. Normalmente essas pessoas viram o centro de atenção e outras abrem a roda para que possam dançar com mais espaço.

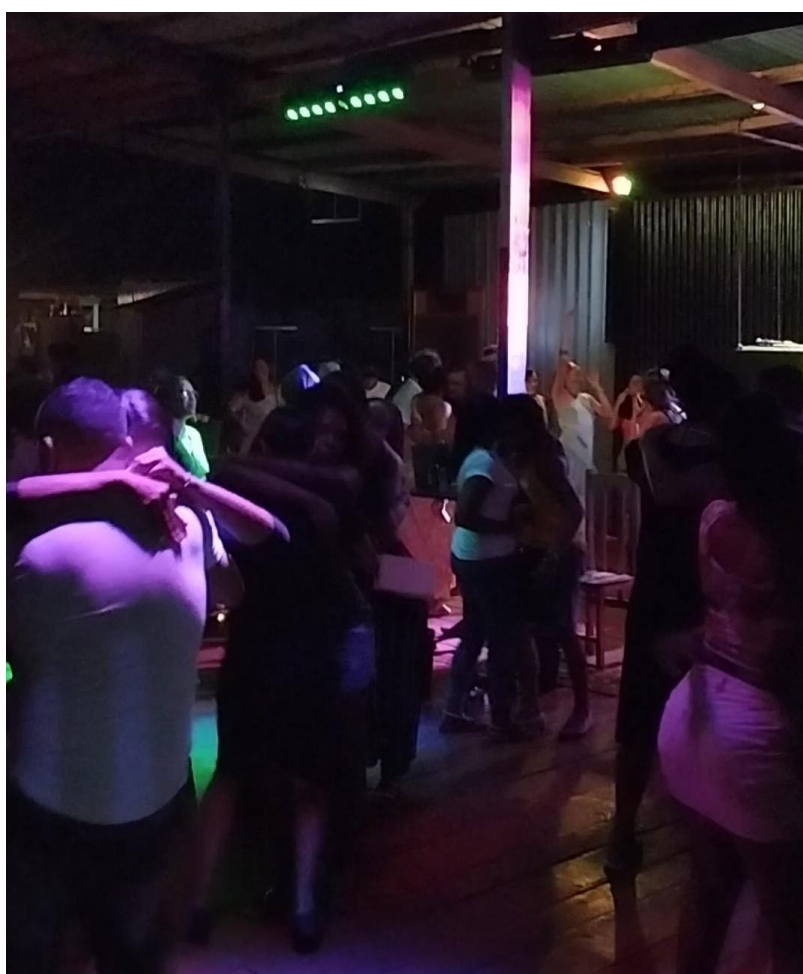


Imagem 61 Casais dançando no salão central

Alex roots entra como último Dj da festa. Notei que a maioria das pessoas saíram entre 21:00 e 23:00. Outras pessoas chegam na festa ainda, para a apresentação do Dj Alex Roots. Markinho Duran é uma das principais atrações do espaço rock do Porto Solamar. Ele é um importante artista que traz muitas pessoas para o estabelecimento. Contudo, como meu trabalho é voltado para a cena reggae não detalharei sobre a parte do rock e outros gêneros que lá se apresentam.

No domingo seguinte, dia 16/07, retornei ao Porto Solamar dessa vez um pouco mais tarde, chegando às 20h. Notei que o bar do Roberto estava fechado. Esta festa seria a última do mês de Julho, pois nas duas últimas semanas do mês a casa costuma ser fechada, devido a saída de muitas pessoas da cidade para as praias próximas de Belém, como Cotijuba, Algodual, Mosqueiro e Outeiro, onde a cena reggae de Belém também marca presença. Os Dj's no mês de julho se apresentam nas praias, durante o período de férias. Entrei e o Dj Ninja Taxista estava mandando seus sons. Encontrei um amigo que estava no Solamar desde cedo. Ele disse que a partir das 20hrs começou a chegar gente devido à chuva forte no fim da tarde. Esse também era um fator comum para que a festa começasse a encher a partir desse horário, pois as chuvas em Belém no fim da tarde são um fato característico da cidade. Às 20:20, a equipe “seguidores de Jah” entrou. Composta pelos Dj's Luan Souza e Tarso Gaspar. Sigo o Dj Tarso nas redes sociais, que costuma compartilhar algumas músicas de seu acervo roots e lovers, como *As so the system works*, de Ruddy Simbal e *Does she have a friend for me*, de Pette Campbell, que são artistas Jamaicanos.

No espaço dos shows no Porto Solamar, as 20:40 a banda de pop rock Red Velvet entrou, atraindo uma parte do público para este local. Apesar de lá existirem esses outros espaços, meu trabalho é focado na cena reggae, mantenho o foco observando o espaço reggae e não os outros.



Imagem 62 Casais dançando no salão central

Às 22hrs, o salão estava com vários casais dançando. Esta característica nas festas de reggae são as que mais aprecio. Apesar de não saber dançar muito bem, adoro ver os casais ocupando a pista e sentindo a música reggae. Este ponto é interessante, pois a dança “agarradinha” de Belém foi algo inovador na aparição do reggae na cidade. A cultura paraense da dança é tradicional, pela influência das músicas caribenhas.

O público do Solamar é misto. Percebo que a maioria das mulheres estão acompanhadas. Alguns grupos de meninas também é notado. Na área do pop rock, a presença maior é de homens. Em todos os momentos em que fui ao Solamar, percebi a festa reggae e o som de rock (OLIVEIRA, 2012), duas culturas diferentes que dividem um espaço em comum. Fiquei até meia noite, acompanhando o desenrolar da festa, que se mostrou semelhante à minha última ida a campo, no último domingo.

Passado esse momento de descanso por parte da organização da casa, o Solamar voltou as suas atividades no mês de agosto. Em setembro, retornei a casa para acompanhar mais um domingo de reggae e rock. Neste dia, estava determinado a ficar o máximo de tempo possível.

Cheguei no Sola às 18h30. Gosto de ir em horários diferentes para meus campos mais frequentes, pois isso pode fazer com que eu capture diferentes olhares com relação às pessoas que chegam em horários distintos. Antes de entrar, falei com o loiro, um homem que vende churrasco na frente do bar do Roberto. Nesse momento tentei olhar para o campo de outros ângulos, não apenas dos participantes ou Djs, mas daqueles que utilizam aquele local como fonte de renda informal.

Ele me relatou que já vende há 20 anos em frente ao solamar, desde a época do porto louco. Porto louco, como explicado no capítulo 1, era o nome antigo do Solamar, quando ele ainda estava sobre outro comando. Loiro também comentou que o Roberto, do bar, atualmente tem arrastado a massa regueira para o seu estabelecimento.

Perguntei a ele quais são os Djs que costumam tocar no bar e ele disse: “Marcelo, Fares, Jean, Dok Cdp, entre outros”. No momento, era o Fares roots tocando. Às 19:30, ainda no bar do Roberto, pude ver a troca de Dj’s, na qual Fares passava o comando para o Dj da equipe Anjos do reggae Marcelo Roots. Em suas falas, ele citou o programa de rádio Reggae Vibration, que inclusive eu tenho acompanhado algumas vezes enquanto faço meu trabalho.

Às 19:50, decidi entrar no Solamar. Consegui ter acesso à lista de divulgadores, que me disponibilizou entrada grátis até às 20 horas. A banda Jaffa Reggae tocava uma versão de Djavan de “Dia frio”. A banda, formada em Castanhal-PA, de 2004, possui grandes sucessos que embalam a cena reggae de Belém, com participação mais forte nos shows na década de 2000. No vinil, tocava Dread System. Vanderson e Evilácio, uma de cada. A Dread System

tocou bastante tempo, de 16h até 20h. Logo após, o Dj Ninja Taxista entrou às 20:00. Entre uma música e outras, rolam anúncios que Djs Cleide e Tarso ainda vão se apresentar.

Logo mais, às 20:30, o Dj Tarso estava se apresentando. Nesse momento, ao som das melhores do Dj Tarso, falo com a Cleide Roots e a chamo para uma entrevista rápida, e ela, como sempre muito simpática e carismática, aceita. A entrevista seguirá na íntegra em anexo e aqui destacarei alguns pontos importantes.

Rodrigo: Cleide, como foi o teu primeiro envolvimento com a cultura reggae?

Cleide: Em 1997, conheci o som e me apaixonei. Mas quando eu comecei a tocar reggae como Dj nas festas foi em 2004, num concurso que teve do Reggae Vibration, lá no BR Mania, feito pelo DR, né, que me levou ao mundo do reggae. Era do programa Reggae Vibration, do Roberto Pinheiro. Aí eu tirei o primeiro lugar. Dia 4 de fevereiro de 2004.

Rodrigo: Essa foi tua primeira apresentação, foi num concurso de reggae então?

Cleide: A partir daí eu não parei mais. Toquei 5 anos na radiola guerreira do som, uma radiola. Fiz várias participações de radiolas aqui em Belém, toquei um tempo no Solar do Reggae, no Br mania, como te falei. Toquei no Parque dos Igarapés, no Açaí Biruta, no Palafita, no Mormaço, na Maloca das Amazonas e agora tenho tocado no Solamar.

Aproveitei o ensejo e questionei a mesma também sobre o feminino no reggae, pois já era um questionamento meu sobre isso. E a sua fala me levou a outras falas de outras DJs, como a DJ Cris e a compreender melhor a dinâmica da presença das mulheres. Como é um ponto de importância, pontuei isso melhor no capítulo 2, em que falo da equipe mulheres no comando.

Logo após, a DJ Cleide se prepara para a apresentação. Várias pessoas se aglomeraram no salão nesse momento. Durante a entrevista, Cleide fala com alguns amigos. Uma moça perguntou a ela que horas ela iria se apresentar, pois só foi até o Solamar para ouvir sua sequência. Nesse momento, percebi a forte influência desta Dj na cena. Os músicos do Markinho Duran preparam o palco para a apresentação.



Imagem 63 Dj Cleide Roots se apresentando, dançando e cantando

A casa está cheia. Há muitas pessoas no salão do vinil e no palco. Regueiros e roqueiros frequentando o mesmo ambiente. Às 21:40, Cleide iniciou sua apresentação. É preciso ressaltar que ela é sempre carismática com as pessoas. Conhece as letras dos reggaes que coloca. Lembra o DJ Lobo, da radiola Estrela do Som, cantando as músicas junto, fazendo com que os regueiros sempre se empolguem muito quando começa a sequência dela. Não à toa ela é considerada uma das Djs mais consagradas da cena atual. No palco, vejo que ela cumprimenta as pessoas no salão, pessoas conhecidas que certamente fazem parte da cena.

Nesse momento, constatei que o Porto Solamar ainda é um lugar que a massa regueira costuma frequentar, pois apesar de misturar outros gêneros nos outros salões, ele é um ponto de referência para a cena reggae belenense.

Às 22:30, Conexão Rasta de Icoaraci entrou para tocar. Eles deram alô pra Freedom (Icrys e Dan), para Carol (Ladys do Reggae) e pro Naldo (Espaço do Reggae) também. A hora passou muito rápido e quando me dou conta já era meia noite. A Equipe Conexão Rasta ainda no comando. E eu não tenho hora para sair. Se bem que a funcionária do Sola me alertou sobre o bar encerrar às 01:15. As pessoas estavam presentes no salão, tomadas pela dança. Só as pedras.

Dj Ninja foi o último a se apresentar na casa. Sentado próximo à beira do Sola, conheci o DJ Ênio Saudade, do que se apresentava pela aparelhagem Brasilândia¹²⁰. Ele é amigo do Alex e do DJ Ninja. Ficou no comando.

Saio do Solamar as 01:10 e o bar do Roberto estava funcionando ainda, lotado. Já pintava um clima de final de festa. Imaginei que realmente seria 1:30 o término da festa. A continuação seria no bar do Roberto.



Imagem 64 Bar do Roberto lotado

3.4 Cena reggae de Belém nos arredores da cidade

Neste tópico, trago outros eventos de reggae em que pude participar. Além das tradicionais casas em atividade como Porto Solamar e Parque dos Igarapés, frequentei algumas outras casas de shows, alugadas na maioria das vezes por algum produtor de evento, ou até mesmo algum movimento ou equipe. Trago meus diários de campo de festas bastante divulgadas na comunidade reggae de Belém. A primeira foi longe do

¹²⁰ Aparelhagem de Belém que costuma tocar músicas brega antigas.

centro de Belém, realizada no distrito de Outeiro, há 30km do centro. Foi no dia 30 de Julho de 2023, seguindo meu cronograma de eventos

Reggae em Outeiro

No grupo de fórum do reggae em belem do qual eu participo, me mandaram o flyer da festa com uma proposta que achei interessante. Uma festa de reggae na beira da praia de Outeiro, um dos pontos turísticos mais comuns de Belém, com uma radiola e um Dj Maranhense. Logo ao ver o flyer questionei se já houveram outros reggaes nas ilhas de Belém, se esses eventos possuem relativa frequência. Em contato com meus interlocutores e com as redes sociais constatei que ocorre reggaes sim em outras ilhas, em especial na ilha de cotijuba e algodual, em que outrora já foram pontos mais fortes dessa cena. Ainda assim, ocorriam alguns eventos, mas infelizmente pude apenas participar desse de Outeiro.

No dia de ir ao campo, esse foi mais trabalhoso pois não podia pegar minha bicicleta e ir nele, então fiz um esquema com um casal de amigos para irmos de uber.



Imagem 65 Frente do clube Casa da Mãe Joana, no distrito de Outeiro.

Chegando lá, o local do evento era quase na beira da praia. Ficava mais acima, como numa espécie de mini orla. A entrada era gratuita se a pessoa portasse a pulseira da estrela do som.

O evento contou com a presença do DJ Junior Pedra, que deu início as apresentações dos dj's. Havia um Dj convidado para a festa que era a atração principal. Era um Dj Maranhense chamado Scoob Doo (O Massacrador). Ele assumiu as pick-ups

as 15:30, apresentando uma seleção de sons do Maranhão, que pareciam ser esperados pelo público, predominantemente composto por homens e mulheres negras e pardas.



Imagem 66 Salão central da casa da Mãe Joana, durante a apresentação do Dj Scooby

Por volta das 19:20, a festa estava lotada, com as músicas roots e lovers sendo tocadas pelo DJ André Santos. Pessoas que estavam na Praia Grande também se juntaram ao evento de reggae. Foi informado que a festa iria até as 21:00, mas posteriormente o bilheteiro revelou que estenderia até as 23:30. O consumo de cerveja, especialmente da marca Império, foi alto, apesar do aumento nos preços.

Entre os presentes, destacavam-se figuras como Milton, Dan, Icris Bel e Cleide Roots, esta última representando o poder feminino na cena do reggae. Durante a festa, surgiu a ideia de transformar Outeiro em um polo de reggae, com o apoio de diversos investidores locais.

Além disso, Paula, uma pessoa que trabalhava no local, compartilhou informações cruciais, como a previsão inicial de término da festa, bem como os planos de investimento no reggae, destacando o interesse de diversos donos de estabelecimentos locais em transformar a ilha de Outeiro em um centro cultural de reggae. Suas informações contribuíram para a compreensão do contexto e das expectativas em torno do evento.

No ápice da festa, havia 105 pagantes às 20:00. DJ Cleide assumiu o comando, mostrando sua habilidade como Dj de reggae, sempre interagindo com o público. A energia do evento sugere um potencial promissor para futuros eventos de reggae em Outeiro, consolidando-o como um destino reconhecido na cena reggae da região.

Reggae do Palafita

Nos entremeios de meu fazer como etnógrafo, vários campos aconteceram e um relato sempre se repetia entre meus interlocutores participantes da cena reggae a partir dos anos 2000 (dito em memórias). Nessa época, diferentemente dos anos 90, o reggae se fez mais forte em espaços à beira rio. Esses lugares se assimilaram ao porto solamar, em sua estrutura rústica e simples. Entre os muitos lugares relatados daquela cena, eram os seus principais: Tábuas de Maré, Los Piratas, Mormaço e Palafita. Todos eram situados na Cidade Velha. Dentre esses, alguns funcionam com outra pegada hoje em dia, a exemplo do Tábuas de Maré que já passou por várias interfaces e hoje funciona como um bar de rock. O Los Piratas seguiu o mesmo ritmo, funcionando hoje para eventos de bandas de vários gêneros, dentre outras coisas. Já o Mormaço manteve um pouco do seu formato original, porém diminuiu bastante seu foco no reggae, focando mais em outros estilos, apenas com algumas apresentações da banda Reggaetown¹²¹. O Palafita já funcionava na época como restaurante e também para festas de samba e pagode em outros dias, mas foi dito que havia um dia específico para o reggae e sempre quando ocorria, era muito lotado, ainda que o consumo de lá fosse mais caro que dos outros espaços. Logo, naquele tempo, a palafita era um espaço conhecido pela massa reggueira. Hoje em dia, o local foca apenas em restaurante e outros gêneros, nunca mais ouviu-se falar de uma festa de reggae naquele local há anos.

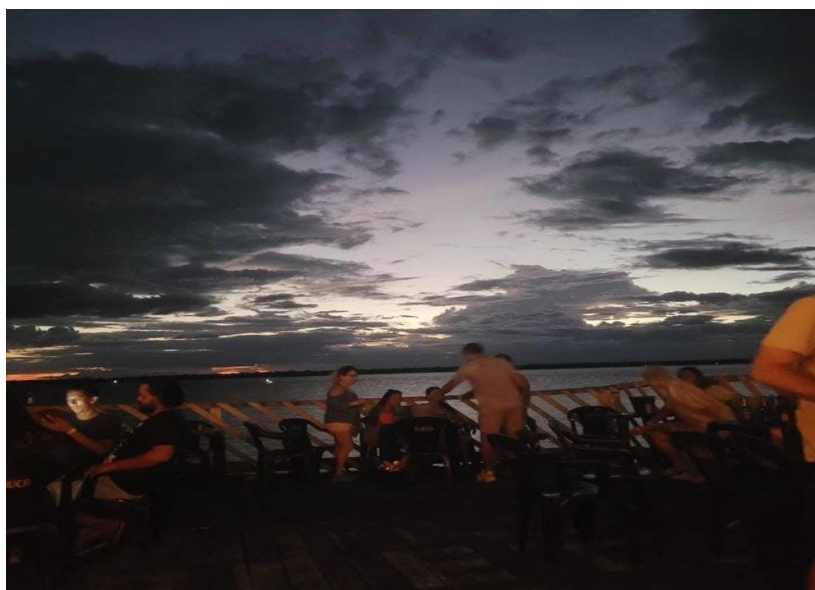


Imagem 67 Pier do Palafita, no por do sol

¹²¹ Banda de reggae paraense, que se destacou no cenário reggae nacional apresentando versões em reggae de músicas de outros gêneros, como MPB e o Rock.

Dito isso, quando contatei com o flyer do evento em que a radiola Black Star iria inaugurar o novo reggae do Palafita, no mesmo momento rememorei os relatos de meus interlocutores sobre os reggaes que aconteciam lá, também com a ideia que estava no flyer desse evento atual: reggae, pôr do sol e cerveja. Essa combinação que propõe uma festa mais aberta e em contato com a natureza foi característica dessas festas dos anos 2000, em contraste com as festas de reggae da década de 90 que ocorriam em salões fechados.

Para aproveitar toda essa pegada de sunset da proposta, cheguei cedo, em torno de 16h30. Ainda havia apenas algumas pessoas por lá, mesmo que a entrada fosse grátis somente até 16h. A radiola Blackstar estava sendo testada e a brisa a beira rio estava muito agradável. O sol já estava mais ameno e eu podia ver o forte do castelo logo ao lado. Nesse momento refleti que essas festas estarem situando-se nesses espaços mais turísticos de Belém podiam trazer mais força para a cena.

A partir das 17h a radiola Blackstar começa a anunciar seu início, ressoando seu som bem alto e grave: "A mais voraz, blackstar, simplesmente diferente das iguais...A rainha chegou para dar o show... em 5, 4, 3,2,1". E um reggae começa.

Ao começar as músicas, o espaço vai lentamente começando a encher e dois casais chegam próximo da caixa para dançar. A maioria das pessoas ainda prefere estar mais próximo à beira do que próximo ao som, provavelmente para aproveitar os últimos raios do pôr do sol e o frescor do vento dali.

Mas a partir das 19h, a parte do salão próximo a caixa é mais longe da beira começa a ter mais gente e quanto mais o tempo vai passando, mais as pessoas vão se retirando da beira e indo para o meio da festa.

Alguns amigos apareceram e logo relataram rapidamente que era assim mesmo os reggaes que eles iam antigamente e por isso estavam muito animados de estar ali. Nesse campo, acredito que prestei mais atenção ao ambiente e a tudo que o cercava ao invés de focar nos DJs e na troca de músicas. Afinal, a cena de qualquer nicho musical não se faz só com a música, mas com todos os elementos que englobam.

A vestimenta das pessoas era mais casual confortável e fazendo uma pesquisa na rede social Instagram vi que lá também toca pagode em outros dias e as pessoas que vão ao pagode se vestem de forma muito diferente das pessoas que vão ao reggae, mesmo que o espaço seja o mesmo, de palafita mais simples. Quando há festas de pagode, as mulheres estão com salto alto e mais maquiadas. Nas de reggae não, você raramente vê uma moça de salto alto por exemplo. E os homens nas festas de reggae possuem mais tatuagens também.

3.5 Considerações Finais

Neste trabalho, enquanto pesquisador, decidi percorrer passado, presente e futuro da cena reggae em Belém, tendo minha pergunta principal: **“Como se desenvolve a cena reggae em Belém do Pará, considerando sua associação com a formação de um mercado de shows e outros eventos festivos relacionados à atuação de artistas, produtores de bandas, profissionais de imprensa e proprietários de bares e casas de festa?”**

Para responder a essa pergunta problema, iniciei com as raízes do reggae, seu histórico no mundo e seu envolvimento com o movimento rastafári, que foi a filosofia principal por detrás de suas canções. Logo após, discuti como o reggae chegou no Brasil, suas diversas influências e suas ramificações em várias regiões. Nesse caminho, cheguei em Belém do Pará, local de foco da minha pesquisa, e realizei uma pesquisa das memórias de meus interlocutores que deram início a este movimento, e continuei resgatando essas memórias também com outros participantes.

Vindo para o presente, busquei a cena como ela é, o seu estado atual, com relação aos atores essenciais através de um fazer etnográfico (Magnani, 2009). E para melhor compreensão do leitor, fiz um apanhado geral dos elementos que elenquei como principais da cena, que foram as personalidades pioneiras do reggae; a rádio e suas influências; as equipes e bandas; os Djs e a dança.

Após esse caminho, fui à campo para observar como esses atores se entrelaçam e como a cena se desenvolve por ela mesmo. Para isso, utilizei diários de campos dos locais principais de reggae em Belém, como o Tributo ao Bob Marley, o Parque dos Igarapés, Porto Solamar e arredores. Lá, pude tecer minha rede social e criar uma ligação com a cena e com aqueles que participavam e ajudavam a construí-la. Ao longo das minhas idas, comecei a ser conhecido, de modo em que hoje posso voltar a esses lugares ou ir para outros em que tocam reggae, sem necessariamente estar fazendo a pesquisa de campo e ainda sim ser reconhecido e cumprimentado por diversas pessoas, desde Djs à integrantes de equipes.

E por esse envolvimento do etnógrafo com seu objeto de pesquisa, dedico essas considerações finais para discutir o possível futuro da cena, pois interesse-me em saber se o reggae em Belém poderá emergir com mais força novamente, como em outras épocas.

Para isso, utilizarei reuniões do FORUM do reggae, em que fiz uma observação participante, pois nada melhor para falar do futuro movimento reggae em Belém do que juntos daqueles que estão engajados para fazer acontecer. Neste grupo, estão os principais líderes de movimentos e equipes, junto aos Dj's. Todos aqueles que, de alguma forma, promovem a cultura reggae na cidade.

E então escolhi três reuniões em que participei, para explicitar esse debate, de acordo com o que ouvi dos próprios participantes das reuniões. E também faço um paralelo político-cultural para demonstrar que a cena reggae em Belém é muito mais que festas, radiolas, tributo e etc. Ela também é composta por reuniões de indivíduos engajados, que consideram aquilo que eles chamam de movimento reggae, um elemento tão importante para a cultura da cidade, que comporta suas raízes na resistência do povo negro, que lutam para que ela resista ao longo do tempo.

Para evidenciar esse debate, sabe-se que meu objetivo com esse trabalho é pesquisar a cena reggae em Belém como um todo. Contudo, é comum que o leitor pense que a cena de qualquer gênero musical se faça mais pelos lugares onde ela toca, nos próprios eventos em si. Entretanto, ao longo dessa pesquisa, vejo na prática que cena é um conceito muito mais amplo.

Por isso, quando visei pesquisar a cena, almejei também saber como ela ocorre em seus bastidores. Se a mesma tem cunho mais mercadológico ou mais cultural e etc. Pois é sabido que o reggae possui em sua essência uma filosofia de paz e resistência, que normalmente se opõe contra os valores daqueles que oprimem. O reggae nasceu do gueto, do povo negro, e seria impossível fazer essa pesquisa sem pontuar o que o próprio Reggae como cena ainda faz por esse mesmo povo, não apenas enquanto festa, como também um elemento dentro do movimento negro de forma mais ampla. Mas, quais são os anseios dos regueiros enquanto movimento? Sabemos que há equipes e que são organizados por práticas comuns, mas essas equipes fazem o que mais além de difundir a cultura através das festas ou ações sociais pontuais?

Essas e outras questões me levaram a elencar essas reuniões do fórum como relevante para minhas considerações finais, principalmente para poder analisar para onde a cena reggae belenense deseja chegar e também elucidar um pouco dessa face político-social do reggae, que infelizmente poucos conhecem. Digo isso, pois a maioria dos meus interlocutores não participantes de equipes, por exemplo, sequer sabiam que existia esse tipo de movimento fora da festa em si. Eu mesmo também não sabia. Logo, foi uma grata

surpresa perceber que existem muitas pessoas interessadas em levar a cultura reggae para além das festas e consolidar esse movimento como ele é consolidado em outros estados.

1ª Reunião do FÓRUM como pesquisador e participante



Imagem 68 Minha primeira participação na reunião do Fórum do Reggae, no dia 25 de Setembro na casa da Família Jackie Brown.

No dia 25 de setembro de 2023, fui ao que seria minha primeira reunião do fórum realizada na AMVB (Associação dos moradores da vila da Barca). Era um local desconhecido por mim, próximo ao Porto Solamar, localizado na rua Professor Nelson Ribeiro nº 6, no bairro do telegrafo. Cheguei no local e aguardei o início da reunião, com apenas algumas pessoas: o Dj Vitor Pedra, Vanessa, Edinho, Fábio e Carlinhos. Carlinhos iniciou falando sobre as pautas importantes que ficaram pendentes da última reunião, como o reggae na feira do açaí e a audiência pública para o estabelecimento do dia municipal do reggae. Por falta de quórum, a reunião teve que ser deslocada para outro dia, entretanto, alguns assuntos foram debatidos entre os presentes,

Carlinhos foi o mediador da reunião, sobre algumas pautas do movimento, como o programa de rádio na cultura, o dia do reggae, com chamada para uma audiência pública, o reggae na feira do açaí e outros assuntos pendentes. Destaco aqui algumas falas que considero ponto chave para a compreensão das pautas da reunião:

"A gente tá com um número muito reduzido de pessoas hoje, acho que alguns tiveram dificuldade de chegar, mas vamos tentar fazer uma reunião produtiva com pouca gente. Então, acho q

poderia pensar em um adiamento pra próxima reunião, acho q a gente marca pra daqui a mais uma semana. A pauta da audiência pública é urgente. Já tem apoio, já tem contato, o que falta é mobilizar o povo pra fazer uma audiência pública. Já tá tudo articulado."

Eu sugeri uma reunião online, mas Carlinhos me disse que já tentou fazer essa reunião, e não deu certo. Perguntei do que se tratava a audiência pública, e o Carlinhos me explicou.

"Nós temos uma lei, que é uma lei municipal que institui o dia municipal de reggae em Belém, foi feita pelo vereador Mauro Freitas. Só que essa lei não tem nada, ela não obriga o governo municipal a não fazer nada nesse dia. A lei tem dois artigos, que não nos levam a lugar nenhum. O que tá escrito é que esse dia tem que entrar no calendário cultural da cidade. Então se o governo vigente não fazer nada, perderemos esses direitos. Aí que se torna necessária uma audiência pública. Estamos querendo abrir a discussão com relação a lei, para que possamos ter essa inclusão no calendário cultural da cidade. O dia municipal do reggae em Belém passa despercebido, a não ser por conta do tributo, que nem é feito pelo governo, é feito pela APCREGGAE. Então, o que estamos tentando fazer? Pretendemos abrir a discussão sobre a lei para que a gente possa colocar algum evento neste dia, ou próximo do dia, disponibilizado pra gente no calendário cultural da cidade.

Para tal, precisamos nos mobilizar para uma audiência pública, mobilizando as pessoas que fazem parte do movimento do reggae para irem até a câmara, pra mostrar a força do movimento. Acredito que precisaríamos de umas 70 ou 80 pessoas pra essa audiência. Além disso, precisamos ter claro o que queremos. Pra isso, precisamos discutir a lei entre nós.

Outra pauta seria o retorno das atividades na feira do açaí. Que a gente ficou de rever, mas tá faltando uma pessoa importante aqui que é o Jean, que ficou responsável por isso. E a gente tem que ver a questão do programa. Mas a gente precisa apresentar uma proposta do programa pra FUNTELPA.

De fato, retomar esse programa na FUNTELPA é algo importante pra nós, num momento em que a gente sabe que se você fazer 2 festas de reggae no mesmo dia, uma vai dar vazia, ou as duas. Poque o nosso público tá encolhendo, o nosso público tá diminuindo. Ou Porque tá envelhecendo. A gente que fica ainda, resistindo. A gente já devia tá aposentando essa história. Mas o nosso povo tá envelhecendo, tá casando, né? Formando família, tá casando. Não pode mais ficar indo nas festas. Então, por conta de uma série de fatores, o Fábio eu acho que não, mas você, Victor, acompanhou que lá na década de 90, nós tínhamos mais de 15 espaços de reggae funcionando ao mesmo tempo. E todos com muita gente. Hoje a gente não consegue colocar dois ao mesmo tempo." (trecho da reunião, realizada no dia 25 de setembro)

Nesse momento percebi que havia pessoas preocupadas em fortalecer a cena a nível cultural, mas que infelizmente eram em números inexpressivos. E que realmente a minha hipótese inicial de que a cena estava em queda foi mais uma vez confirmada e entendi que era também devido a falta de força de trabalho. Buscando artigos sobre isso,

vejo que esse fenômeno não foi isolado em Belém, mas também ocorreu no estado de São Paulo, pois Luchesi (2015) teve essa mesma percepção na cena reggae de lá quando cita:

"Com o passar dos anos, outros estilos musicais foram ganhando força, como a música eletrônica e o sertanejo universitário, e o público do reggae foi envelhecendo, casando, construindo famílias e, pouco a pouco, as casas do gênero foram se extinguindo, pois não havia mais público suficiente para participar das atividades. O Circuito Reggae acabou, o Tributo a Bob Marley e o Forreggae Brasil também deixaram de existir e no final da década de 2000, quase não havia mais casas específicas de reggae nem na capital, e nem no interior de São Paulo." (LUCHESE, 2015)

A mesma também demonstra que em São Paulo também existiu um outro apogeu do reggae na época de 2000, quando:

"Em meados de 2000, o Circuito Reggae foi a mola propulsora do estilo musical. Tratava-se de uma revista que vinha com um cd e era vendida em bancas de todo o Brasil, trazendo músicas de bandas independentes. Muitos grupos se popularizaram a partir daí, como Planta e Raiz, Ponto de Equilíbrio, Leões de Israel, entre outras." (LUCHESE, 2015)

Em minhas pesquisas não achei nenhuma relação mais próxima entre o reggae de Belém e São Paulo, mas fiquei surpreso por saber que os picos e quedas ocorreram de forma semelhantes.

2ª Reunião do FÓRUM como pesquisador e participante



Imagem 69 Minha segunda participação na reunião do Fórum do Reggae, no dia 06 de Novembro na casa da Família Jackie Brown.

No dia 06 de novembro, ocorreu de fato a reunião do fórum, que fora marcada outrora e não havia ocorrido por falta de quórum. Foi realizada na casa da família Jackie Brown, na rua Barão do Triunfo, no bairro da pedreira. Nessa reunião, estavam presentes Carlinhos, Jean Roots, Dok Cdp e sua companheira, Apolinário, as irmãs Fia e Franci, da Família Jackie Brown, Edinho, e o Toninho, da APCREGGAE.

Dessa reunião destaco alguns tópicos centrais que auxiliam a compressão do movimento reggae enquanto movimento social e cultural. Carlinhos inicia sua fala questionando a todos:

"O que que a gente faz além do que a gente já fez? Já fizemos 3 reuniões e perdemos 4 editais que já fecharam. Mas não pode ser feito o projeto do fórum? Independente dos movimentos que não estão se mobilizando pra fazer isso. Há uma infinidade de coisas pra fazerem, qualquer pessoa pode fazer um projeto cultural. O fórum tem quantos segmentos? - tem 35, entre bandas, DJs e produtores musicais, regueiros e movimentos. Vamos supor um Triunfo de Jah¹²² que tá na ativa aí, por exemplo a bike som deles, eles podem escrever esse projeto lá, abrir lá, quero fazer uma bike som, fazer um projeto cultural e apresentar. É bacana o projeto deles, um reggae diferente nas praças, aquilo vai levar cultura, vai levar a mensagem dos projetos sociais do Sérgio."

Interessante essa fala demonstrando a necessidade da cena reggae estar em todo lugar e ser acessível a todos, até para aqueles que não podem pagar por ela, em casas de shows. Principalmente pelo próprio nascimento da cultura reggae, que foi nos guetos, nas periferias, junto das pessoas que não tinham poder econômico. A isso explica-se a história da marginalização do mesmo, pois enquanto nascido do povo oprimido, a burguesia se apropriou do conceito de cultura como se essas manifestações vindas desse povo não pudessem ser consideradas cultura. Nogueira, explica bem quando:

"Cultura não se resume as manifestações artísticas de um povo, classe, comunidade ou grupo, ou seja, a dimensão de cultura não se encerra naquilo que, na cultura ocidental, com a construção da Modernidade, predominantemente sob os mandos do pensamento burguês europeu, convencionou-se chamar de Arte."

(NOGUEIRA, 2010, p. 6)

¹²² Equipe de reggae, que tem Sérgio Botelho como Líder, realizando eventos de reggae nas manhãs de domingo na praça da república, centro de Belém.

Logo, quando um integrante do movimento se preocupa em estar levando a cultura sem precisar que paguem por ela, expressa essa necessidade de continuar colaborando com o gueto.

Outro tópico da reunião, é que foi relatado que era ruim só o fórum fazer os projetos pois todos as atividades e problemas seriam direcionados pra ele e o resto podia não ter compromisso em fazer também, demonstrando a falta de força de trabalho relatada anteriormente. E também eles frisaram bastante sobre a inexperiência dos integrantes de equipes para fazer projetos, outro fator que afeta bastante o movimento do reggae enquanto cultura ascender na cidade, como relata o Guinê: “Nunca escrevi o projeto numa lei, só escrevi projeto com amigos. A gente não tem experiência. Mas temos conhecimento de quem tá lá dentro”.

Franci comenta: Enquanto não aparecer um que passou pelo projeto pra dar incentivo pro povo, ninguém vai se mexer.

No decorrer da reunião, rolaram pensamentos de projetos, de como fazer projetos como em uma espécie de Brainstorm.

Carlinhos: Tenho duas propostas: um chamado de oficina pra ajudar o pessoal a saber como faz projeto. A segunda proposta tem a ver com vocês da família Jackie Brown, quero a gente chame hoje, marque agora, uma oficina simples, pra saber como fazer projetos(...) contratando alguém que possa fazer isso pra gente também. (...)Vocês têm essa possibilidade de fazer o projeto legal. Porque aqui vocês têm uma atividade cultural presente. Acho legal a possibilidade de fazer pelo fórum. Mas nós não somos o corpo, O corpo é todo mundo, agora a Família de Jackie Brown ponto de cultura, ações sociais, que já se tornou algo tradicional, não é na história recente

Outro tópico interessante da reunião, foi que o Edinho pediu o lugar de fala pra relatar um fato ocorrido recentemente:

"antes de ontem fez dez dias que a polícia de uma forma errada matou um jovem chamado Davi no distrito industrial. Eu enquanto Edinho estamos nos mobilizando, teve uma saída da casa dele em uma igreja, fez um evento, foi chamado umas emissoras. Eu, evitando, mas me envolvi. Foi a SBT e RBA. Agora vai ter um outro evento, já foi capinado um muro onde ele morreu, vai ser feito um jardim e grafitar o rosto do Davi. Eu queria a autorização de vocês pra que eu pudesse falar pelo fórum. Vai ter carro som agora sábado vai ter o evento com o grafite. Hoje teve a caminhada com o MP, os

soldados já foram afastados...só que a polícia tá andando de minuto a minuto na casa dos pais.”

Esta fala retrata a consciência política dos integrantes da equipe enquanto povo periférico e majoritariamente negro, pois esse se importar com as causas sociais é a própria filosofia do reggae sendo vivenciada na prática, principalmente no que toca ao preconceito e discriminação racial. Apesar desse rapaz que foi morto não ser ligado de forma direta ao movimento reggae, é interessante notar que aqueles que vivenciam o movimento não conseguem "deixar passar" algo que toca também a sua própria cultura, que tantas vezes já foi rechaçada e sofreu truculência policial. Como bem relata Silva (2007):

“Na verdade, a discriminação contra o negro não se dá por conta do reggae. Ao contrário, o reggae, a exemplo de várias outras manifestações que recebem o mesmo tratamento, é discriminado por sua identificação como “coisa de negro” e, neste sentido, é atingido também, pela desqualificação atribuída às atividades lúdicas construídas pelos grupos negros na cultura brasileira” (SILVA, 2007)

Tanta preocupação desse resgate é demonstrada quando os mesmos falam sobre a possibilidade de fazer mais um reggae na feira do açaí em comemoração à consciência negra. Para exaltar que o reggae não é apenas um gênero ou uma festa qualquer, mas sim uma manifestação cultural de um povo que historicamente foi oprimido e ainda é. E a ideia era que esse reggae existisse todo ano, nesse dia. E para isso eles pediriam novamente apoio da prefeitura e da deputada Livia Duarte para tal.

Estes dois momentos trouxeram à tona essas reflexões que citei anteriormente mostrando esta faceta cultural do movimento reggae em que poucos de nós estamos acostumados a ver. E pelo observado em campo, nem todas as pessoas que são de equipes ou são Djs da cena, por exemplo, buscam essa atuação mais política, essa reunião de pessoas para discutir sobre decisões importantes e até mesmo conseguir levar essas decisões para o governo. Destaco aqui os interlocutores Edinho, Carlinhos, Jean.... que são pessoas que por seus discursos destacam-se como atuantes políticos da cena e que também comportam repertório acerca do povo negro e de como o movimento reggae em si é também uma luta da negritude.

E para compreender ainda mais o que vai acontecer com essa cena, fui a mais uma reunião em que obtive muitas informações sobre o futuro do reggae em Belém. Destaco aqui alguns pontos retirados da ata.

Na última reunião do Fórum dos Movimentos Reggae, realizada com o intuito de discutir e planejar diversas questões relacionadas à promoção e preservação da cultura reggae, foram abordados três pontos principais: a retomada do programa de reggae na Rádio Cultura, a conquista da Casa da Cultura Reggae e a organização de um festival em Cotijuba para resgatar a cultura reggae na ilha.

Para definir as estratégias e planos para o ano, foi marcada uma data para o planejamento anual do fórum, agendado para o dia 02/03/2024. Organizadores voluntários, como Joseane (Jah Live), Vanessa (APCREGGAE) e Lady Carol (Ladys do Reggae), junto com orientadores como Jean Roots e Guinê, estarão à frente do processo.

Um dos projetos discutidos envolve a realização de workshops de orientação para a criação de projetos para editais de incentivo à cultura. A participação de todos é incentivada, e a data para o primeiro workshop foi marcada para o dia 24/02/2004, com 25 vagas disponíveis

Outro ponto destacado foi o projeto para a volta do reggae na programação da Rádio Cultura. Idealizado em fevereiro de 2023, o projeto está em andamento e conta com o apoio de diversos membros do fórum. A retomada de um programa de Reggae na rádio cultura é um marco extremamente importante para a cena reggae de Belém, visto que a cultura foi a primeira emissora de rádio a transmitir em sua grade, um programa de Reggae em Belém do Pará.

Além disso, foram feitos convites para participação em programas do CEDEMPA e da Rádio Marinor (Web), ampliando as oportunidades de divulgação e integração com outros movimentos culturais

Em resumo, essas e as outras reuniões evidenciaram o comprometimento e entusiasmo do Fórum dos Movimentos Reggae em promover e fortalecer a cultura reggae, tanto localmente quanto em outros âmbitos, por meio de projetos, parcerias e iniciativas que visam preservar e difundir os valores desse importante movimento cultural. E eu, enquanto pesquisador que se envolveu com a cena como um todo, notei que a maior parte do campo em que fui, só existe por causa dessas poucas pessoas que se destacam no sentido de engajamento cultural.

Em vista disso, concluo esta pesquisa no intuito de fomentar a cultura reggae na cidade de Belém do Pará, principalmente dentro das academias de ensino, pois há grandes lacunas acadêmicas a respeito desta cultura, que, mesmo que já tenha sido forte em Belém em outros momentos, ainda resiste e tem se fortalecido, pois no entremeio deste meu trabalho, iniciei como um pesquisador que acreditava que pesquisaria apenas algumas poucas casas que tocavam reggae, porém vi e vivenciei muito mais do que isso, desde a abertura de novas casas, quanto o fortalecimento das equipes enquanto movimento cultural.

REFERÊNCIAS

AGERKOP, Yukio. **Fronteiras e movimento cultural entre o Caribe e Salvador: o samba-reggae, o merengue e o reggae**. Revista Brasileira do Caribe, Brasília, Vol. IX, nº18. Jan-Jun 2009, p. 389-400

ALBUQUERQUE, Carlos. **O eterno verão do reggae**. 34 ed. São Paulo: Coleção Ouvido Musical, 1997.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos**. Éditions La Découverte, Paris, França, 1997,1998,2003.

BEYDOUN, Fauzi; JAH, Tribo de. **Babylon System**. Roots Reggae. Tribo de Jah, 1995. [On-line]. Youtube. 5min58s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xviITmFmxwU>. Acesso em: 23 mai. 2023.

BRASIL, Marcus Ramúsy de Almeida. **O Reggae no Maranhão: música, mídia, poder**. 2011. 216 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

CLIFFORD, James. **“Sobre a autoridade etnográfica”**. In: A experiência etnográfica – antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1998.

COSTA, Antônio M. D. **As estrelas do espetáculo: a performance dos considerados nas festas de aparelhagem de Belém do Pará**. In: MAGNANI, J. G. C. (ORG.). Lazer de perto e dentro: uma abordagem antropológica. São Paulo: Edições SESC, 2018.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987

FARIAS, T. R. P.; COSTA, J. H. **Da Jamaica ao Brasil**: por uma história social do Reggae. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Jan-Mar 2016. Visto em <https://www.eumed.net/rev/cccss/2016/01/reggae.html> . Acesso em: 5 out. 2023.

FERNANDES, Adriana. **As transformações do reggae jamaicano no Brasil**: o caso do xote nordestino. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, vol. VII, nº 14. P. 471-482, 2007.

FERREIRA, G. C. M. **A apropriação cultural entre o reggae jamaicano e o discurso de Edson Gomes**. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, vol. XI, nº 21. Jul-Dez 2010, p. 129-158.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC editora, 1989.

_____. **Estar lá**: a antropologia e o cenário da escrita. In: *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Candido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2011, vol.16, n.47, pp.333-361. ISSN 1413-2478. HALBWACHS,

Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

_____. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

INGOLD, Tim. **Chega de etnografia!** A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação (Porto Alegre)*, v. 39, n. 3, p. 404-411, set-dez. 2016.

JUNIOR, Jeder Janotti. Entrevista – **Will Straw e a importância da ideia de cenas musicais nos estudos de música e comunicação**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.15, n.2, maio/ago. 2012.

JUNIOR, Cláudio Luiz Pacheco. **Ecos De Marley: O Reggae e o movimento negro brasileiro na segunda metade do século XX**. Monografia. Orientador: Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso. Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas e da Educação (CCHE). Florianópolis, 2014.

LIMA, Andrey Faro de. **“É a Festa das Aparelhagens!” – Performances Culturais e Discursos Sociais**. Andrey Faro de Lima; orientadora: Maria Angelica Motta-Maués – 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – Antropologia. Belém, 2008.

LUCHESI, Maria Isabel Chagas de Almeida. **A Luta contra o preconceito: o reggae sob o olhar das bandas do estilo**. Trabalho de conclusão de curso – Universidade de São Paulo, Centro de Estudos Latino-Americanos sobre cultura e comunicação. São Paulo, 2015.

MAGNANI, J. G. C.. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole**. Tempo Social, v. 15, n. 1, p. 81–95, abr. 2003.

_____. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

_____. **Os circuitos dos jovens urbanos**. Tempo Social, v. 17, n. 2, p. 173–205, nov. 2005.

MATTOS, Carmem Lucia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, C. L. G.; CASTRO, Paula Almeida de, (org.). Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MÓNICO, Lisete S. et al. **A Observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa**. Paper apresentado no 6º Congresso Ibero-Americano em investigação qualitativa. Espanha: Atas, 2017.

NOGUEIRA, Silas. **Poder, cultura e hegemonia: elementos para uma discussão**. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/74385>>. Acesso em 13 jun. de 2014

OLIVEIRA, Enderson. **Festa de reggae, som de rock: as relações entre o rock e o circuito de reggae em Belém do Pará**. Artigo apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia. São Paulo, SP, 2012.

PENHA, Talita Lima. **Reggae, Identidade Cultural e Atratividade Turística de São Luís do Maranhão**. Monografia – (Especialização em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo. Reggae, Cultural Identity and Turistic Attractive from Sao Luis of the Maranhão. Brasília UnB/CET, 2003.

RABELO, Danilo. **Rastafari: identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981**. 2006. 119 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

_____. **Bob Marley: memórias, narrativas e paradoxos de um mito polissêmico**. Revista Brasileira do Caribe, São Luís, MA, Brasil, v. 18, n. 35, jul./dez. 2017

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**. RUA, Campinas, SP, v. 9, n. 1, p. 101–127, 2015. DOI: 10.20396/rua.v9i1.8640752. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640752>. Acesso em: 5 out. 2023.

ROSA, Maristane de Sousa. **REPENSAR A HISTÓRIA: Visual dreadlocks**. *Revista Brasileira do Caribe*, 21 Mar 2014. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/7736>. Acesso em: 28 mai 2024.

SANTOS, David José Silva. **Uma babilônia chamada Alagoas: cultura rastafári nas terras do sol e de zumbi**. David José Silva Santos, orientadora: Angela Lühning – 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Estudos Étnicos e Africanos, 2014.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Da terra das primaveras a ilha do amor: reggae, lazer e identidade em São Luís do Maranhão**. 1992. 136f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1576798>. Acesso em: 20 out. 2023.

_____. **Os sons do atlântico negro**. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, vol. VIII, nº 15, Pg. 21-39, 2007.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **Sociabilidade; um exemplo de sociologia pura ou formal**. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

SILVA, Iancarlo Almeida da. **Educação, musica reggae e direitos sociais no Brasil**. Iancarlo Almeida da Silva; orientadora: Olívia Moraes de Medeiros Neta – 2020. Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Pedagogia. Natal, 2020.

SOUSA, Thalisse Ramos de. **As ariris contam sua história: participação feminina no reggae de São Luís**. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2016.

STRAW, Will. **Some things a scene might be**: Postface. *Cultural studies*, v. 29, n. 3, p. 476-485, 2015.

_____. **Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music**. *Cultural Studies*, vol. 5, n. 3, p. 368-388, 1991.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. 8ª Edição. Brasiliense. São Paulo, 1998.

PRESTA, Gustavo Antoniuk. **Transgressão e Resistência nas estéticas do Rastafári**. *Revista Ciclos*, Florianópolis, V. 2, N. 4, Ano 2, 2015.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VELHO, Gilberto. **Antropologia urbana**: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *Mana*, 17 (1), pp. 161-185, 2011.

VILHENA, Ana Paula Mendes Pereira de. **“Eles são os considerados do setor”**: uma etnografia sobre sociabilidade e consumo entre jovens das equipes nas festas de aparelhagem em Belém do Pará. Ana Paula Mendes Pereira de Vilhena; Orientadora: Carmem Izabel Rodrigues. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2012.

ANEXOS

Entrevista com **Marcela Souza**, participante da cena, via Whatsapp no dia 08 de novembro de 2023.

Rodrigo: Desde quando tu frequentas os reggaes na cidade?

Marcela: Desde quando havia um espaço chamado Rhynos q ficava no subsolo do clube do Paysandu, seladamente, 26 anos.

Rodrigo: Qual a tua impressão de como era antes para o que é hoje?

Marcela: Penso que antes havia mais envolvimento social, as pessoas tinham, ou lutavam p uma causa, agora é mais curtição mesmo, eu percebo uma involução.

Rodrigo: Teve ou tem algum espaço que tu consideras como o que mais representa a cena hoje? (pode ser mais de um)

Marcela: Talvez repretar seja forte, mas existem espaços q pra quem quer ouvir o som, dançar e se divertir, eu indico o Solamar e o Parque dos Igarapés.

Rodrigo: Tu acompanhas os Dj's? Tens preferência por algum?

Marcela: Sim, sou muito fã da Cleide Roots, do casal Freedom Roots, da Mirian Roots, da dupla Black Lion e Dj Tarso.

Rodrigo: Tens algum envolvimento em movimentos ou equipes de reggae?

Marcela: Assim eu costumo dizer q eu sou o reggae, logo eu sou o movimento, estou envolvida em causas sociais e educacionais, onde o reggae sempre está inserido e vive.

Rodrigo: Queria que tu me falasses mais sobre teus projetos sociais e de que forma o reggae está envolvido

Marcela: O reggae já me trouxe e ainda trás pessoas fabulosas, q se conectam a mim d uma forma transcendental, através do reggae conheci movimentos q hj faço parte, cm o cursinho popular preparatório p ENEM, conheci meus amigos Jean e Alan, curtindo, dançando e sempre problematizando nossa realidade, foi então que em um dia surgiu a ideia de construir o cursinho na comunidade da Matinha, somamos nossas sabedorias e vontade e ele aconteceu e até hoje faz esse trabalho de icentivar moradores da comunidade a integrar o espaço das Universidades, principalmente as públicas!

Rodrigo: Pra ti, o reggae é um estilo de vida ou é um tipo de festa que tu gostas?

Marcela: O reggae é filosofia, é causa, é pensamento, é a raiz, daí a palavra roots.

Rodrigo: És envolvida ou conheces algum movimento rastafari em Belém?

Marcela: Aqui em Belém nunca ouvi falar em movimento rasta.

Rodrigo: Tu, como mulher preta, como é a vivência no reggae hoje? Há situações de assédio ou preconceito?

Marcela: Sim, muito. Até eu mesma sou assediada, vejo as outras manas sendo desrespeitadas, as pessoas q frequentam, na maioria homens não entendem ou não procuram saber sobre cultura de estupro, a maioria deles é homofóbico/transfóbico, machistas, misóginos é realmente preocupante.

Muitos deles e volto a mencionar homens, falam mal de maconha, o que eu vejo com muita hipocrisia.

Rodrigo: O que tu costumava consumir ao se preparar pra uma feste reggae?

Marcela: Não entendi bem a pergunta, mas sou careta eu acho rsr, não consumo álcool, ou outras drogas, só sou maconhista.

Rodrigo: Eu quis dizer o consumo no sentido financeiro mesmo. Quando tu vais pra uma festa de reggae. Quanto tu gastas aproximadamente.

Marcela: Mano, sério, eu quase não gasto, levo minha água, minha erva e geralmente eu não paga entrada rsr, então economizo bem, geralmente volto d carona, tudo numa boas hehehehe

Rodrigo: Qual é a tua relação com a dança no reggae?

Marcela: A dança foi a primeira relação q eu entendo q tive c a arte, eu danço desde a infância e quando aos 14 anos dancei a primeira vez reggae, não quis mais parar, me apaixonei, a dança me faz transcender, viajar, estar e sentir o espiritual, a dança me liga a minha ancestralidade, me liberta e me educa.

Entrevista com **Ras Lídio**, pioneiro DJ do Reggae em Belém do Pará.

Iniciei a Entrevista com Ras Lídio na casa da família Jackie Brown no dia 18 de novembro de 2023. Começamos falando sobre as impressões dele a respeito do show de Max Romeo no festival Se Rasgum, que ocorreu um dia antes da entrevista. Eu comentei que não falaram nada no jornal liberal sobre o show do Max Romeo, nem do Planet Hemp, nem do Marcos Vale. Apenas os artistas Pop e de Brega também. Lídio me contou que essa não é a primeira vez que deixam o reggae de fora da mídia. Tem muitas outras ocorrências. Expliquei para Ras Lídio sobre o meu trabalho. Mostrei uma parte do que eu havia produzido. Cury Pedra, que estava conversando conosco, comentou sobre as longas conversas de organização de eventos no movimento reggae na década de 90. Foram reuniões quase diárias para a organização dos primeiros tributos a Bob Marley. Todo o dia era um tema. Ras Lídio e Cury pedra me informaram sobre o Max Alvin, filho

do Ras Alvin, que é um dos pioneiros do reggae em Belém também. Tem muita história pra contar sobre o Reggae. Lídio considera também o Ras Fernando como um dos pioneiros do reggae. Fernando era marinheiro condutor de navio. Ele tinha contato com os marinheiros, trazia discos. Ele e Margalho, que já trazia discos por trabalhar em uma companhia de aviação. Janaci Roots também foi um dos primeiros Dj's, na Marambaia. Guinê e Pereira também foram citados por Lídio como precursores do reggae aqui em Belém. Apolinário também foi um elemento essencial, assim como Fumaça e a escolinha do fumaça, que há vários momentos se cruzou com as informações.

“Teve uma aparelhagem daqui do Pará que fez muito sucesso na década de 80, chamada Alvi Azul, que foi uma inovação para a época, devido aos auto falantes maiores e mais graves. O dono da empresa vendeu a aparelhagem para um empresário maranhense, que transformou a aparelhagem em uma radiola, adaptando os sons, que antes tocava mid back e brega, passou a tocar reggae.”

Ele e cury citaram o Leo, dono do Habitat do Reggae, Fernando, com a toca do Reggae, que foi a primeira casa de Reggae de Belém.

Lídio fala sobre a primeira festa da tribo de Jah, que ocorreu no African Bar. Nessa festa, ele, margalho e Fernando, que já se conheciam, conheceram Roberto Pinheiro e Ras Benji, que é uma das pessoas responsáveis, junto a Roberto, de trazer grandes nomes do reggae mundial para Belém e Maranhão. Lídio também comenta sobre o início do programa Susnplash Radio Reggae. Ele conta que Roberto conversou com Toni Soares para fazer um programa de reggae na cultura. Então, toni pediu ajuda para os Dj's Ras Margalho, Ras Benji e Ras Fernando com músicas para apresentar no programa. A partir de contribuições de colecionadores de vinil de Belém, a atração se firmou como o primeiro programa de reggae na rádio, na cidade de Belém. Um tempo depois, surgiram o meio dia e reggae e o reggae vibration.

A audiência foi muito boa do programa, muita gente ligava para pedir músicas. Cury disse que o telefone era congestionado. Tinha que ligar durante a semana para a cultura pra pedir uma música pro Toni tocar no sábado, que além de apresentador do programa, era diretor de programação da cultura.

Lídio falou também sobre como surgiu a toca do reggae, primeira casa de reggae. “No Fernando foi o seguinte, nessa onda toda, quando a gente tava com essa vontade de

criar um espaço de reggae, a gente esbarrou em uma dificuldade, que era o dinheiro pra alugar um espaço. Tinha um lugar na gentil, entre 14 de março e Alcindo Cacela. Era um bar muito bacana, que aceitou que os regueiros se reunissem no bar domingo, pra fazer a festa de reggae, mas ele cobrou 500 reais. Achamos muito caro. Todo mundo era liso. O melhorzinho era o Margalho, que trabalhava em companhia de aviação. Depois dele era o Alvim, que tinha uma banca de discos chamada Ases de Ouro. Eu era motorista do jornal O Liberal. Ainda tem as cervejas, que vão sair tudo do nosso bolso. Aquela onda toda. O Fernando falou que poderia ceder o quintal pra gente. A casa era na Passagem Secundino Portela, nº 8, Entrava por um chagão no quintal, que era a área cedida. Falamos pra galera né. O Toni Soares citou no programa: “Vamos fazer um reggae domingo, reunir uma turma. Quem quiser aparece lá.” A gente achou que não ia ninguém. E começaram a aparecer pessoas que a gente não conhecia. O povo começou a se conhecer. E cada domingo foi aumentando o público.”

O Roberto chamou pra fazer a festa de réveillon no parque a banda tribo de Jah em 1993, no mesmo ano que ela havia tocado no African. Foi uma festa maravilhosa. O melhor reveillon do Parque. A partir daí, o parque começou a ficar conhecido pelas festas de reggae que começou a produzir.

Rodrigo: Como começou sua jornada como DJ de reggae em Belém? Quais foram suas inspirações e motivações para entrar nesse cenário?

Ras Lídio: Pra começar, eu era um amante de reggae. Tinha alguns discos. Eu ouvi um disco de reggae em 1990, por acaso, que era do Jimmy Cliff, chamado “I follow my mind”. “Eu sigo a minha mente”, traduzido. Eu tinha uma banca com uns primos, que era na feira do guama. E lá, tinha um cara de nome Valdemar que vendia discos. Ele tinha esse disco. Eu achei muito massa a capa. As músicas eram muito bonitas. Eu comprei o disco e ouvia o tempo todo, sem saber que aquilo era reggae. Eu entendia como música internacional. Música caribenha e tals, naquele estilo. O meu primo, Jucivaldo, que trabalhou comigo na feira, se tornou socio do Valmir, dono do African Bar. O Valmir alugou o restaurante samambaia, que tempo depois se tornou o african bar. Ele abriu com o objetivo de fazer uma casa de dança. Aí aconteceu todo o lance de encontrar toda essa galera no show da tribo, por acaso. Nessas idas pra casa do Fernando (toca do reggae), não éramos dj’s, não tinha esse nome. Teve um dia que o Fernando disse que precisava

de alguém pra tocar, porque todos iam lá e colocavam seu disco. Aí eu entrei e fiquei tocando. Quem conhecia mais era o Margalho e o Alvim. Passamos a conhecer com o tempo. Com esse conhecimento do reggae pela galera, o Margalho começou a fazer umas festas. Teve um bar chamado Tao Reggae Music, onde o Margalho começou a tocar depois da toca do reggae. Aí foi aparecendo outros lugares. Nossa galera já tinha uma agenda, onde cada um tocava em um lugar.

Rodrigo: O PQC era da década de 90?

Ras Lídio: Era sim. Ele foi do final da década de 90. 96 pra frente. PQC já foi o Alvim. Nós já eramos Dj's. Quem começou com os pseudônimos de Dj foi o Margalho. Algumas pessoas que conversavam com ele chamavam ele de Ras Margalho. Perguntei o porque ras? Aí ele respondeu que era príncipe em jamaicano. E eu: "Ahh, eu também sou príncipe, vou ser Ras Lídio" e o Bernardo: "eu vou ser maerstro". E a gente criou esses codinomes. Aí o movimento foi crescendo.

Ras Alvim resolveu fazer uma casa de reggae, no Marex. Ele e seu filho, Max Alvim. Eles que tocaram pra frente o PQC. Eles eram muito roots. Já tinha umas coisas que fugia do roots. Dancehall, dub. Lá no PQC.

Rodrigo: Onde tu se encaixa, já consolidado como Dj pela massa regueira, chegou até o Espaço do reggae, como Dj do espaço?

Foi o seguinte, começou, nas primeiras festas que a Rita fez, A Rita já era frequentadora e era ex mulher do Naldo. Antes o espaço do reggae era dela. Já tinha outras casas. Primeiro, teve aquela casa da avertano rocha, da Bebel com Margalho. Belém Reggae Music. Já tava sendo divulgado. Muita gente ia nesse lugar. Eu toquei com maestro bernard muito no espaço do reggae e no Angustura bar, na Pedreira. Eu me tornei dj do Angustura depois que o maestro Bernard brigou com a rita, dona do espaço, e ela me chamou pra ser o Dj oficial de lá. Todo domingo eu tocava lá. E lotava. Era cara me ligando de icoaraci perguntando: "ê cara, quando é que tu vai tocar de novo lá no espaço?" Eu: "é no domingo". Ele "tu não quer tocar na segunda pra mim em tal lugar?". E eu fui aceitando, fui comprando disco. Na época o cd tava começando a ser usado também. Tinha um cara chamado Arturo. Tinha uma loja na 16 de novembro. A CD Store. Ele importava. Aí as vezes eu ia a tarde lá. Pegava uma caralhada de catálogos e eu escolhia. Assim fui conhecendo o que eu não conhecia. Margalho nos levou até o Arturo. Comprei

coleções inteiras. Os cds não eram baratos e não tinha pirataria, mp3 e tudo mais, ou tu comprava ou tu não tinha a música. A gente se dividia e fazia pacote, pra comprar mais barato. Eu, Margalho, Alvim. Quem comprava mais era o Alvim, porque ele vendia, né?

Ao olhar para trás, como você percebe a cena reggae no início de sua trajetória em comparação com os dias de hoje? Quais foram as mudanças mais significativas que testemunhou?

Eu, quando sou Dj, meu objetivo é fazer todo mundo dançar. Eu, como lídio colecionador, eu sou extremamente roots. Se tu for falar do new roots, por exemplo o Duane Stepherson, que faz new roots, se tu for ver, é o mesmo roots. Cadência, harmonia, tudo continua. Agora o lance é as vertentes que houveram. Os próprios jamaicanos ficaram em um movimento dançante. Os mais velhos não gostam por exemplo do groundation, que é uma puta banda. Naquela época de 1999, 1998, o Asward não era bem visto no mundo jamaicano, entre os rastas radicais. Tinha uma pegada mais jazzística, meio wave. O new roots é uma vertente que tava desde 2000 e pouco até hoje. Mas os mais radicais, mais antigos, não concordam que o new roots seja reggae.

Rodrigo: Eu percebi isso no tempo que eu ia no reggae. 2015, 2014. Fui a duas festas de reggae com dois públicos diferentes. No solamar e no Goldmar, onde um toca roots e o outro toca new roots, respectivamente.

Ras Lídio: Eu não compraria um disco de new roots que não fosse de uma banda que eu gostasse. Mas eu toco nas festas. Eu fui no Palafita. Aí quando tava o Anderson, ouvia muitas pedras. É diferente de ouvir o Alex, por exemplo. O Alex de vez em quando bota uma coisa fugindo do roots. O Alex conhecia bastante músicas. Ele e o Vanderson iam nos reggaes desde moleques, 15, 16 anos. O Vanderson comprava os discos e os cds da mesma banda. Ele é muita colecionador. Levei uma pilha de discos pro Alex. O pai do Alex tem muitos discos. Dei vários discos pra ele. Quando eu era Dj, do espaço do reggae, ele era moleque, não podia entrar porque era de menor, mas eu colocava ele pra dentro. Ele dizia que era primo do Dj pra entrar. Botava ele pra tocar. Ele diz que eu fui o mestre dele.

Rodrigo: Sobre a questão financeira. Eu vejo que se manter financeiramente como Dj é algo complicado no Brasil. Tu conseguiu em algum momento da vida tirar a renda principal como Dj?

Ras Lídio: Não. Não tinha como viver de festa. Quando eu entrei no reggae que já era profissional, eu era motorista do jornal O Liberal. Entrei como motorista. Tirei habilitação em 1985. Já dirigia, mas não tinha habilitação. As tocadass como Dj eram um extra, no final de semana. Só quem consegue é o Alex, porque ele tem uma alta divulgação. Até pra produtor de festa tá difícil. Aqui em Belém não dá. Mas no Maranhão dá, porque tem reggae todo o dia. O formato de mídia também influencia. Se é um dj virtual é um valor. Se é vinil é outro. Se tu conseguir tocar todo o final de semana, dá pra tirar uma grana. Mas não tem festa suficiente.

Teve uma casa de reggae, chamada Jamaica Reggae Club, na arterial 18, na cidade nova. Essa era uma casa que só tocava reggae. O PQC também se aproximou desse tipo ideal.

Entrevista com DJ **Cury Pedra**, no dia 18 de novembro de 2023.

Rodrigo: Como foi o início da sua trajetória como DJ na cena reggae em Belém? Pode nos contar sobre suas primeiras experiências e o que o motivou a se tornar um DJ ativo nesse movimento?

Cury Pedra: Iniciando antes, de ser Dj né? Isso aí surgiu na metade dos anos 1990, 95, 96. É através de um programa de rádio. O próprio sunsplash. E eu gostava muito de mid back. Eu era novo, tinha 14 anos. Não frequentava as festas à noite, porque não tinha idade, mas eu gostava muito de festas de aparelhagem. Eu morava em Icoaraci. Chegava aparelhagem lá eu ia lá para ver. Gostava e ainda gosto até hoje. Através de rádio, conheci o reggae. E através de amigos que foram morar próximos de mim, que me mostravam muito reggae. Mas a primeira música reggae que ouvi foi na rádio. Foi a música Small Axe, do Bob Marley. Foi paixão a primeira vista. Lembro até hoje. Comecei a gravar os programas no sábado. Lá em Icoaraci tinha um clube de reggae chamado conexão rasta. No período das rádios, eu ficava gravando as músicas. Tinha um trecho no programa de rádio que era sem vinheta no programa, já pra gravação. Comecei a gravar CD também. Então eu comecei nesse período aí. Mas como Dj mesmo, valendo, foi na década de 2000, no ano 2000 mesmo. Já com material. Tocava com fita e CD. A fita começou a ficar de lado nos anos 2000. Até o final de 90, muitos Dj's tocavam com fita. Sou colecionador agora. Tenho muitos discos, mas hoje, eu prefiro levar pra tocar em notebook.

Rodrigo: Você foi citado diversas vezes por suas apresentações no bar "Coisas de Negro" em Icoaraci. Como surgiu essa parceria e qual é a importância desse local para a cena reggae em Belém?

Cury Pedra: A gente iniciou no coisas de negro como dupla show, eu e daniel morais, no início de 2000. Já era uma casa que tocava carimbó. Sempre foi uma casa cultural o coisas de negro. No primeiro que nós fizemos, deu 8 pessoas. E olha que a gente convidou. A gente tocava no aparelho de dvd. As próximas festas deram muita gente. A gente fechava a rua. No meio da nossa sequência, a gente tocava reggae nacional, reggae clássicos, peter tosh, jacob muller. Queríamos criar uma identidade no local. Colocamos a banda cristal reggae que também entrou nos sábados com a gente. Em 2004, o Daniel teve que sair a trabalho. Aí eu fiquei sozinho. O dj nessa época nunca andava desarmado. Sempre andava com Mds, com uma sequência no gatilho. Eu toquei muito assim, com

amigos me pedindo pra tocar. Em 2007, eu fui morar em benevides, aí eu saí de lá. Aí o Enilson, que era da AMOR, ele tinha um programa de nome Reggae é cultura. Criamos o quarteto fantastico, que era uma equipe de Dj's. Nas festas, a gente revezava, eu e serginho, e Enilson e Daniel. A gente tocava em dupla, 1:30 pra cada dupla. E a dupla tocava uma de cada. Só que o Enilson teve que viajar, e daniel também. Aí ficou eu e serginho, lá no coisas de negro. E tocando por aí também. Esse nome, dupla show, quem colocou foi o Roberto Pinheiro. Aí em 2013, o reggae no parque tava bombando, e chamaram a gente pra lá. Nós tocamos em vários lugares. No solamar, tocava alternando domingos. Mas aí o trabalho começou a exigir mais tempo. Tava sem tempo pra estudar. Ficamos no parque direto, até 2016.

A mega paidegua, em 2016, foi criada pelo loirinho. Eramos os dj's oficiais da radiola. Mas tivemos que dar um tempo, devido aos outros compromissos da vida.

Rodrigo: Além do "Coisas de Negro", em quais outros lugares você costumava se apresentar? Existem locais ou eventos que foram especialmente significativos em sua carreira?

Cury Pedra: O parque, tocávamos todos os sábados. Mesa redonda, na João Paulo, toda a quinta. Era bombando essa casa, nos anos de 2013. Tinha uma resistência muito complicado lá próximo. Havia um prédio do lado do mesa redonda que reclamava das festas. E as pessoas reclamavam do barulho. A polícia chegava mais cedo. Aí ele teve que fechar.

Nós tocamos também no rainhas bar, comandado pelo alex. Tocamos uns meses lá. O circuito era quinta, mesa redonda. Sexta, rainhas. Sábado, Parque. Domingo, Solamar. Eu fiquei desgastado dessa vida. Aí eu me afastei. Serginho também teve que fazer outros trabalhos. Fizemos uma história em cotijuba também, no bar da Sandra.

Havia muito problema também com pagamento de Dj. Os donos da festa queriam pagar menos. As vezes nem pagava. Tava comprometendo encontros de familia também. Aí não deu mais.

Fui do movimento conexão rasta, de icoaraci. E a gente tocava em várias festas de movimentos.

Os programas de rádio, na década de 90, era o meio de se conhecer a música.

Rodrigo: Ao longo de sua trajetória, como você viu a cena reggae se desenvolver em Belém, desde o início até os dias de hoje? Quais foram as mudanças mais marcantes que você observou?

Cury Pedra: Olha, foi ver a primeira vez a tribo de Jah, claro que tem um monte de coisas. O primeiro show de um artista jamaicano, que foi o Culture. Bunny Wailer. A festa da recordação também, no Maranhão, é uma festa que eu sempre gostei. Já fui há 11 edições. Dessas 11, 6 eu toquei. Então foi uma emoção grande. Nunca pensei que iria tocar nessas festas. E em radiolas famosas, como a Itamaraty, Estrela do Som. Toquei no Recorda Maracanã, no Maranhão. Todo o mês de agosto as pessoas já ficam na expectativa. Passa um filme na vida, do início de tudo, na década de 90, nos clubes, até aqui.

Rodrigo: Como DJ ativo na cena, Tu acredita que houve alguma mudança na valorização da figurado Dj com o tempo.

Cury Pedra: Houve uma desvalorização. O que o Dj gasta com transporte de equipamentos, os próprios equipamentos, não vale a pena. O dono da festa estipula um valor, e é isso. Sempre tá abaixo do que a gente espera. Se tu reclamar ainda fica puto. O valor que o cara quer te pagar não cobre nada.

Rodrigo: Dos gêneros do reggae, tem algum que tu mais toca?

Cury Pedra: Sim, o Roots Reggae. Eu gosto de ouvir reggae eletrônico. Dentro do eletrônico, tem uma sequência 2000, que são os clássicos do eletrônico. Em eventos que eu vou tocar que tem um público mais antigo, eu gosto de misturar o Roots e o eletrônico. Quando toco no Solamar ou no Palafita, eu já não faço isso. Aqui é mais recordação

Entrevista com a Dj Cleide Roots

Rodrigo: Cleide, como foi o teu primeiro envolvimento com a cultura reggae?

Cleide: Foi 2004, num concurso que teve do Reggae Vibration, lá no BR Mania, feito pelo DR, né, que me levou ao mundo do reggae. Era do programa reggae vibration, do Roberto Pinheiro. Aí eu tirei o primeiro lugar. Dia 4 de fevereiro de 2004.

Rodrigo: Essa foi tua primeira apresentação, foi num concurso de reggae então?

Cleide: A partir daí eu não parei mais. Toquei 5 anos na radiola guerreira do som, uma radiola. Fiz várias participações de radiolas aqui em Belém, toquei um tempo no solar do reggae, no Br mania, como te falei. Toquei no Parque dos igarapés, no açaí biruta, no palafita, no mormaço, na maloca das amazonas e agora tenho tocado no Solamar.

Rodrigo: Tu, como dj mulher, quando começou a entrar nessa vida de DJ, tu percebeu algum tipo de discriminação por tu ser mulher e sendo a primeira, em uma área dominada por homens?

Cleide: Com certeza, já tive preconceito. Mas a gente vai, passando as barreiras, né. E tendo força, que é o principal, né?. Sempre tocando na humildade, respeitando a todos né? e todas. Isso é muito importante, a gente respeitar o trabalho de cada um. Isso daí é essencial em nosso trabalho.

Rodrigo: Com certeza. Cleide queria que tu desse uma impressão de quando tu começou a tocar pra agora. Como que tá o reggae atualmente aqui em Belém. Como tu visualiza essa cena reggae aqui?

Cleide: O reggae já foi muito mais forte aqui né. Hoje ele continua muito bom, mas ele já foi muito mais forte. Hoje, o reggae de Belém é o segundo mais forte do Brasil, na minha opinião. Só perde pro Maranhão, que é a Jamaica Brasileira.

Rodrigo: Tu sente que agora o reggae tá mais solido com os movimentos?

Cleide: Sim, vários movimentos, as uniões. Como eu, que sou madrinha de 5 movimentos. Sou da Laje Roots, Fares Roots, Ladys do Reggae, as Perolas, As mini radiolas. É muito reggae! Tem Jah Love, que é muito bom, tem triunfo do reggae. São muitos movimentos. Então é, a velha guarda. São muitos movimentos de reggae pra fortalecer a cena reggae de Belém. Isso é muito importante.

Rodrigo: Cleide, queria saber sobre a tua vida em relação aos movimentos sociais, de cunho político, de assistência. Como é o teu envolvimento e dos movimentos que tu faz parte?

Cleide: Eu faço muitas ações solidárias, muitas nem tem a ver com o movimento reggae. Muitos eu ajudo. Tem um movimento forte que é a laje roots. Tem as ladys do reggae, de mulheres, que elas também trabalham bem. E eu também faço muitos trabalhos solidários com o pessoal da igreja. A minha família praticamente a maioria é evangélica. Então eles tem os projetos em que eu ajudo também. Aquela movimento ou aquela pessoa que eu posso ajudar e que estiver ao meu alcance, eu faço com todo o amor. A minha vida não é só tocar não, eu bato nessa tecla de trabalhos sociais.

Rodrigo: Inclusive, falando da tua vida, hoje tu estais vivendo só com a renda de DJ, ou você tem outras rendas?

Cleide: Eu trabalho com vendas, autônoma. Mas a minha fonte de renda principal é como Dj de Reggae.

Rodrigo: Eu te acompanho nas redes sociais e vi que tu tocas as vezes de quinta a domingo em vários lugares. Como que fica o teu fôlego pra aguentar essa rotina pesada, tocando tantos dias sem parar.

Cleide: É como eu sempre falo. Quando a gente faz as nossas coisas com amor, com carinho e no tempo certo, você consegue, né? Repousando, dormindo legal. É o tempo. Eu consigo conciliar.

Entrevista via Whatsapp com Alex Roots, realizada no dia 05 de março de 2024.

Rodrigo: Como foi o início da sua trajetória como DJ na cena reggae em Belém? Pode nos contar sobre suas primeiras experiências e o que o motivou a se tornar um DJ ativo nesse movimento?

Alex: Boa tarde, meu amigo, tudo bom? Olha, como foi o início da trajetória como DJ? No início e o que me motivou foram meus amigos da escola, no caso, na época que eu estudava o Dr. Freitas, que é ali do ladinho quase da Santa Casa, na Generalíssimo, né? E existia um reggae já lá na Pedreira, 93 para 94, chamado Habitat do Reggae. Eles me convidavam todo fim de semana para ir para lá, e eu nunca ia. E a primeira vez que eu entrei, que eu vi, assim, um reggae, foi num show da Tribo de Jah no Parque. Isso aí eu fui antes de ir para o Habitat, no caso. Eu fui primeiro no parque assistir o show da Tribo, porque a Tribo foi a primeira banda de reggae do Brasil, que foi na Jamaica e tal, e como eles eram cegos e tal, e despertou a curiosidade. Porque eu já tinha visto, quando eu era criança eles no Fantástico. Saiu uma reportagem e eu vi eles lá. Eu falei, “caramba, uma banda só de cegos?” Aí eu fiquei pensando, “como é que o baterista bate aquela bateria lá e tal?” Aí eu fui no Parque dos Igarapés assistir esse show. Foi um dos primeiros do Parque, o primeiro show da Tribo no Parque. E eu me encantei, né? Só que eu vi só o show, já cheguei na hora do show que eu fui com os meus amigos meus e tal. Eu cheguei na hora do show, quando acabou o show eu já tava dormindo, que eu não bebia, eu não era de sair muito assim pra ficar muito na madrugada e tal. Aí depois que eu fui nesse clube chamado Habitat do Reggae, que só era DJ, né? Foi o que me deu assim, me despertou primeiramente em gravar de músicas que eu ouvia, que eu gostava, que eu achei legal, né? Algumas mais especiais e tal. E eu quis gravar. E eu comecei a gravar fita cassete com DJ de lá do habitat do reggae na época 93 para 94 por aí assim.

Rodrigo: Quais os lugares você costumava e costuma se apresentar? Existem locais ou eventos que foram especialmente significativos em sua carreira?

Alex: Os locais, eu acho que por onde existiu reggae aqui, do começo dos anos 90 até hoje, eu já toquei praticamente em todos os lugares. Minha primeira experiência como DJ foi em 1995, no canto do reggae, era o nome, ali na Lomas, era Pedro Miranda, próximo a Lomas, em frente aquele posto de gasolina. Rola até um carteadado lá, um negócio de um jogo de baralho e tal, dominó, fica muito com os idosos lá jogando, lá nesse lugar. Foi minha primeira experiência como DJ, junto com o Ras Fernando e o Getúlio, que tinha alugado lá para fazer, né? Foi muito boa a experiência da primeira noite tocando, né? Como eu já estava com um monte de amigos e colegas de escola, amigos que eu já conhecia desde 1993 pelo meio do reggae deu muita gente lá muita gente mesmo. Nesse dia, nossa única concorrência lá na banda da pedreira era a

Angustura Bar. Que ficava lá na ali do lado do supermercado Nazaré Angustura com a Duque. Então, eu toquei também na Angustura toquei no habitat, habitat eu peguei as aulas né? Toquei como dj nesse o canto do reggae e por aí vim me embora eu fiz o Rainhas Bar, Coco Verde, ali na Pedreira, Jamaica Palace que já é um pouco mais atual, Birutinha. Solamar eu entrei só lá mais 2003 toquei até 2006 depois saí, fui para o biruta depois voltei agora toco nos dois e outras domingueiras. E muitas outras casas. Shows e ocasiões que marcaram. Eu acho que foi o primeiro show do Gregory Isaacs no Parque, que foi em 1998, foi um show memorável. Muita chuva, mas também tinha muita gente. Ele não cantou muitas músicas, foi seis músicas só e o Lloyd Parks assumiu o show e foi muito bom. Da Donna Marie, que eu assisti também lá. Se eu não me engano, 1995. Teve o Ruffus Reggae, que veio o filho do Bob Marley, Ziggy Marley teve aqui. Os shows praticamente no parque eu toquei e quando eu não toquei eu fui em vários. Perdi alguns, Gladiators eu perdi, mas de 95, 96 para cá eu acho que praticamente já toquei em todos. Participei de todos assim.

Rodrigo: Ao longo de sua trajetória, como você viu a cena reggae se desenvolver em Belém, desde o início até os dias de hoje? Quais foram as mudanças mais marcantes que você observou?

Alex: Olha, essa trajetória e o desenvolvimento, o Reggae ele teve uma força em 94, 95, depois ele deu uma acalmada e voltou com força total de novo em 98, 99, aí deu mais uma quedinha, veio o Jacumbeira do Rio, o Porto Louco, o Bar do Índio, que é o Palafita hoje. Já faziam Pop Rock, o Porto de Marés, que foi o primeiro assim na beira do Rio, depois do Mormaço, que já é uma casa que tem mais de 50 anos de existência, eu acho. Já teve o, já veio pra cá o Porto Louco, o Solamar, aí a gente fez uma mudança marcante nesse altos e baixos do Reggae, foi quando eu saí Solamar, que eu fui pro Biruta, aquele Biruta da ladeira, que descia aquela ladeira, né, que era perto do porto ali, não é esse mesmo lugar de hoje, do biruta de hoje, tal. Foi a mudança de público. Eu saí do Solamar, fui pra lá, e lá eu consegui fazer um novo público, que foi uma galera mais jovem, né. Comparando com o dia de hoje, essa galera jovem, eles estão meio que pra outras vertentes, outros ritmos, trance, música eletrônica, né, e tal. Então, de lá pra cá, a gente não conseguiu ainda refazer esse público. Fazer, tipo, uma nova mudança, né. Trazer mais uma super galera como dessa época, pra fortalecer mais hoje. Hoje a gente entra, a gente vê sempre as mesmas pessoas e tal. E tudo, né? E a questão também da internet, né? Tempos atrás não existia rede social, a gente tinha dificuldade em relação à música, nome de música e tal, e hoje com a internet tem mais de 100 DJs na cena aqui de Belém, com certeza, e no Brasil, né? Porque a internet, ela veio pra revolucionar, ajudar, atrapalhar, ela veio pra tudo. Então esse também é um outro ponto de vista.

Rodrigo: Como DJ ativo na cena, Tu acredita que houve alguma mudança na valorização da figura do Dj com o tempo?

Alex: Pois é, como DJ ativo, nesse caso, sem parar, né, porque teve muito DJ que se afastou, casou, entendeu, sumiu anos, apareceu de novo, aí separou ou aconteceu alguma outra coisa que o cara precisou vir tocar de novo e tal, reapareceram. Mas eu não, desde 1994 que eu, quando eu comecei a tocar como DJ, para 95, até hoje, 2024, eu nunca parei, eu nunca sumi, eu nunca dei um tempo. Eu acho que por conta disso e durante todos esses anos a amizade que a gente fez, a gente tem uma demanda muito grande. A gente é desvalorizado em alguns locais, em alguns locais, outros locais a gente é valorizado e nesse jogo de cintura a gente vai levando a vida, né, porque hoje eu vivo do reggae. Então eu pago, sustento a minha casa, a minha família, com o reggae, tocando reggae e fazendo atividades pelo meio do reggae, tocando em todo o Brasil, por onde eu viajo, também já viajou por vários estados, São Paulo, Macapá, Fortaleza, Rio Grande do Sul, eu já toquei lá em Maringá, São Luís, dei uma rodada bacana por aí, aqui no estado do Pará também, vários locais aqui em Ananindeua, Marituba, Benevides e por aí vai. Toquei Castanhal, já toquei subindo pra Bragança, Igarapé Açu, Maracanã, ilha de Algodoal, ilha de Fortalezinha e por aí vai, já dei uma rodada legal, até Augusto Correia eu já toquei. Curuçá, Abaetetuba, e hoje, como te falei, com a demanda, está muito grande, muito alta mesmo, se eu fosse tocar mesmo, eu conseguiria tocar todo dia, eu acho, porque já me convidaram para tocar segunda, já convidaram para tocar quarta, aí quinta eu já toco, sexta, sábado e domingo, e por aí vai, mais ou menos isso.

Rodrigo: Dos gêneros do reggae, tem algum que tu mais toca?

Alex: Dos gêneros, vertentes que eu gosto mais de tocar, assim, é o Reggae Roots, entendeu? Mas a gente fez uma revolução tocando new roots ragga na época do Birutinha ali em 2006 Algodoal levamos o ritmo pra lá e a galera jovem também foi. Então tudo isso conta, mas assim o que eu gosto pessoal assim é do reggae roots é como eu toco por exemplo no Solamar várias vertentes mas é mais o roots mesmo né, no vinil e tal que eu acho bacana só que não é todas as músicas mas eu tenho as minhas preferidas que eu ouço em casa, entendeu?